

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO**

VANESSA SABRINA DE SOUZA

**ADVENTISMO E EDUCAÇÃO NO BRASIL: A APROPRIAÇÃO DA PRODUÇÃO
EDUCACIONAL DE ELLEN G. WHITE (1827-1915)**

PONTA GROSSA

2023

VANESSA SABRINA DE SOUZA

**ADVENTISMO E EDUCAÇÃO NO BRASIL: A APROPRIAÇÃO DA PRODUÇÃO
EDUCACIONAL DE ELLEN G. WHITE (1827-1915)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Oriomar Skalinski Junior.

Linha de Pesquisa: História e Política Educacionais.

PONTA GROSSA

2023

S729

Souza, Vanessa Sabrina de

Adventismo e Educação no Brasil: a apropriação da produção Educacional de Ellen G. White (1827-1915) / Vanessa Sabrina de Souza. Ponta Grossa, 2023. 147 f.

Dissertação (Mestrado em Educação - Área de Concentração: Educação), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Oriomar Skalinski Junior.

1. História da educação. 2. Ellen G. White. 3. Educação Adventista. 4. Brasil. I. Junior, Oriomar Skalinski. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Educação. III.T.

CDD: 370.981

TERMO DE APROVAÇÃO

VANESSA SABRINA DE SOUZA

ADVENTISMO E EDUCAÇÃO NO BRASIL: A APROPRIAÇÃO DA PRODUÇÃO EDUCACIONAL DE ELLEN G. WHITE (1827-1915)

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra no Curso de Pós-Graduação em Educação, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:



Orientador: Prof. Dr. Oriomar Skalinski Junior – UEPG



Prof. Dr. Célio Juvenal da Costa – UEM



Profa. Dra. Vera Lúcia Martiniak – UEPG

Ponta Grossa, 28 de fevereiro de 2023

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre estar ao meu lado, segurando minhas mãos, mostrando-me quais caminhos devo seguir, concedendo-me forças e inspiração para que eu concluísse esta jornada.

Ao meu esposo Sergio, por todo o incentivo ao longo de nosso casamento, por ter me encorajado a terminar o Ensino Médio e fazer vestibular, agradeço muito, por tudo, assim como pela compreensão da importância do processo de pesquisa, entendendo as minhas horas de dedicação.

Ao meu orientador prof. Dr. Oriomar Skalinski Junior, por sua organização e responsabilidade, com as quais me orientou com competência, contribuindo não apenas para meu desenvolvimento profissional, mas para meu desenvolvimento pessoal, e por isso lhe serei sempre grata.

Aos membros da banca examinadora: Prof. Dr. Célio Juvenal da Costa, Profa. Dra. Vera Lúcia Martiniak, Profa. Dra. Natália Cristina de Oliveira e Prof. Dr. Névio de Campos pela apreciação da presente dissertação.

Ao Grupo de Pesquisa História, intelectuais educação no Brasil e no contexto internacional pelas discussões que contribuíram para meu aprendizado.

A todos os professores que tive ao longo desses dois anos de mestrado na Universidade Estadual de Ponta Grossa, os quais contribuíram para o avanço de meu processo formativo.

À minha amiga e diretora da Escola Municipal Prefeito José Bonifácio Guimarães Vilela, Laureci T. T. de Souza, a qual sempre me incentivou e alegrou-se comigo pelas minhas vitórias.

À Secretaria Municipal de Educação de Ponta Grossa por conceder licença parcial para que eu pudesse realizar o Mestrado e participar de eventos acadêmicos.

RESUMO

SOUZA, Vanessa Sabrina de. **Adventismo e Educação no Brasil**: a apropriação da produção educacional de Ellen G. White (1827-1915). 2023. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2023.

O objetivo desta dissertação é analisar a produção educacional de Ellen G. White (1827-1915), escritora e líder religiosa fundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) nos Estados Unidos, com vistas a discutir a apropriação de suas ideias pelas escolas adventistas brasileiras. Buscou-se identificar as proposições elaboradas por ela, examinando-se seus princípios educacionais, apreendendo-se os objetivos, o currículo, o perfil do educador e a proposta formativa para o aluno. A pesquisa justifica-se a partir da demanda pela discussão das complexas relações existentes entre a religião, a religiosidade e a educação e, no caso em particular, também pelo interesse em avaliar a construção da expressiva rede de ensino edificada pela denominação. Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico e documental situada no âmbito da História da Educação, na qual destacadamente empregaram-se ferramentas conceituais tomadas da sociologia de Pierre Bourdieu. As produções educacionais de White utilizadas como fonte foram: os livros **Conselhos sobre Educação** (1889/1968); **Fundamentos da Educação Cristã** (1872/1974); **Educação** (1903/1977); **Conselhos a Pais, Professores e Estudantes** (1913/1975a); **Orientação da criança** (1900/1954); e o artigo **A devida educação**, o qual integra o livro **Testemunhos para a igreja. v.3** (1872/2009). Esses são os principais textos da autora sobre Educação e nos oferecem informações que possibilitam discutir os elementos de sua produção escrita que impactaram a organização e as práticas da Educação Adventista em nosso país. Os conceitos de capital social, capital cultural e capital simbólico, bem como o de campo religioso e de campo educacional, deram sustentação à análise empreendida acerca da dinâmica pela qual Ellen White, no seio de sua igreja, logrou construir prestígio e *status*. De modo a obter tratamento diferenciado e, efetivamente, ser entendida como uma profetisa escolhida por Deus, visto que, notadamente, a partir de suas alegadas visões, legitimou seu discurso. Como resultados da investigação, verificou-se que Ellen G. White foi uma intelectual que operou, especialmente, na fronteira do campo religioso com o educacional, formulando ideias que tiveram um amplo alcance. Ao propor e sistematizar conhecimentos, promoveu avanços na Educação Adventista, atuando como um alicerce educativo, por meio da apresentação de fundamentos filosóficos e da proposição de práticas. Ao empregar variados meios de ação, Ellen White atuou efetivamente como uma intelectual, tendo trazido importantes ideias para a área educacional, as quais direcionaram a formação de uma Pedagogia Adventista, cuja apropriação ocorreu também pelas escolas adventistas no Brasil.

Palavras-chave: História da Educação; Ellen G. White; Educação Adventista; Brasil.

ABSTRACT

SOUZA, Vanessa Sabrina de. **Adventism and Education in Brazil: the appropriation of Ellen G. White's (1827-1915) educational production.** 2023. 149 f. Dissertation (Education Master's Program) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2023.

The aim of this dissertation is to analyze the educational production of Ellen G. White (1827-1915), writer and founding religious leader of the Seventh-day Adventist Church (IASD) in the United States, with a view to discussing the appropriation of her ideas by Adventist Brazilian schools. We sought to identify the propositions elaborated by her, examining her educational principles, apprehending the objectives, the curriculum, the educator's profile and the educational proposal for the student. The research is justified by the demand for the discussion of the complex relationships between religion, religiosity and Education, and, in this particular case, also by the interest in evaluating the construction of the expressive teaching network built by the denomination. This is a bibliographical and documentary research located within the scope of the History of Education, in which conceptual tools taken from the sociology of Pierre Bourdieu were prominently used. White's educational productions used as a source were: the books **Councils on Education** (1889/1968); **Fundamentals of Christian Education** (1872/1974); **Education** (1903/1977); **Counsels to Parents, Teachers, and Students** (1913/1975a); **Child Guidance** (1900/1954); and the article **A proper education**, which is part of the book **Testimonies for the church. v.3** (1872/2009). These are the author's main texts on Education and offer us information that makes it possible to discuss the elements of her written production that impacted the organization and practices of Adventist Education in our country. The concepts of social capital, cultural capital and symbolic capital, as well as the religious field and the educational field, supported the analysis undertaken about the dynamics through which Ellen White, within her church, managed to build prestige and status. In order to obtain differentiated treatment and, effectively, to be understood as a prophetess chosen by God, since, notably, from her alleged visions, legitimized her speech. As a result of the investigation, it was verified that Ellen G. White was an intellectual who operated, especially, on the frontier of the religious field with the educational one, formulating ideas that had a wide reach. By proposing and systematizing knowledge, promoted advances in Adventist Education, acting as an educational basis, through the presentation of philosophical fundamentals and the proposition of practices. By employing varied means of action, Ellen White effectively acted as an intellectual, having brought important ideas to the educational area, which directed the formation of an Adventist Pedagogy, whose appropriation also occurred by Adventist schools in Brazil.

Keywords: History of Education; Ellen G. White; Adventist Education; Brazil.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Casa comercial do senhor Davi Hort, local em que chegou o pacote de literatura adventista em 1884. Foto tirada na década de 1990.....	39
Figura 2: Colégio Internacional de Curitiba 1895 – Curitiba, PR.....	46
Figura 3: Colégio Internacional de Curitiba 11 de julho de 1896 – Curitiba, Brasil.....	46
Figura 4: Discentes e docentes do Colégio Internacional de Curitiba, seis meses após a fundação, em 1896.....	47
Figura 5: Discentes e docentes do Colégio Internacional de Curitiba, em frente à sua segunda sede.....	48
Figura 6: Edifício escolar e dormitório do Colégio de Gaspar Alto.....	50
Figura 7: Igreja de Gaspar Alto, SC. Segunda Conferência do Estado, por volta 1906.....	50
Figura 8: Prédio do Colégio e gráfica em Taquari no RS, em 1985.....	52
Figura 9: Primeira edição do periódico, publicado em julho de 1900, p. 1-2 (Acervo SBC- Sociedade Brasileira do Criacionismo)	55
Figura 10: Colégio de Taquari, RS, em 1906, onde funcionava a tipografia da Sociedade Internacional dos Tratados do Brasil.....	56
Figura 11: Primeira edição do periódico que mais tarde com o nome mudado para Revista Adventista.....	57
Figura 12: Primeira edição mensal em janeiro de 1908	58
Figura 13: Primeira edição com o nome Revista Adventista.....	58
Figura 14: Comemoração do cinquentenário das publicações adventistas no Brasil.....	60
Figura 15: Casa Publicadora Brasileira, Editora Adventista, antiga Sociedade Internacional dos Tratados do Brasil.....	60
Figura 16: Capa colorida da revista, janeiro de 1955.....	61
Figura 17: Ellen Gould White.....	64
Figura 18: Prédio novo em Battle Creek (1865)	76
Figura 19: Da esquerda para a direita: Ellen G. White, William Clarence White – filho mais novo, o pai Tiago White, e Edson White – filho mais velho.....	77
Figura 20: Sanatório Western Health Reform Institute, Battle Creek 1867.....	82
Figura 21: O Battle Creek College, em 1874. Atual Andrews University.....	85

Figura 22: Healdsburg College, fundado em 1881, e posteriormente transformado no Pacific Union College.....	88
Figura 23: Escola Avondale na Austrália.....	90

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – Adventistas no Brasil: Cultura, Religião e Educação	28
1.1 A fundação da Igreja Adventista do Sétimo Dia nos Estados Unidos da América.....	28
1.2 A Teologia da Igreja Adventista do Sétimo Dia- IASD.....	32
1.3 A importância da educação para a Igreja Adventista do Sétimo Dia.....	35
1.4 O início da circulação de literatura religiosa adventista no Brasil, precedendo a vinda dos missionários.....	38
1.5 A chegada dos primeiros missionários adventistas no final do século XIX.....	40
1.6 Adventismo e educação no Brasil do século XIX.....	42
1.7 A influência cultural e religiosa do adventismo.....	53
CAPÍTULO 2 – Trajetória intelectual de Ellen G. White	64
2.1 Ellen White: origem familiar.....	66
2.2 Ellen White e sua inserção no campo religioso.....	69
2.3 Ellen White e seu capital simbólico.....	74
2.4 A reforma de Saúde.....	78
2.5 Primeiros passos para um novo sistema educacional.....	82
CAPÍTULO 3 – Produção educacional de Ellen G. White	95
3.1 Princípios educacionais na obra de Ellen G. White.....	95
3.2 Filosofia Educacional Adventista.....	110
3.3 A influência das proposições educacionais de Ellen G. White nas escolas adventistas brasileiras.....	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
REFERÊNCIAS	140

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objetivo analisar as relações entre o Adventismo e a Educação no Brasil, a partir da apropriação realizada da produção educacional de Ellen Gould White (1827-1915). Trata-se de uma intelectual adventista em destaque entre os séculos XIX e XX, como escritora e como líder religiosa fundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia – IASD. Sua obra e orientação exercem importante influência na denominação até os dias atuais. Destacou-se pela publicação de muitos livros e artigos, por meio dos quais defendia valores e interesses do seu grupo religioso, atuante no espaço público e em seu meio particular, fosse através da publicização de suas alegadas visões místicas, de suas palestras ou de suas publicações. Busca-se discutir de que maneira a produção de Ellen G. White impactou a organização e as práticas da educação adventista no Brasil. O que nos possibilita levantar as questões: haveria segundo as orientações da autora um modelo ideal de educação, educador e currículo na Pedagogia Adventista? Como ocorreu a apropriação de suas ideias no seio das particularidades do campo educacional brasileiro?

O interesse pelo estudo do tema deu-se a partir da importância em se pesquisar uma trajetória intelectual pertencente ao campo religioso protestante, cuja ação repercutiu no cenário educacional, o que pode oferecer uma discussão em contraponto, visto que no catolicismo há vários intelectuais estudados nesse sentido. A partir das leituras empreendidas em torno do objeto de pesquisa, confirmou-se que Ellen G. White possuía relevância acadêmica e social, a considerar sua ação como liderança protestante. Fosse nos Estados Unidos, berço do adventismo, fosse nos campos religioso e educacional brasileiros, sendo significativo aprofundar os estudos acerca dessa mulher. A autora destacou-se como líder religiosa, em um contexto predominantemente masculino, em uma época em que sequer se falava em igualdade de gênero. Mas de que maneira uma mulher despontaria como líder de um movimento religioso protestante em pleno século XIX? Em nossa busca por respostas Medeiros (2018) nos auxilia, ao falar sobre a ascensão de uma liderança carismática: “Inicialmente precisamos saber que as massas não criam movimentos; no máximo os apoiam. Todos os movimentos necessitam de líderes – pessoas com

capacidade de organizar e focar o descontentamento [para] dar-lhe direção e intenção”. (MEDEIROS, 2018, p. 79).

Segundo o autor, podemos observar que as massas apresentam demanda por uma liderança, que os guie em determinada direção. E essa liderança emerge quando algum desses sujeitos consegue organizar as pessoas em torno de um descontentamento comum, o que nos leva a considerar a circunstância em que Ellen White emergiu como líder de um segmento do campo religioso. Estando presente entre o grupo de mileritas, seguidores de Guilherme Miller (1782-1849), que aguardavam o retorno de Cristo, no dia 22 de outubro de 1844, o grupo encontrava-se em um momento de fragilidade e decepção, diante do não cumprimento da profecia de Miller. A partir de então, Ellen White percebendo a necessidade de readaptar e reorganizar o grupo, compartilhou as visões que ela alegava receber de Deus, e dessa maneira o movimento milerita passaria progressivamente a assumir uma nova identidade, a qual seria construída sob o nome: adventista. (MEDEIROS, 2018). Segundo Douglass (2003) White se posicionava como uma mensageira do Senhor, e a massa a aceitava como porta-voz de Deus. Ao analisarmos essa condição, verificamos que isso a fazia conseguir maior aprovação daquele grupo de religiosos, pois não contestariam as escolhas de Deus.

Outra questão importante pode ser pensada a esse respeito, a partir de Sigmund Freud, particularmente, em seu texto **Psicologia de Grupo e a Análise do Ego**, originalmente publicado em 1921, qual seja, o fato da multidão desejar ser dominada por uma autoridade, apresentando sede de submissão, uma espécie de tendência da massa em se organizar em torno de uma liderança. Segundo Freud (1921/2011) o ser humano no seio de um fenômeno de grupo buscaria alguém que pudesse conduzi-lo em suas escolhas, e certamente foi tranquilizante para aquele grupo milerita, que fossem conduzidos por uma líder considerada “escolhida por Deus”.

A partir de seu capital simbólico, Ellen White destacou-se como uma liderança feminina, não feminista, em um contexto predominantemente masculino, sobre o qual exercia grande influência, tendo contribuído para a criação de uma educação propriamente adventista. Foram encontradas durante as buscas pesquisas dentro desse escopo, mas não foi verificado trabalho acadêmico com o enfoque pretendido nesta dissertação, a saber, o de verificar de que maneira a obra dessa intelectual

repercutiu nos campos religioso e educacional brasileiros, notadamente na progressiva conformação de uma rede de educação adventista.

Para que possamos avaliar como Ellen White pode ter exercido a posição de intelectual, precisamos discutir essa definição. Os intelectuais em nossa sociedade já foram classificados como mediadores de conflitos, organizadores culturais, produtores de capital simbólico, entre outras perspectivas. Segundo Sirinelli (2003) o termo intelectual apresenta um caráter polissêmico, polimorfo de difícil definição, apresentando várias modificações. Pode-se pensar em dois significados desse termo, o primeiro os entende de maneira mais ampla como criadores e mediadores culturais, no caso os escritores, jornalistas e professores; já o outro significado seria mais restrito, baseado na noção de engajamento. Portanto, conforme o próprio autor nos esclarece é difícil uma definição rígida a respeito do termo intelectual, tornando-se complexo comparar as épocas, devido a mudanças sociológicas ocorridas ao longo da história, variações essas que não podem ser desconsideradas, pois em seu contexto nos possibilitam a discussão sobre o termo.

A considerar a importância da História Intelectual, a qual perpassa pelo domínio de vários campos conhecimento, vale analisar suas operações, suas práticas e seus critérios, levando em conta o momento histórico e as formas de agir e de produzir do intelectual. Segundo Sirinelli (2003) a História Intelectual tornou-se rapidamente um campo histórico autônomo e aberto, onde se cruzam as Histórias Política, Social e Cultural. Vieira (2008) destaca, especialmente, o fato da história dos intelectuais ser intimamente atrelada à História Política, analisando os processos de produção, de circulação e de recepção de ideias, proporcionando a reflexão sobre os discursos político, artístico e educacional. Segundo Silva (2002), a História Intelectual proporciona a avaliação da atuação dos intelectuais na sociedade, contemplando suas estratégias de ação, considerando dois eixos de análise: a do funcionamento de uma sociedade intelectual, baseando-se nas práticas empregadas pelo *habitus* incorporado; e o recorte temporal, que apresenta a maneira como atuaram os intelectuais num dado momento, a partir de sua visão de mundo. Portanto, faz-se necessário situá-los dentro de um contexto, o qual deve levar em conta o tempo e as maneiras de agir e de pensar da época.

Com vistas a compreender o posicionamento dos intelectuais, seu engajamento e seu lugar na sociedade, Dosse (2007) nos ajuda a refletir, servindo-

nos como referência para analisar o intelectual por meio de suas ideias. Segundo o autor, é necessário entender que os intelectuais já existiam, mesmo antes do conceito ter ganhado corpo e projeção durante o caso Dreyfus. Para Pierre Bourdieu (1989), os intelectuais podem ser definidos como produtores de capital simbólico, o que nos permite analisar o campo em que estão inseridos, bem como a maneira como atuam e se mobilizam em diferentes disputas pelo poder. Conforme destaca Leclerc (2003), o intelectual é engajado na vida pública e ao mesmo tempo produz obras, ganhando visibilidade midiática e política, o que lhe confere a possibilidade de interferir de maneira importante junto às estruturas do espaço social.

Diante dos variados posicionamentos que buscaram definir o papel dos intelectuais, avaliamos a atuação e a condição de Ellen White, efetivamente, como a de uma intelectual que operou na fronteira dos campos religioso e educacional, tendo interferido de modo decisivo na estrutura dos mesmos. White fez oposição a ideias educacionais defendidas por alguns líderes da sua denominação, travando disputas de poder dentro daquele campo, conseguindo implementar um modelo para educação dos adventistas. Desempenhou ainda um papel de intelectual mediadora, conforme o conceito mais amplo trabalhado por Gomes e Hansen (2016), que entende o intelectual mediador também como um produtor cultural. Ellen White mediava e produzia novos conhecimentos a partir da apropriação que fazia dentro do seu grupo religioso, atuando de maneira a impactar a dinâmica no interior da denominação. Evidencia-se que através da construção de um significativo capital social e simbólico naquele meio religioso, Ellen White adquiriu *status* e prestígio, obtendo um tratamento diferenciado sendo, até mesmo, entendida como uma profetisa escolhida de Deus. White fazia uso de suas alegadas visões dadas por Deus, para legitimar seu discurso, o que lhe proporcionava aceitação entre a maioria do grupo.

Ellen White utilizava seu capital simbólico para confrontar outras lideranças de sua denominação a respeito da educação, em busca de persuadi-los atuava ativamente em diversas áreas, procurando exercer forte influência naquele grupo religioso, o que efetivou sua atuação intelectual de notoriedade. Tal fato precisa ser entendido em acordo com as particularidades do campo religioso em questão, pois, conforme destaca Pierre Bourdieu, a construção da realidade social não é um empreendimento individual, mas sim um empreendimento coletivo efetivado

segundo o conjunto particular de regras e valores de um campo social. A união desses recursos de poder adquiridos determina o lugar que os agentes irão ocupar dentro do seu grupo, segundo Bourdieu, o poder simbólico – assim como o capital cultural – é um poder social fundamental, reconhecido e legitimado, o qual distribui os agentes no espaço social de acordo o volume de seu capital. (BOURDIEU, 2004a).

O capital simbólico ao ser edificado, a partir do reconhecimento e da valoração coletiva, efetiva-se legitimado e se torna um poder fundamental na estrutura social. As disposições atinentes ao *habitus* com suas estruturas mentais pelas quais se apreendem o mundo social, uma vez interiorizadas pelos agentes de um campo, no caso o campo religioso, oferecem um balizamento de condutas que são critérios de pertencimento ao grupo. Tal fato implica em que as pessoas busquem um ajustamento às normas e práticas já estabelecidas. Segundo Bourdieu (2007a), trata-se do:

[...] exercício legítimo do poder religioso enquanto poder de modificar em bases duradouras as representações e as práticas dos leigos, inculcando-lhes o *habitus* religioso princípio gerador de todos os pensamentos percepções e ações segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural, ou seja, objetivamente ajustados aos princípios de uma visão política do mundo social. (BOURDIEU, 2007a, p. 57).

Portanto, os leigos que pretendem ser aceitos em um determinado grupo religioso, tendem a se adequar ao *habitus* daquele meio, sendo necessário vivenciá-lo, respeitando os detentores do capital simbólico, aquelas autoridades propriamente religiosas que tentam monopolizar os bens de salvação. Ellen White era considerada uma autoridade religiosa em seu meio, e ao longo de sua vida ocupou posições importantes, tendo transitado em diversos campos sociais e tendo influenciado em grande parte a filosofia adventista. É fundamental compreender a religião sociologicamente, considerando os grupos opressores e oprimidos, e nessas questões contamos com a contribuição de Bourdieu (2007a) ao tratar da gênese e da estrutura do campo religioso, pois destaca a religião como forma de comunicação, que possibilita condições favoráveis para que a mensagem seja compreendida e aceita pelo grupo, com a pretensão de arquitetar explicações de mundo, objetivando atender as demandas e ansiedades existentes.

O adventismo é um movimento religioso protestante, pertencente a Igreja Adventista do Sétimo Dia – IASD, originário dos Estados Unidos da América e que chegou ao Brasil no final do século XIX, tendo se espalhado mundialmente como denominação religiosa e como uma vasta Rede Educacional, que vai desde a Educação Infantil até o Ensino Superior estando presente em 145 países. (MENSLIN, 2015). Faz-se necessário compreender as bases deste movimento religioso, analisando qual sua repercussão nas áreas cultural, religiosa e educacional brasileiras, entendendo como utilizaram variados instrumentos de comunicação para consolidar a intencionalidade da propagação de sua mensagem religiosa, com objetivo proselitista. Dentro deste contexto é fundamental compreender qual o impacto de uma das pioneiras da igreja, a saber, Ellen White, na educação adventista conforme efetivou-se no Brasil, buscando compreender de que maneira a sua produção impactou o sistema educacional pertencente a igreja, sendo ela uma mediadora e produtora cultural em circulação nesse campo religioso, com um capital simbólico respeitado.

O Adventismo iniciou no Estados Unidos na primeira metade do século XIX, de maneira interdenominacional. Originado do grupo de mileritas, assim conhecidos por serem seguidores de Guilherme Miller, esse movimento era composto por membros de várias denominações religiosas, como os metodistas, batistas, quakers, congregacionistas e presbiterianos. (GONÇALVES, 2009). Após Miller realizar o estudo do Livro de Daniel – bíblico – e o relacionar a acontecimentos da história mundial, pois segundo ele, o livro estaria descrevendo uma espécie de linha do tempo em que os acontecimentos históricos teriam sido descritos antes de acontecerem, e outros ainda estariam por se cumprir. Em seu quadro de análise Miller apontou para a data do retorno de Cristo, que em sua avaliação ocorreria em 1844, evento no qual os fiéis seriam levados para o céu. A partir de suas conclusões Miller iniciou a pregação em torno do assunto, reunindo vários seguidores. A não concretização do acontecimento conforme vaticinado por Miller culminou no chamado “Grande desapontamento”, ou “decepção milerita”, pois na ocasião muitos deles haviam vendido suas propriedades e distribuído dinheiro aos pobres, crendo que na data determinada ocorreria a volta de Jesus. (BORGES, 2000a).

Esta decepção causou o fracionamento do movimento milerita em três partes, uma parte retornou para as suas igrejas de origem, outros por sua vez, devido o

ocorrido abandonaram a fé, e a terceira parte resultou em outro segmento religioso, que posteriormente se tornaria a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Esse último grupo, estando determinado a entender no que haviam se equivocado, persistiram em investigação bíblica chegando a outras conclusões, momento em que se iniciou a construção da teologia da missão adventista (DAMSTEEGT, 1977), pois houve um reavivamento (ânimo renovado) daquele grupo, do qual Ellen White era uma das líderes. A partir de então, White passou a dar orientações ao grupo, as quais alegava ter recebido de Deus, por meio de visões, a fim de encaminhá-los na devida direção. A Igreja Adventista do Sétimo Dia – IASD – seria oficialmente constituída em 21 de maio de 1863, numa reunião de membros ocorrida no estado de Michigan, Estados Unidos. (GONÇALVES, 2009).

A partir de então, houve um crescimento no número de pessoas que acompanhavam o grupo, mais unificados em suas crenças, conquistaram novos seguidores, em diversos lugares dos Estados Unidos (CRES, 2020). Desde esse momento a igreja se espalhou pelo mundo, e hoje está presente em 216 países, dos 221 reconhecidos pela ONU, aumentando o seu número de membros (MENSLIN, 2015). Atualmente a Igreja Adventista do Sétimo Dia, além da rede educacional, possui uma vasta rede de saúde com 681 hospitais, clínicas e orfanatos, uma organização de ajuda humanitária conhecida como ADRA - Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais, que atua quando há ocorrência de desastres naturais ou causados por ação humana, nos quais a população necessita de socorro imediato, prestando-lhes auxílio assistencial. Além disso, possui 23 fábricas de alimentos naturais, canais de televisão, rádio, gráficas e editoras, essas duas últimas, tem ao longo de sua história contribuído para além da literatura religiosa, também com publicações ligadas à saúde física e mental. (ANNUAL STATISTICAL REPORT, 2020).

Ellen White trouxe contribuições intelectuais, pois a autora possui um relevante papel na história da Igreja Adventista do Sétimo Dia, como uma das pioneiras e fundadoras da igreja, destacando-se na implantação dos princípios que orientam a filosofia adventista, entre os quais a educação. Escreveu mais de 5.000 artigos e 49 livros, incluindo compilações de seus manuscritos, chegam a mais de 150 livros, que abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo religião, educação, saúde, relações sociais, evangelismo, profecias, nutrição e

administração. Tendo seus livros sido publicados em cerca de 150 idiomas, segundo o Centro de Pesquisas Ellen White, mantido pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo-UNASP, de Engenheiro Coelho (CENTRO DE PESQUISAS WHITE, 2022). Como profetisa de sua denominação religiosa é considerada como mediadora de Deus para passar orientações aos fiéis, visto a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) crer que tem a missão dada por Deus para a proclamação do evangelho a toda criatura antes do retorno de Cristo. White destacou-se em seu meio religioso pois era mediadora, produtora intelectual e detentora de um capital simbólico que lhe foi atribuído e legitimado naquela estrutura social. A considerar isso nossa proposta de investigação justifica-se frente à significativa presença adventista no meio educacional, e com vistas a compreender de que maneira os capitais cultural e simbólico de Ellen White, expressos em sua produção de bens culturais, impactou as práticas educacionais adventistas, particularmente analisando de que maneira a Rede Educacional Adventista brasileira se apropriou das orientações da autora religiosa.

O referencial teórico desta dissertação está pautado em autores da História Intelectual, da História Cultural e da Sociologia, com destaque para o sociólogo francês Pierre Bourdieu, que traz conceitos importantes para a nossa organização e interpretação de conteúdos relativos ao tema, tais como os de campo, capital cultural, capital social, capital simbólico e *habitus*. Serão empregadas como fontes livros de Ellen White, quais sejam: **Conselhos sobre Educação** (1889/1968); **Fundamentos da Educação Cristã** (1872/1974); **Educação** (1903/1977); **Conselhos a Pais, Professores e Estudantes** (1913/1975a); **Orientação da criança** (1900/1954); o artigo **A devida educação**, que compõe parte do livro **Testemunhos para a igreja. v. 3** (1872/2009). Todos esses documentos são considerados norteadores da educação adventista, tratando da importância do desenvolvimento educacional integral, nos aspectos físico, mental, moral e espiritual. Neles a autora destaca várias orientações para que se concretize a educação ideal, segundo seu ponto de vista, a qual seria permeada por valores cristãos e protagonismo educacional, objetivando a formação de cidadãos pensantes e convictos de seu papel social, apontando caminhos a serem seguidos para o alcance dos objetivos educacionais adventistas.

Também são fontes importantes para nosso trabalho o **Projeto Político Pedagógico do Sistema Educacional Adventista no Brasil**; o documento **Pedagogia adventista** (2009), publicado pela Confederação das Uniões Brasileiras da igreja Adventista do Sétimo Dia; o Centro de Pesquisas Ellen G. White, mantido pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo – UNASP, de Engenheiro Coelho; e a **Revista Kerygma**, um periódico científico da Faculdade Adventista de Teologia (FAT), do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), concentrado na área de Ciências da Religião e Teologia.

Destacam-se como literatura de apoio referente ao adventismo para a presente dissertação as seguintes obras: **Educação adventista 120 anos: das escolas paroquiais a uma rede de ensino permanências e rupturas de um ideário educacional**, de Douglas Menslin (2015); **Filosofia Básica da Educação Adventista**, de E. M. Cadwallader (2006); **Breve História dos Adventistas do Sétimo Dia**, de George R. Knight (2000); **A época e a obra pioneira de Guilherme Stein Jr: um ensaio sobre as origens**, Ruy Carlos de Camargo Vieira (2015); **Portadores de luz: História da Igreja Adventista do Sétimo Dia**, de Richard Schwarz e Floyd Greenleaf (2009); **O Celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**, de Antônio Gouvêa Mendonça (1995); **História do Adventismo**, de C. Mervyn Maxwell (1982); **Carisma êxtase e perda da identidade na veneração ao líder**, de Charles Lindholm (1993); **Filosofia da Educação Cristã: uma Abordagem Adventista**, de Renato Gross (2012); **Messageira do Senhor: o ministério profético de Ellen G. White**, de Hebert E. Douglass (2003); **A mensagem – História do Adventismo e a sua chegada ao Brasil**, de Michelson Borges (2000b).

Ainda, diversos trabalhos acadêmicos corroboraram para a fundamentação desta dissertação, dentre os quais destacam-se: **Análise dos escritos sobre educação de Ellen Gould White e a educação popular de Paulo Freire**, de Ivan Bueno da Fonseca (2015); **Educação Física Escolar: reflexões e ações a partir da Filosofia Educacional Adventista**, de Giseli Zilli Pércio França (2015); **Alguns princípios e propostas para o educador do século XXI à luz da obra de Ellen White, Paulo Freire e Edgard Morin**, de Jeane Cristina Oliveira de Brito Gomes (2006) ; **A educação adventista no Brasil: entre os fins do século XIX e início do XX**, de Francisco Luis Gomes de Carvalho (2012); **Parâmetros da educação nos**

escritos de Ellen G. White implicações para o currículo e para a educação adventista na atualidade, de Werlei Gomide Melo (2019); **Educação como obra missionária: a educação como instrumento de difusão da filosofia adventista**, de Enilce Barbosa Martins (2008); **Memória e religião: análise de aspectos discursivos do sistema educacional adventista no Brasil**, de Thiago da Costa Barros Macedo (2018).

Para mapear os estudos realizados a partir do tema de pesquisa, foram acessados os seguintes sites/portais: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, Portal de Periódicos da CAPES, Scielo, Google Acadêmico, Portal de Periódicos Científicos da Faculdade Adventista de Teologia (FAT) – do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). A busca foi feita com os seguintes marcadores: Ellen White; Ellen White e educação e Intelectuais Adventistas; Adventista; Adventismo Norteamericano; Adventismo brasileiro; Pioneiros do adventismo; Educação adventista. A facilidade na busca, e mesmo no acesso, proporcionados por tais plataformas digitais é um facilitador para os pesquisadores em História da Educação, que podem localizar e acessar produções científicas que podem alavancar seus estudos.

Os avanços tecnológicos trouxeram algumas facilidades para pesquisas no campo da história, particularmente, as proporcionadas pela digitalização de fontes e sua disponibilização em redes eletrônicas. O acesso às versões digitais de diferentes modalidades de fontes, especialmente às mais antigas, tornou-se um instrumento valioso que serve aos pesquisadores das diferentes áreas que realizam pesquisas históricas na medida em que pode eliminar muitos entraves de ordem prática. A possibilidade de acessar fontes sem a necessidade de grandes deslocamentos traz, obviamente, uma nova dinâmica para as pesquisas. (SKALINSKI JUNIOR; TOLEDO, 2012, p. 255-256).

Como podemos ver a utilização de fontes, ou mesmo de bibliografias de bases, em versões digitais, auxiliam grandemente o trabalho do pesquisador. Conforme Skalinski Junior e Toledo (2012) suprimem-se alguns entraves, além de favorecer a agilidade e a otimização do tempo do pesquisador, permitindo-lhe acesso mais funcional, rápido e menor volume físico para arquivar suas fontes de estudo.

Dentre os estudos encontrados, foram selecionados apenas os que tinham maior proximidade com a temática de investigação desta dissertação. Assim,

foram privilegiados trabalhos que tinham como objeto Ellen White, a religião adventista e a educação adventista. Devido a isso houve a seleção de investigações ligadas não apenas ao campo da educação, mas também ao da teologia, na medida em que ambas as modalidades de estudo contribuem para nosso objetivo. O critério de exclusão das pesquisas foi o distanciamento em relação ao foco das discussões pretendidas nesta dissertação. Entre as produções selecionadas há algumas críticas e outras laudatórias. Nas produções consideradas laudatórias percebe-se que apresentam uma biografia que pode ser considerada hagiográfica, estilo que, segundo Dosse (2022), precisa ser avaliado com cautela. O autor a define como uma biografia excessivamente elogiosa, na qual ocorre desvios em sua construção, deixando-se de manter a distância que garantiria a neutralidade necessária, em detrimento a demonstração de simpatia pelo biografado. Esses estudos agregaram contribuição particularmente para a análise da trajetória histórica do adventismo, mas no que concerne a alguns aspectos da vida de Ellen G. White foram considerados com precaução. Em que pese isso, também colaboraram na finalidade de compreender os diversos enfoques dados à intelectual estudada, a saber, os trabalhos de: Teixeira (2012), Mendes (1950), Lobo (1936), Borges (2000a), Schwarz e Greenleaf (2009).

Há também os trabalhos considerados críticos que apontam questões relacionadas à filosofia educacional de Ellen G. White, assim como a trajetória da educação adventista desde sua fundação. Esses tratam-se de investigações que conseguiram ausentar-se do que critica Bourdieu (2006), ao tratar sobre a ilusão biográfica, quando afirma que há impossibilidade em contar a vida total de uma personagem, devido às lacunas documentais, que seriam substituídas por conexões fictícias que acabariam por ser criadas pelo biógrafo. Os estudos em tela, por sua vez ausentaram-se de preencher as lacunas, focando-se aos fatos e às críticas, assim como agregaram informações importantes para o desenvolvimento de nossa pesquisa, auxiliando na composição histórica, nomeadamente, tratam-se das seguintes produções bibliográficas: Stencel (2006), Gross (2012) e (2015), Lessa (2006), Borges (2000b), Menslin (2015), Medeiros (2018) e (2019), Cres (2020), Furtado (2017) e (2020), Sales (2019), Schunemann (2002), (2009), (2013) e (2015), Gomes (2013), Macedo (2018), Ataidés (2011), Mello (2019), Carvalho (2012), Fonseca (2015), Martins (2008),

Souza (2018), Pancotte (2012), Bellotti (2021), Scheffel (2006), Darius (2012), Munhoz (2013) e Silva (2005).

A partir desta organização prévia, com base nos critérios explicitados, foram separadas para compor a revisão de literatura o total de 39 produções acadêmicas, sendo 7 teses, 8 dissertações e 24 artigos, conforme tipo, autor, título, instituição, ano e área do conhecimento, selecionados para compor a revisão de literatura apresentada no quadro 1, o qual indica o tipo da produção acadêmica, os autores, os títulos dos trabalhos, e o ano de publicação. Para além desses, foram utilizados os livros, já citados anteriormente, mas que não estão incorporados no quadro a seguir.

QUADRO 1

TIPO	AUTOR	TÍTULO	INSTITUIÇÃO	ANO	ÁREA DO CONHECIMENTO
TESE (Doutorado em Ciências da Religião)	Haller Elinar Stach Schünemann	. O tempo do fim: uma história social da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil.	Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, SP.	2002	Ciências da Religião
TESE (Doutorado em Educação)	Renato Stencil.	História da Educação Superior Adventista: Brasil, 1969-1999.	Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Metodista de Piracicaba, SP.	2006	Educação
TESE (Doutorado em Ciências da Religião)	Carlos Flávio Teixeira.	A teologia do compromisso no pensamento de Ellen G. White: Uma perspectiva da liberdade cristã.	Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, SP.	2012	Ciências da Religião
TESE (Doutorado em Ciências da Religião)	Alexandre Medeiros.	Os escritos de Ellen G. White Manipulação mental, controle comportamental e veneração do líder.	Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, SP.	2019	Ciências da Religião

TESE (Doutorado em Educação)	Giza Guimarães Pereira Sales.	A Faculdade Adventista de Educação – FAED (1973-1999): O Curso de Pedagogia e sua contribuição para a formação de professores no Brasil.	UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Marília, SP.	2019	Educação
TESE (Doutorado em Educação)	Elna Pereira Nascimento Cres.	Educação adventista: Entre relevâncias e possibilidades em um contexto plural.	USF- Universidade São Francisco, Itatiba, SP.	2020	Educação
TESE (Doutorado em Teologia)	Kevin Willian Kossar Furtado.	Por uma teologia adventista dialógica: leitura das crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia em perspectiva ecumênica e inter-religiosa.	PUC-Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, PR.	2020	Teologia
DISSERTAÇÃO (Mestrado em Ciências da Religião)	Enilce Barbosa Martins.	Educação como obra missionária: A educação como instrumento de difusão da filosofia adventista.	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP.	2008	Ciências da Religião
DISSERTAÇÃO (Mestrado em Educação)	Sergio Gonçalves.	Desafios de uma instituição confessional: Centro Universitário Adventista – UNASP	Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, SP.	2009	Educação
DISSERTAÇÃO (Mestrado em Educação)	Daniel Antunes Ataides.	A educação confessional face ao princípio da laicidade: uma análise da pedagogia adventista em Belo Horizonte.	Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG.	2011	Educação
DISSERTAÇÃO (Mestrado em Ciências da Religião)	Francisco Luiz Gomes de Carvalho.	O ensino religioso no ensino superior da educação adventista:	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP.	2012	Ciências da Religião

		presença e impasses.			
DISSERTAÇÃO (Mestrado em Educação)	Jeane Cristina Oliveira de Brito Gomes.	Alguns princípios e propostas para o educador do século XXI à luz da obra de Ellen White, Paulo Freire e Edgard Morin.	Centro Universitário Salesiano de São Paulo. Americana, SP.	2013	Educação
DISSERTAÇÃO (Mestrado em Educação).	Ivan Bueno da Fonseca.	Análise dos escritos sobre educação de Ellen G. White e a educação popular de Paulo Freire.	Centro Universitário Salesiano de São Paulo. Americana, SP.	2015	Educação
DISSERTAÇÃO (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade)	Tiago da Costa Barros Macedo.	Memória e religião: análise de aspectos discursivos do sistema educacional adventista no Brasil.	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, BA.	2018	Memória: Linguagem e Sociedade
DISSERTAÇÃO (Mestrado em Teologia)	Werlei Gomide Mello.	Parâmetros da educação nos escritos de Ellen G. White implicações para o currículo e para a educação adventista na atualidade.	Faculdades EST. São Leopoldo, RS.	2019	Teologia
ARTIGO	Haroldo Lobo.	Abrindo Caminho	Revista Adventista. Santo André, SP.	1936	Teologia
ARTIGO	Alfredo Mendes	A história dos nossos livros	Revista Adventista. Santo André, SP.	1950	Educação
ARTIGO	Haller Elinar Stach Schüemann.	A inserção do Adventismo no Brasil através da comunidade alemã.	Estudos da Religião. PUC,SP.	2003	Ciências da Religião
ARTIGO	Haller Elinar Stach Schüemann.	A Análise a Formação de uma Ideologia Religiosa: O	Estudos em Religião. São Bernardo do Campo, SP.	2003	Ciências da Religião

		Caso da Igreja Adventista do Sétimo Dia			
ARTIGO	Haller Elinar Stach Schüemann.	O desenvolvimento das Escolas Paroquiais Adventistas no Brasil.	Revista Comunicações. São Paulo, SP.	2005	Comunicação Social
ARTIGO	Marcos De Benedicto; Michelson Borges.	Um século de história	Revista Adventista. Tatuí, SP	2006	Teologia
ARTIGO	Rubem Scheffel.	A importância da imprensa	Revista Adventista. Tatuí, SP.	2006	História
ARTIGO	Rubens Lessa	Começo humilde	Revista Adventista. Tatuí, SP.	2006	Teologia
ARTIGO	Antônio Gouveia Mendonça.	Protestantismo no Brasil: um caso de religião e cultura.	Revista USP. São Paulo, SP.	2007	Teologia
ARTIGO	Haller Elinar Stach Schüemann	A Educação Confessional Fundamentalista no Brasil Atual: Uma análise do sistema escolar da IASD.	Rever (PUC/SP). São Paulo, SP.	2009	Educação
ARTIGO	Jean Zuckowski.	Reforma de saúde - História e relevância teológica no movimento adventista.	Parousia. Engenheiro Coelho, SP.	2010	Teologia
ARTIGO	Fábio Augusto Darius;Rebecca Pizza Pancotte.	Princípios educacionais em Ellen G. White.	Kerygma. São Paulo, SP.	2012	Teologia
ARTIGO	Juliana Neri Munhoz.	A educação adventista por Ellen White	Relegens Thréskeia. Curitiba, PR.	2013	Educação
ARTIGO	Renato Gross.	A educação adventista no Brasil: Uma visão diacrônica.	Unaspres. Engenheiro Coelho, SP.	2015	Teologia
ARTIGO	Kevin Willian Kossar Furtado.	O surgimento interconfessional do movimento	Revista Brasileira de Diálogo	2017	Educação

		milerita e dos adventistas do sétimo dia	Ecumênico e Inter-religioso. Caminhos do Diálogo. Curitiba, PR.		
ARTIGO	Alexandre Medeiros.	Religiões e (des)caminhos: a Igreja Adventista do 7º dia.	Internacional D'Humanitats. Porto, PT.	2018	Ciências da Religião
ARTIGO	Alexandre Medeiros.	Seitas, líder e identidade? Discutindo o Adventismo.	Internacional D'Humanitats. Porto, PT.	2018	Ciências da Religião
ARTIGO	Elder Hosokawa; Fábio Augusto Darius.	Adventismo, o ideário liberal e a imprensa em São Paulo	Os desafios da comunicação: temas e contextos do primeiro AdvetiCom. Engenheiro Coelho, SP.	2018	História
ARTIGO	Patrick Vieira Ferreira; Roger Marchesini de Quadros Souza.	Educação adventista: origem, desenvolvimento e expansão	Revista brasileira de História e Educação. Maringá, PR.	2018	Educação
ARTIGO	Alexandre Medeiros.	Milerismo e Adventismo: o embrião histórico do Adventismo do Sétimo Dia.	International Studies on Law and Education. Barcelona, ES.	2019	Ciências da Religião
ARTIGO	Giza Guimarães Pereira Sales.	O protagonismo de Ellen G. White no Projeto Educacional Cristão Adventista no Brasil.	Diálogo Educacional. Curitiba, PR.	2020	Educação
ARTIGO	Karina Kosicki Bellotti.	Alistando-se no invencível exército da "página impressa" Cultura impressa adventista no Brasil no século XX.	Revista Topói. Rio de Janeiro, RJ.	2021	Comunicação Social
ARTIGO	Marcos Silva.	Penetração da Educação Adventista no Brasil. Navegando Pela	HISTEDBR. São Paulo, SP.	2005	História

		História da Educação Brasileira.			
ARTIGO	Francisco Luiz Gomes de Carvalho.	A educação adventista no Brasil: Entre os fins do século XIX e início do XX.	XI Congresso nacional de Educação EDUCERE 2013. Curitiba, PR.	2013	Educação

Fonte: elaborado pela autora.

A partir da leitura e análise dos resumos desses trabalhos acadêmicos, foram organizados em categorias, de acordo com as aproximações dos temas abordados, a saber: História do adventismo nos Estados Unidos; O adventismo no Brasil; Ellen White e o adventismo; Ellen White e suas influências na educação adventista brasileira.

As produções acadêmicas que tratam da História do adventismo nos Estados Unidos concentraram seu estudo no século XIX, e se detiveram mais na contextualização histórica pré e pós adventismo, contemplando a maneira como a denominação iniciou em sua terra de origem. Já as produções que tratam sobre o adventismo no Brasil, agrupam trabalhos que mostram a inserção do adventismo em nosso país e a atuação desse grupo religioso, que se utilizou variados instrumentos de comunicação como a disseminação cultural e educacional para consolidar a difusão de sua mensagem religiosa. Os trabalhos acadêmicos sobre Ellen White e o adventismo concentram produções relevantes para conhecer a influência da autora como uma das fundadoras e uma das responsáveis pelo fortalecimento e expansão da denominação.

Verifica-se que após o período histórico de sua consolidação como entidade religiosa (1844-1863), foram estabelecidos alguns fundamentos filosóficos para o adventismo, surgindo assim as chamadas Matrizes Missiológicas, sendo elas três: Reforma da Saúde; Literatura Religiosa e a Educação (MENSLIN, 2015), as quais serviriam de guia para as missões denominacionais, enquanto foco do trabalho da igreja. Nesse âmbito Ellen White trouxe orientações que assumiram grande importância, feitas através de sua produção escrita e de seus sermões, que podem aqui ser entendidos como bens culturais. Assim, os trabalhos classificados na

categoria Ellen White e suas influências na educação adventista brasileira, dedicam-se às discussões educacionais promovidas por essa personagem, e tratam das suas publicações específicas acerca da importância da educação. Na realização da pesquisa foram selecionados, mapeados e analisadas teses, dissertações e artigos que abordavam questões ligadas ao nosso objeto de estudo. Nos portais de busca anteriormente citados, não foi delimitada data para a busca dos trabalhos, com isto foram encontradas teses a partir de 2002, dissertações a partir de 2008 e artigos desde 1936, realizando-se uma análise qualitativa do conteúdo presente nos materiais.

Para o desenvolvimento desta dissertação foram previstos três capítulos. O primeiro trata da trajetória do Adventismo no Brasil, contemplando o período do final do século XIX e início do século XX, a fim de discutir seu impacto nas áreas cultural, religiosa e educacional. Retoma-se a primeira metade do século XIX, vislumbrando a trajetória da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), para compreender de que maneira utilizou variados instrumentos de comunicação cultural e educacional, a fim de consolidar a difusão de sua mensagem religiosa. Examina-se primeiramente o surgimento da denominação em sua terra de origem, e em seguida sua chegada em solo brasileiro, bem como a expansão educacional e editorial da igreja em nosso país.

O segundo capítulo tem por objetivo analisar a trajetória de Ellen G. White, contemplando dados biográficos atinentes à sua vida familiar, formação, inserção junto ao campo religioso, produção intelectual, capitais cultural, social e simbólico, com vista a examinar de que maneira a autora fazia uso dos mesmos para exercer sua influência, de modo a mobilizar o grupo religioso em seu favor. Destacam-se, ainda, suas produções escritas e contribuições para a conformação das matrizes missológicas da igreja, a saber: Matriz da Reforma da Saúde, Literatura Religiosa e Educação.

O terceiro capítulo analisa a produção de Ellen White relativa à educação, com a devida seleção das obras, de modo a examinar como as proposições impactaram a missão educacional e o modelo de ensino estabelecidos no seio da denominação. São abordados os princípios educacionais orientados pela autora, vislumbrando-se os objetivos, o currículo, o perfil do educador e a proposta formativa para o aluno, a fim de se compreender sua repercussão na implementação da

Educação Adventista, principalmente quanto à apropriação histórica ocorrida pelas escolas adventistas no Brasil.

CAPÍTULO 1

ADVENTISTAS NO BRASIL: CULTURA, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO

O presente capítulo trata da trajetória do Adventismo no Brasil, contemplando o período do final do século XIX e início do século XX, a fim de discutir as influências trazidas para as áreas cultural, religiosa e educacional. Retoma-se a primeira metade do século XIX com vistas a avaliar de que maneira a igreja surgiu em sua terra de origem. A religião ao mesmo tempo é um instrumento de comunicação e de conhecimento que trata de responder a vários questionamentos que impactam o ser humano. Essa característica contribuiu para seu alcance em diferentes grupos, atribuindo sentido aos signos e ao mundo. Conforme Bourdieu (2007a).

A primeira tradição trata a religião como língua, ou seja, ao mesmo tempo um instrumento de comunicação e enquanto um instrumento de conhecimento, ou melhor, enquanto um veículo simbólico a um tempo estruturado (e portanto, passível de uma análise estrutural) e estruturante, e a encara enquanto condição de possibilidade desta forma primordial de consenso que constitui o acordo quanto ao sentido dos signos e quanto ao sentido do mundo que os primeiros permitem construir (BOURDIEU, 2007a, p. 28).

A fim de avaliar de que maneira a religião foi utilizada como instrumento de conhecimento e de comunicação conforme Bourdieu (2007a), analisa-se aqui a trajetória da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), buscando compreender de que maneira utilizou variados instrumentos de comunicação cultural e educacional para consolidar a difusão de sua mensagem religiosa. Primeiramente, examinamos a maneira como iniciou a denominação em sua terra de origem, para depois estudar de que maneira se fixou em nosso país.

1.1 A fundação da Igreja Adventista do Sétimo Dia nos Estados Unidos da América

O Adventismo é um movimento religioso protestante que iniciou no Estados Unidos de maneira interdenominacional, segundo Gonçalves (2009) a princípio esse grupo ficou conhecido como mileritas, devido a liderança de Guilherme Miller, nascido em Pittsfiels, Massachusetts. Foi o mais velho de 16 irmãos, seu pai era

soldado e a mãe filha de pastor batista. Miller esteve se tornou capitão na guerra em 1812, conhecida como Guerra Anglo-Americana, entre os Estados Unidos, o Reino Unido e suas colônias, incluindo o Canadá Superior (Ontário), o Canadá Inferior (Quebec), Nova Escócia, Bermuda e a Ilha da Terra Nova. (ADAMS, 1891). Ficou abalado por conta de suas vivências na guerra, o que lhe fez repensar suas ideias sobre Deus e religião, devido aos horrores que presenciou, vindo a questionar a sua fé. Depois do término do conflito, por insistência de seu tio, começou a frequentar a Igreja Batista de Low Hampton, Estados Unidos, onde acabou encontrando algumas respostas que procurava, durante os sermões e leitura da Bíblia, fortalecendo sua fé. Anos mais tarde se tornaria o precursor do movimento milerita. (BORGES, 2000).

O movimento milerita era composto por seguidores de várias denominações religiosas, como os Metodistas, os Batistas, os Quakers, os Congregacionistas e os Presbiterianos. Aliança que se concretizou após Miller ter realizado um estudo sobre o livro de Daniel na Bíblia e o relacionado aos acontecimentos da história mundial, que segundo ele apontariam para um retorno de Cristo em 1844, para resgatar os seus fiéis para conduzi-los ao céu. Com isso iniciou a pregação do evangelho em torno do assunto, o que culminou no chamado “Grande desapontamento”, pois aguardavam a concretização do esperado:

[...] Vinte e dois de outubro de 1844 [...] durante quatorze anos Guilherme Miller pregara a sua mensagem, aproximadamente 50 mil pessoas nos Estados Unidos aceitaram-na. O dia tão esperado chegara. Não havia dúvidas... O dia era este. Sem dúvida. O dia tão esperado, o dia da segunda vinda de Jesus Cristo. (BORGES, 2000, p. 7).

Esse acontecimento decepcionou os seguidores de Miller, alguns na ocasião venderam suas propriedades e distribuíram dinheiro aos pobres, crendo que na data determinada ocorreria a volta de Jesus. (BORGES, 2000). Esse desapontamento foi responsável pelo fracionamento do movimento milerita o que resultou em diversos outros segmentos religiosos, sendo que um deles posteriormente se tornaria a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Os intérpretes e estudiosos protestantes que se concentram nesse período histórico, citam que o milerismo foi uma reação do povo americano à filosofia iluminista, tendo germinado em um contexto dominado e agitado pela religião e por

ideias religiosas, em um clima de dinamismo expansionista. (STENCEL, 2006). Nesse quadro houve uma grande expansão religiosa e reação aos ideais da filosofia iluminista, que estava permeada pelo Humanismo, que tirou Deus do centro de todas as coisas e passou a exaltar a ciência e a razão humana. (GOMES; SOUZA; LIMA, 2006). Isso ocasionou um divisor de águas na história ocidental segundo Lima (2002), pois o humanismo trazido pelo Iluminismo foi considerado um movimento intelectual que trouxe contribuições para a valorização da razão, mas acabou por minar perspectivas sociais e políticas ligadas ao teocentrismo. Diante dessas questões o historiador da IASD (TIMM, 1998) afirma que o final do século 18, início do século 19 passou por um reavivamento (aumento de ânimo religioso), no qual houve grande interesse pela leitura da Bíblia, com isso buscou-se uma fé racional, alicerçada nos ensinamentos bíblicos e o movimento milerita surgiu nessa época. O grupo de mileritas contava com vários seguidores devido à propagação de ideias de Miller, o historiador Eric Hobsbawm (2006) afirma acerca do desenvolvimento do movimento adventista no século XIX que:

Somente entre os muitos pobres, ou entre os muitos abalados, é que a rejeição original ao mundo existente continuou. Mas era muitas vezes uma primitiva rejeição revolucionária, que tomava a forma de uma predição milenar do fim do mundo, e que as aflições do período pós-napoleônico pareciam (em linha com o apocalipse) antecipar. William Miller, fundador dos adventistas do sétimo dia nos Estados Unidos, predisse-o para 1843 e 1844, época em que já contava com 50 mil seguidores e com respaldo de 3 mil pregadores. Nas áreas em que o pequeno comércio e o pequeno trabalho camponês individual se achavam sob o impacto imediato do crescimento de uma dinâmica economia capitalista, como no estado de Nova York, este fermento milenar era particularmente poderoso. (HOBSBAWM, 2006, p. 317).

Ainda, em acordo com o autor, o contexto apresentava um abalo devido ao período pós-guerra napoleônico, com enormes efeitos na dinâmica social que afetavam a população com empobrecimento, exploração e desigualdade. O que contribuiu para o acontecimento do milerismo, que possuía milhares de seguidores, entretanto após a cisão desse movimento houve grupos que fizeram novos cálculos e chegaram à conclusão de que a data encontrada por Miller, dizia respeito ao início do julgamento celeste e à necessidade da continuidade da pregação do evangelho em todo o mundo. O contexto dos acontecimentos favorecia a liberdade intelectual e o racionalismo, fazendo com que pessoas se dedicassem aos estudos e análise dos

textos bíblicos abandonando, alguns dogmas e delineando novas interpretações bíblicas:

O racionalismo iluminista, ao mesmo tempo que levanta problemas, que põem em xeque algumas crenças por causa de formas novas de abordar os textos bíblicos e mesmo certas doutrinas estabelecidas, fornece um clima de liberdade intelectual que permite abandonar os dogmas e procurar na Escritura, na própria fonte, inspiração e normas para a vida. Daí a importância que assumem no pietismo a leitura e a meditação bíblicas, assim como os estudos bíblicos que começam a surgir com características novas: interpretação livre das peças doutrinárias, sob a iluminação do Espírito, envolta num halo de piedade, embora rigorosamente montada sobre os textos originais da Bíblia. (MENDONÇA, 1995, p. 69).

A livre interpretação implicada no contexto dos acontecimentos veio a favorecer diversas interpretações hermenêuticas, vejamos o que nos aponta Damsteegt (1977), a respeito do desapontamento e dos estudos hermenêuticos de Miller:

Após a decepção de 1844, os mileritas foram novamente forçados a investigar a validade de seu método hermenêutico. Aqueles que continuaram a afirmar a validade de suas interpretações chegaram a duas explicações opostas para o desapontamento[...] A opinião da maioria foi que eles estavam errados em seus cálculos de tempo, mas que o evento previa foi corretamente interpretado como o segundo advento. A minoria expressou sua convicção que eles haviam se equivocado quanto à natureza do evento predito, mas que seus cálculos estavam corretos[...] A partir desta visão minoritária a teologia da missão adventista desenvolveu-se gradualmente. (DAMSTEEGT 1977, p. 295).

O grupo milerita que manteve suas ideias alinhadas às de Miller foi expulso de suas igrejas de origem, segundo Cres (2020) passaram a crer que Cristo estaria realizando outra etapa de sua obra no céu, o chamado juízo investigativo que consistia no início do julgamento da humanidade.

A maioria dos que haviam se juntado ao movimento saiu em profunda desilusão e alguns deles retornaram às suas Igrejas de origem. Uns poucos, no entanto, voltaram a pesquisar o assunto para tentar entender o que havia acontecido ou se haviam cometido algum erro de interpretação dos textos bíblicos. O movimento adventista surgiu nesse cenário confuso, a partir de um pequeno grupo que se recusou a desistir. Despontaram no meio dessas pessoas vários líderes que construíram a base do que viria a ser a Igreja Adventista do Sétimo Dia. (CRES, 2020, p. 59-60).

Alguns dos seguidores de Miller retornaram para as igrejas às quais pertenciam, outros que continuaram a segui-lo fundaram uma nova igreja. Diante da grande decepção que estavam enfrentando, surgiu para aquele grupo um alento, momento em que despontou como liderança a jovem solteira, com apenas dezessete anos Ellen G. Harmon (1827-1915). Ela alegou, dois meses após a decepção de 22 de outubro de 1844, ter recebido visões enviadas por Deus para explicar o que havia ocorrido. Tal fato nos leva a refletir sobre a maneira como uma mulher despontaria como líder de um movimento religioso protestante em pleno século XIX, visto que mulheres dificilmente naquela época exerciam posição de liderança. Medeiros (2018) indica que movimentos de massa precisam de líderes, pessoas que saibam organizar o descontentamento de um grupo e os reúna em torno de um objetivo comum, assim, quando surgem indivíduos capacitados nesse sentido, e que perceberem a necessidade de organizar essa demanda, acabam por assumir uma posição de frente.

Ellen teria despontado como líder dentro daquele campo religioso justamente devido a ter emergido dos mileritas, identificando a necessidade de organização do grupo fragilizado após a decepção. Ao compartilhar as visões que alegava ter recebido de Deus, possibilitou um escape à frustração que eles haviam sofrido. Freud (1921/2011) destaca que o ser humano, no seio de grandes grupos, com frequência estaria em busca de alguém para conduzi-lo, pois a multidão cria a demanda de ser dominada por uma autoridade. Concorda-se ainda com Douglass (2001), quando ressalta que o posicionamento assumido por White, como pretensa mensageira de Deus, trouxe conforto àquelas pessoas, o que contribuiu para que fosse aceita como profetisa. O que também lhes ausentaria da responsabilidade de ter que realizar as suas próprias escolhas, visto que estariam sendo guiados por uma enviada de Deus. A partir deste momento configurava-se um novo movimento que posteriormente se tornaria a IASD – Igreja Adventista do Sétimo Dia.

1.2 A Teologia da Igreja Adventista do Sétimo Dia- IASD

A teologia adventista é fundamentada em algumas crenças. Segundo o livro **Nisto cremos** (2017), organizado e seguido pela denominação, essas crenças se resumem atualmente em 28. Elas são tidas como fundamentais para a IASD, tendo

a acompanhado desde o princípio. Foram organizadas em uma estrutura, o que ocorreu em 1872, quando ainda eram apenas 21, tendo posteriormente recebido revisões e ampliações. A seguir são destacadas as crenças que ajudam a compreender mais claramente as questões teológicas adventistas.

Sobre as **Escrituras Sagradas**, considera-se toda a Bíblia Sagrada como segura e única regra de fé e esperança, suas doutrinas, se fundamentam e sustentam nela. Sobre **A trindade**, crê-se em um só Deus – Pai, Filho, e Espírito Santo, numa unidade de três Pessoas eternas, sendo imortal, onipotente, onisciente e onipresente. Sobre o **Deus Pai**, entende-se como Deus Eterno, criador, originador e soberano de toda a criação. Sendo justo e santo, tendo as mesmas qualidades e os poderes manifestos no Filho e o Espírito Santo. Sobre o **Deus Filho**, considera-se o Filho Eterno, encarnado em Jesus Cristo. Sendo Deus e humano, foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nascido da virgem Maria. Tendo sofrido e morrido na cruz por nossos pecados e ressuscitado dentre os mortos, ascendeu ao céu, para interceder a nosso favor. Vindo outra vez, em glória, para o livramento final de seu povo e a restauração de todas as coisas. Sobre o **Deus Espírito Santo**, Deus, o Espírito Santo, desempenhou uma parte ativa com o Pai e o Filho na Criação, Encarnação e Redenção. Inspirou os escritores das Escrituras Sagradas. Atrai e convence os seres humanos, que se mostram sensíveis e são renovados e transformados por Ele.

Sobre **A Criação**, Deus é o Criador de todas as coisas, e revelou nas Escrituras o relato da sua criação. Tendo em seis dias feito os céus, a terra e tudo que nela há, e descansou no sétimo dia dessa primeira semana. Estabelecendo o sábado como perpétuo memorial de sua criação. Sendo criados o primeiro homem e a primeira mulher à imagem de Deus, lhes foi dado domínio sobre o mundo e a responsabilidade de cuidar dele. Sobre **A Natureza do Humano**, criados à imagem de Deus, com livre-arbítrio, Adão e Eva escolheram desobedecer a Deus, e, portanto, corromperam-se, e a Sua imagem neles foi desfigurada, tornaram-se a partir de então sujeitos à morte, com consequências estendidas aos seus descendentes, com fraquezas e tendências para fazer o mal. Porém, Deus, por meio de Cristo, reconciliou consigo o mundo e através de seu Espírito, restaura nos mortais a imagem de seu Criador, após arrependimento dos pecados e entrega da vida a Deus, sendo chamados para amá-lo e também aos semelhantes.

Sobre **O Grande Conflito**, toda a humanidade está envolvida num grande conflito entre Cristo e satanás, que se originou no céu quando um ser criado, com liberdade de escolha, rebelou-se contra Deus e tornou-se satanás, conduzindo com ele à rebelião uma parte dos anjos. Sobre a **Vida, Morte e Ressurreição de Cristo**, Cristo em perfeita obediência à vontade de Deus, sofreu, morreu e ressuscitou, como único meio de sacrifício pelo pecado humano, e os que aceitam esse sacrifício pela fé em Cristo, têm a oportunidade de reconciliar-se e transformar-se.

Sobre **A Experiência da Salvação**, Deus fez com que Cristo, através de seu sacrifício de morte e pela guia do Espírito Santo, oportunizasse o reconhecimento da pecaminosidade, para o arrependimento das transgressões e firmar a fé em Jesus como salvador. Estando os fiéis comprometidos com Jesus como Salvador e Senhor, comprometidos a crescer na semelhança de seu caráter, em oração, meditação em sua Palavra, cantando seus louvores, reunindo-se nos cultos e participando da missão da igreja. Entregando-se para o serviço em prol dos que estão em torno de nós. Sobre **O Dom de Profecia**, um dos dons do Espírito Santo é a profecia. E a Igreja Adventista entende que esse dom profético foi manifestado no ministério de Ellen G. White que é considerada como a mensageira do Senhor, sendo os seus escritos fonte de verdade, orientação, instrução e correção à Igreja. Sem deixar de exaltar a Bíblia que é a norma em que deve ser provado todo ensino e experiência. Sobre **A Lei de Deus**, expressa nos Dez Mandamentos esses preceitos constituem a base do concerto de Deus com seu povo, servindo como norma no julgamento de Deus, sendo a salvação alcançada através da graça e obediência aos mandamentos de Deus.

Sobre **O Sábado**, em seis dias Deus tendo criado o mundo, descansou no sétimo dia e o instituiu para todos como memorial da criação. Tendo o constituído como quarto mandamento da sua lei imutável, requerendo a observância desse sábado do sétimo dia como dia de descanso, adoração e ministério, em harmonia com o ensino e prática de Jesus, o Senhor do sábado. Considerando-se um sinal perpétuo do eterno concerto de Deus com seu povo, duma tarde a outra tarde, do pôr-do-sol ao pôr-do-sol, é uma celebração dos atos criadores de Deus. Sobre **O Ministério de Cristo no Santuário Celestial**, considera-se que há um santuário celeste, onde Cristo ministra em nosso favor, tendo sido empossado como Sumo Sacerdote. Em 1844, no fim do período profético dos 2.300 dias, iniciou a segunda e

última etapa de Seu ministério, a obra de juízo investigativo, que revela aos seres celestiais os mortos que foram fiéis a Cristo e também os vivos que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus. Servindo este julgamento para a justiça de Deus em salvar os que crêem em Jesus, declarando que os que permaneceram leais a Deus receberão o reino por ocasião da segunda vinda de Cristo, quando os mortos fiéis ressuscitarão e os vivos fiéis levados serão com Jesus, para com ele viver no Reino Eterno.

Firmando-se em tais preceitos, o movimento que se tornaria a Igreja Adventista do Sétimo Dia, estabeleceu-se desde a decepção milerita. No dia 1º de outubro de 1860, em Battle Creek, Michigan, Estados Unidos, um grupo de pessoas, após votação escolheram o nome Igreja Adventistas do Sétimo Dia – IASD. Porém, a denominação foi instituída oficialmente apenas em 21 de maio de 1863. A partir de então houve um crescimento no número de pessoas que acompanhavam o grupo, mais unificados em suas crenças, conquistaram novos seguidores, em diversos lugares dos Estados Unidos, organizando associações locais e a Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. Ressalta-se que desde o início de sua história, os adventistas do sétimo dia investiram em publicação de literatura, adquirindo uma editora já na década de 1850, o que veio a se expandir ao longo dos anos por vários países, o movimento ganhou mais força com o casal Tiago e Ellen White, juntamente com José Bates que iniciaram publicações dos periódicos da Revista Adventista, em Rochester, Nova Iorque. (BORGES, 2000; GONÇALVES, 2009).

1.3 A importância da educação para a Igreja Adventista do Sétimo Dia

Pode-se dizer que a vocação missiológica da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), iniciou mundialmente sob a perspectiva histórica a partir da década de 1870. Segundo Stencil (2006) por meio do encorajamento e orientação de uma das pioneiras do movimento, Ellen White, os jovens foram estimulados a prepararem-se com qualificação específica para o serviço missionário, pois havia a falta de servidores educados e preparados para as missões. Com isso a liderança da IASD estabeleceu um sistema de escolas, objetivando atender às necessidades da denominação nessa área. A educação foi o último setor a ser estabelecido dentre os seus diversos segmentos institucionais, conforme destaca Stencil (2006):

Para compreender este fenômeno, é necessário considerar o valor da consciência escatológica durante o período que demarcou os primórdios do adventismo. A principal razão para esta demora originou-se na idéia do iminente retorno de Jesus Cristo a Terra. Segundo a crença prevalente entre os pioneiros, a iminência do advento trouxe para muitos pais adventistas a idéia de que a educação não era importante para seus filhos. Para eles, o advento estava tão próximo que não havia dinheiro nem tempo para se gastar com um sistema educacional. Além disso, tal projeto seria uma negação virtual de sua crença no 'Breve Retorno'. (STENCEL, 2006 p. 36).

A IASD deixou a educação de lado num primeiro momento, mas iniciou a mudança de opinião em 1850 com Ellen White que fazia parte do movimento milerita, juntamente com seu esposo Tiago, ambos ressaltavam que os adventistas sem certeza de uma data específica para o retorno de Cristo, deveriam colocar seus filhos em escolas enquanto esperavam, a fim de que adquirir habilidades básicas para lidar com o mundo em que viviam. Entretanto, mesmo com essa orientação segundo Stencil (2006), muitos membros da igreja opuseram-se a encaminhar seus filhos para as escolas, justificando que poderiam aprender mais o mal do que o bem, porém o casal White persistia:

A ignorância não aumenta a humildade ou a espiritualidade de qualquer professo seguidor de Cristo. As verdades da Palavra divina podem ser melhor apreciadas pelo cristão intelectual [...] pode ser melhor glorificado por aqueles que o servem inteligentemente. O grande objetivo da educação é habilitar-nos a usar as faculdades que Deus nos deu [...]. A educação disciplinará a mente, desenvolverá suas faculdades e as dirigirá de modo inteligente, para que sejamos úteis em promover a glória de Deus. (WHITE 1975b, p. 45-46).

O intelectual quando necessário e de seu interesse, posiciona-se contra o poder estabelecido ou, conforme nos esclarece Silva (2002), exercendo um papel de ir de contra o poder dentro da sociedade, nesse caso o posicionamento dos White foi contrário ao pensamento, do grupo religioso ao qual pertenciam, pois se opuseram ao descaso dos líderes da denominação pela educação. Intelectuais são ao mesmo tempo sujeitos e objetos na cena política, social, artística, científica e religiosa, exercendo liderança dentro dos conflitos ideológicos. Não há como definir o intelectual univocamente ao longo do tempo, pois podem ser entendidos como mediadores de conflitos sociais, como organizadores da cultura e, conforme Pierre Bourdieu (1989), produtores de capital simbólico – conceito que nos permite analisar

o campo em que estão inseridos e a maneira como mobilizam diferentes móveis de luta nas disputas pela concentração de poder em um campo. Segundo Leclerc (2003) os intelectuais seriam intrometidos e naturalmente curiosos, ultrapassando as barreiras devido a sua criticidade e espírito investigador, pode-se dizer que abalar estruturas e mudar paradigmas, seriam alguns dos papéis dos intelectuais na sociedade. Portanto, a não aceitação de barreiras impostas e a tentativa do rompimento dessas é algo comum na ação de um intelectual, e os White buscavam romper as barreiras da ignorância em busca de uma educação formal.

A educação formal adventista foi concretizada em 1872 quando foi fundada a primeira escola básica oficial em Battle Creek, Michigan. (STENCEL, 2006). A princípio a escola adventista não teria sido estruturada com a finalidade de tornar-se uma agência evangelizadora, para atrair alunos não adventistas, o objetivo educacional seria educar filhos e filhas de adventistas, preparando-os para o serviço missiológico proselitista de ajuda ao próximo. (MELO, 2019). Acerca do estabelecimento do colégio, da revista missionária editada e sobre as missões realizadas pela igreja, Knight (2000 escreve):

O grande ano foi 1872, em janeiro a denominação fundou o True Missionary (Verdadeiro Missionário), a primeira revista missionária do adventismo. Em setembro, John Nevins Andrews navegou para a Europa como o primeiro missionário "oficial" da denominação ao estrangeiro. Aquele mesmo ano viu o estabelecimento do Battle Creek College. O tempo para o estabelecimento da escola não foi um acidente, visto que os fundadores, raciocinando mais claramente, compreenderam que o propósito principal dela era treinar missionários, tanto para o campo nacional quanto para o estrangeiro. Entre 1874 e 1887 a denominação estabeleceu sua presença em muitas nações da Europa, bem como na Austrália e África do Sul. Contudo, sua visão missionária era curta. Nesse estágio, os adventistas criam que seu propósito era convidar outros cristãos (geralmente protestantes) para saírem de suas igrejas [...] Até então, o adventismo possuía pouca ou nenhuma visão missionária em favor dos "pagãos" ou dos grandes campos católicos romanos do Novo Mundo. (KNIGHT, 2000, p. 84).

Com a intensão missiológica adventista de fazer prosélitos outros protestantes, o adventismo foi se espalhando pela Europa e aos poucos por toda a América. Com isso o contexto brasileiro a partir da metade do século XIX passou por grande influência norte-Americana, essas questões políticas e comerciais facilitaram a entrada das religiões de lá oriundas. Nesse quadro, os imigrantes norte-

americanos atuaram para efetivar a implantação das missões protestantes no Brasil, entre os quais os adventistas.

1.4 O início da circulação de literatura religiosa adventista no Brasil, precedendo a vinda dos missionários

Em agosto de 1860, foi fundada a Colônia de Brusque, em Santa Catarina, composta por imigrantes europeus, que optaram por sair de sua terra natal devido a mudanças políticas e econômicas ocorridas na Europa. Desembarcaram os primeiros colonos, a princípio em sua maioria alemães, depois os italianos e poloneses, às margens do Itajaí Mirim. Os imigrantes chegavam ao Brasil praticamente sem nenhuma informação, enganados pelas propagandas recebidas em seu país de origem:

Os colonos vieram iludidos. A propaganda na Alemanha não lhes dava a mínima informação das reais condições de seu novo “lar”. Dizia, sim, que eles encontrariam um paraíso subtropical onde todos seriam proprietários de terras. Estavam totalmente despreparados para explorar um lote de terras coberto de floresta e isolado em ampla área despovoada. Esse despreparo dizia respeito a tudo: nada sabiam das técnicas agrícolas adequadas, do equipamento necessário ao desmatamento e plantio, dos tipos de roupas adequadas à região ou mesmo da inexistência de animais domésticos. Na administração da Colônia é que recebiam um machado, uma enxada e um facão ou uma foice. Com muita coragem e determinação, foram transformando o ambiente. (BORGES, 2000a, p. 15).

Com o avanço econômico de Brusque desenvolveram-se os estabelecimentos comerciais, onde as pessoas se reuniam em atividades sociais. Um dos estabelecimentos pertencia a Davi Hort, comerciante alemão, ao qual em 1884 chegaria correspondência adventista pela primeira vez ao Brasil. Borchardt frequentador desse estabelecimento, que após uma briga, foi para a Alemanha de navio, conhecendo missionários adventistas, forneceu-lhes um endereço brasileiro para enviar literatura religiosa. (BORGES, 2000a).

Após alguns meses, por meio uma embarcação de Itajaí, chegou um carregamento a Brusque. Um pacote com correspondência vinda de Battle Creek, Michigan, Estados Unidos, para Carlos Dreefke – aparentado de Borchardt, com o qual os missionários adventistas haviam conversado no navio. (BORGES, 2000b). Todas as correspondências chegadas no vilarejo de Brusque eram entregues no

casarão comercial do Sr. Davi Hort, e como a correspondência estava endereçada a Carlos Dreefke ele a aceitou, pois já estava paga, nela havia dez revistas com o título *Stimme der Wahrheit* (A Voz da Verdade), em seguida as distribuiu, esse seria o início da circulação da literatura adventista no Brasil. (BORGES, 2000a).

Figura 1: Casa comercial do senhor Davi Hort, local em que chegou o pacote de literatura adventista em 1884. Foto tirada na década de 1990.



Fonte: Borges (2000a, p. 21).

A literatura religiosa adventista foi largamente incentivada mesmo antes da oficialização da igreja, fortalecendo as suas publicações desde 1849, tendo se espalhado por toda a Europa. O que lhes permitiu fundar no mesmo continente a primeira imprensa denominacional, em 1885, chamada **Imprime Polyglotte**, segundo Vieira (2015) isso também facilitou o envio de publicações também para a América do Sul. Os adventistas valorizavam os impressos que lhes serviam como meio de difusão e de legitimação social, em acordo Bellotti (2021) a influência da literatura adventista com doutrinas servia como estratégia de expansão da igreja. Acerca da maneira como as publicações se propagaram pelo Brasil na década de 1890, Vieira (2015) descreve:

[...] no “Oeste Novo” de São Paulo em Indaiatuba, Piracicaba e Rio Claro, no Paraná em Curitiba, no Rio Grande do Sul em Não-Me-Toque e Taquari, em Santa Catarina em Gaspar Alto e Joinvile, em Minas Gerais em Teófilo

Otoni, e no Espírito Santo em Santa Maria [...] A igreja Adventista do Sétimo Dia, despontava assim como sucessora direta do movimento protestante atingindo todos os continentes. (VIEIRA, 2015, p. 139).

Portanto com o passar do tempo a literatura religiosa se expandiu, o que resultou na formação de grupos de adventistas do sétimo dia por todo o Brasil, o que ocorreu a partir de 1890 principalmente nos locais de colonização alemã e suíça, nas colônias indicadas na citação anterior.

1.5 A chegada dos primeiros missionários adventistas no final do século XIX

Segundo Menslin (2015) quando os líderes da Igreja Adventista nos Estados Unidos souberam que no Brasil havia guardadores do sábado, tomaram a decisão de enviar missionários. Os primeiros missionários adventistas a chegarem ao país eram colportores, vendedores de livros evangélicos, para percorrer a Argentina, Uruguai e Brasil. Trouxeram consigo apenas literatura em alemão e inglês. As colônias alemãs eram isoladas o que favoreceu a permanência do idioma e a propagação da literatura adventista naquele meio, pois segundo Menslin (2015) após os colportores despertarem interesse suficiente pelos ensinamentos adventistas, os líderes da igreja Adventista nos Estados Unidos começaram a enviar pastores para batizar os recém convertidos, assim como para fundar igrejas no Brasil. No início de 1895, o pastor Frank H. Westphal, importante líder da igreja adventista nos Estados Unidos, após seis meses na Argentina e Uruguai, chegou ao Brasil para batizar os primeiros convertidos, entre os quais Guilherme Stein Jr., o primeiro adventista brasileiro a ser batizado, em abril de 1895 no rio Piracicaba, em São Paulo, que veio a se tornar um dos expoentes na expansão da cultura da denominação. (VIEIRA, 2015). Ele teve muita relevância para a educação adventista brasileira, visto que além de ser o primeiro adventista brasileiro a ser batizado, foi o primeiro professor e diretor das três primeiras escolas adventistas no país.

Após a chegada do pastor Westphal foram enviados mais dois, a saber, Huldreich F. Graf e Frederich W. Spies, ambos pioneiros e missionários importantes dentro da igreja adventista em EUA. Eles foram escolhidos devido a terem origem germânica e fluência no alemão, além de no inglês, facilitando o seu trânsito dentro das colônias alemãs presentes no Brasil. Devido ao conhecimento da língua e da

cultura dos dois países, facilitou-se o entrosamento com aqueles imigrantes, o que era o objetivo adventista. (MENSLIN, 2015).

Os líderes da igreja adventista nos Estados Unidos eram responsáveis pela Comissão de Missão Estrangeira. Ao saberem da variedade linguística que havia no Brasil, empregaram a educação como ferramenta proselitista religiosa, crendo que expondo as crianças a uma educação adventista, esta poderia ser uma poderosa ferramenta para a propagação do evangelho, além de preparar obreiros, ajudando na conquista de novos conversos e na expansão da igreja no Brasil. (MENSLIN, 2015).

Conhecer a trajetória dessa igreja protestante nos possibilita entender como o movimento religioso adventista introduziu-se no Brasil, ao se examinar seu percurso histórico e filosófico podemos compreender de que maneira ocorreram reverberações da religiosidade nos campos cultural e educacional do país.

O conhecimento dos fatos que marcaram a sobrevivência de uma igreja é de suma importância para aquele que deseja entender como aconteceram a fundação e todo o arcabouço teológico e eclesiológico da igreja cristã, uma vez que a compreensão dessas questões nos permite tirar conclusões pertinentes acerca desse tema. (INTERSABERES, 2015, p.11).

Somente após analisar as raízes do movimento religioso protestante adventista podemos compreender de que maneira houve um desdobramento de discussões e práticas relativas ao âmbito do sagrado para o âmbito educacional. A fim de difundir a particularidade de suas crenças e de seus costumes. Conforme nos esclarece Loyola (2017).

Assim estruturada a religião é um sistema simbólico que funciona como princípio que constrói a experiência. Ela delimita o que merece ser discutido e o que deve ser admitido sem discussão, como dogma ou mistério da fé. Ela converte os preceitos implícitos de um ethos desejável, consagrando-os como normas éticas explícitas, racionalizadas e sistematizadas. (LOYOLA, 2017, p. 94).

O campo religioso cria alguns preceitos a serem seguidos a fim de se consolidar um comportamento desejável socialmente, os imperativos éticos. Existe uma articulação entre a expansão urbana e a religiosidade, enquanto diretriz que

apontava para a necessidade de se seguir certas normas de conduta e convivência. O que significou:

A criação de um campo religioso relativamente autônomo e o desenvolvimento da necessidade da moralização e de sistematização das crenças e práticas religiosas. A aparição e o desenvolvimento das grandes religiões universais estão associados à aparição e ao desenvolvimento da cidade. (BOURDIEU, 2007a, p. 34).

Ao se incorporar alguns comportamentos religiosos, adquirem-se também alguns imperativos éticos, pois se entende que ao se fazer o bem ou o mal haveria recompensas ou punições, o desenvolvimento dessa característica cultural ocorreu simultaneamente com a conformação das cidades, conforme nos aponta Bourdieu (2007a).

Os processos de interiorização e de racionalização dos fenômenos religiosos e, em particular, a introdução de critérios e imperativos éticos, a transfiguração dos deuses em poderes éticos que desejam e recompensam o “bem” e o “mal”, de modo a salvaguardar também as aspirações éticas, e mais o desenvolvimento do sentimento do “pecado” e o desejo de “redenção” eis aí alguns traços que se desenvolveram, via de regra, paralelamente com o desenvolvimento do trabalho industrial, quase sempre em relação direta com o desenvolvimento urbano. (BOURDIEU, 2007a, p. 35-36).

Nesses termos, a religiosidade esteve atrelada ao desenvolvimento social e cultural das cidades exercendo impacto em variados aspectos, ao estabelecer regras e direcionar alguns comportamentos que são seguidos por indivíduos e grupos. Verifica-se assim a formação de um campo social relativamente autônomo, caracterizado por regras, valores e dinâmicas próprias, mesmo que em linhas amplas submetido às determinações do espaço social como um todo, as quais precisam ser consideradas. (BOURDIEU, 2004b).

1.6 Adventismo e educação no Brasil do século XIX

Assim como os demais protestantes, os adventistas trouxeram consigo o seu *habitus*, a saber, um conjunto de disposições duráveis estruturadas a partir das experiências sociais anteriores, as quais por sua vez estruturam a percepção, as ações e tomada de decisões presentes. (BOURDIEU, 2004). O *habitus* dos adventistas expressava-se nas preferências sistemáticas, que influenciavam o estilo de vida e cultura, no qual a religião ocuparia posição central. Trazendo o seu *habitus*

para dentro do campo missionário brasileiro, a fé adventista que havia tido seu início nos Estados Unidos fixava-se no Brasil. A ferramenta utilizada como propaganda indireta que objetivava a penetração do protestantismo no país foi a educação, notadamente com características proselitistas, enquanto uma das estratégias utilizadas para a consolidação dos ideais hasteados pelo movimento, desde a primeira metade do século XIX:

Junto com a evangelização, a educação da escola protestante formou o conjunto de aspectos que são determinantes para compreender os processos de penetração, expansão e consolidação do projeto missionário dos protestantes no Brasil. A educação, como estratégia missionária, nunca deixou de acompanhar os missionários norte-americanos [...] Nas regiões onde estavam situadas as missões protestantes, logo eram abertas suas escolas e colégios, trazendo consigo práticas e métodos inovadores, considerados modernos, quando comparados às ainda débeis iniciativas governamentais, frágeis na área. (CRES, 2020, p. 72-73).

A educação protestante apresentou características que a tornaram atrativa às elites liberais, pois o conteúdo trabalhado nas escolas apresentava tais valores, expressos na cultura e modo de vida, difundidos nos Estados Unidos. As escolas, enquanto espaço sociocultural, seriam atraentes por esse motivo, também em razão dos hábitos, das condutas sociais e dos valores fundamentados em sua perspectiva religiosa, tais como: o combate ao uso do álcool, o tabagismo e os jogos de azar.

A partir do século XIX a relação entre Adventismo e educação começa a se entrelaçar, para que possamos entender de que maneira se deu a inserção da educação adventista no Brasil, é necessário analisar o contexto educacional brasileiro da época, vejamos um panorama geral segundo Anísio Teixeira (1969):

Até o século dezoito, a educação praticada nas escolas objetivava apenas manter e desenvolver a cultura intelectual, ilustrada e artística da humanidade, preparando assim um pequeno e seleto grupo de especialistas do saber e das profissões de base científica e técnica. Tal escola não visava formar o cidadão, não visava formar o caráter, não visava formar o trabalhador, mas formar o intelectual, o profissional das grandes profissões sacerdotais e liberais [...] sobretudo, distinta e independente de sua cultura econômica e de produção. Todo o ensino sofria, assim, dessa diátese de ensino ornamental: no melhor dos casos, de ilustração, e nos piores, de verbalismo oco e inútil. (TEIXEIRA, 1969, p. 25-26).

Como podemos ver segundo Teixeira a educação até o século XVIII não se preocupava em formar a população em geral, ou em formar o trabalhador, com isto

não alavancou avanços sociais, desenvolvendo-se aquém do esperado. Houve lentidão na expansão do sistema educacional durante a monarquia, e somente nas últimas décadas do século XIX iniciou-se um debate acerca de proposições mais consistentes relativas à realidade socioeducacional brasileira. Stencel (2006) destaca um artigo escrito para a revista **The Missionary Magazine**, de autoria de Frederick Weber Spies, um dos pioneiros e líderes da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil, além de pastor e missionário no Brasil por quase 40 anos. O texto exaltava alguns aspectos das condições do país na última década do século XIX, afirmando que o povo brasileiro possuía uma educação pobre, que pouco mais de 15 por cento seriam capazes de compreender o que liam.

Após a Proclamação da República, em 1889, verificou-se o início da conformação de uma nova perspectiva acerca do sistema educacional brasileiro, com a valorização do liberalismo e a separação entre o Estado e a Igreja. A partir de então os protestantes brasileiros obtiveram liberdade de culto, por meio do **Decreto nº 119-A**, de 7 de janeiro de 1890 (BRASIL, 1890, p. 10):

[...] Art. 1º – É proibido à autoridade federal, assim como à dos estados federados, expedir leis, regulamentos ou atos administrativos, estabelecendo alguma religião, ou vedando-a, e criar diferenças entre os habitantes do país, ou nos serviços sustentados à custa do orçamento, por motivo de crenças ou opiniões filosóficas ou religiosas.

Art. 2º – A todas as confissões religiosas pertence por igual a faculdade de exercerem o seu culto, regerem-se segundo a sua fé e não serem contrariadas nos atos particulares ou públicos que interessem ao exercício deste decreto.

Art. 3º – A liberdade aqui instituída abrange não só os indivíduos nos atos individuais, senão também as igrejas, associações e institutos em que se acharem agremiados, cabendo a todos o pleno direito de se constituírem e viverem coletivamente, segundo o seu credo e a sua disciplina, sem intervenção do poder público.

Art. 4º – Fica extinto o padroado com todas as suas instituições, recursos e prerrogativas [...]

Nesse quadro ocorreram muitas mudanças sociais e educacionais, com destaque para a expansão das escolas públicas e privadas, algo que também foi desdobramento da anterior Reforma Leôncio de Carvalho, ocorrida em 1879, a qual instituiu a liberdade de ensino, o que já havia promovido o surgimento de escolas protestantes. Segundo Mendonça e Velasques (1990) tais instituições tinham o propósito de difundir a cultura protestante utilizando-se de métodos educacionais modernos que haviam feito sucesso na Inglaterra e Estados Unidos. A ideologia

trazida pelos protestantes foi bem aceita por boa parte da elite do país, e ressaltava a superioridade americana que lutava – em tese – por liberdade intelectual, religiosa e por democracia. Tais elementos conjuntamente com a ideia de se estar associando a uma cultura avançada, contribuíram para que a elite brasileira desse atenção às “escolas americanas”:

[...] isto é, protestantes. Uma segunda intenção era formar uma elite que, se não fosse protestante, pelo menos tivesse sido influenciada pelos valores e princípios da cultura que lhe era proposta pelas escolas. Para que o Brasil se tornasse a potência que pretendia ser, era necessário que deixasse de lado as tradições culturais e religiosas latinas, isto é, católicas. Uma terceira intenção era evangelizar as famílias que tinham seus filhos nas escolas protestantes. (MENDONÇA; VELASQUES, 1990, p.105).

As escolas protestantes, portanto, por meio do seu sistema educacional buscavam introduzir sua cultura e seus valores religiosos, sem deixar de lado a finalidade de evangelizar as famílias dos alunos. Entretanto, destaca-se que no caso dos adventistas inicialmente tinham como objetivo em suas escolas educar filhos e filhas de adventistas, preparando-os para o campo missiológico, a fim de fazer prosélitos os que não pertenciam à escola. Conforme destaca Melo (2019), a trajetória da educação adventista no Brasil ocorreu de forma diferente, aqui a primeira escola praticamente foi fundada junto com a igreja, já nos Estados Unidos a educação adventista levou mais de uma década para se desenvolver.

A história da educação adventista no Brasil começa em outubro de 1895 quando Huldreich Von Graf, um dos primeiros membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia nos Estados Unidos, tornou-se pastor e mais tarde um dos editores e escritor da **Revista Adventista** no Brasil, entrou em contato com o jovem recém batizado chamado Guilherme Stein Jr. Ele era autodidata, fluente na época em mais de cinco idiomas e havia estudado alguns anos na Escola Alemã de Campinas. O pastor o convidou para ser professor e primeiro diretor de uma escola, com isto foi dado início ao Colégio Internacional de Curitiba. A escolha de Guilherme Stein Jr. para liderar a implantação da escola foi influenciada por ele ter pertencido a uma família luterana, por ter recebido grande influência educacional protestante e por falar fluentemente alemão – idioma que deveria ser utilizado na escola. Na inauguração a escola possuía apenas oito alunos matriculados, em pouco mais de

um ano já contava com cem estudantes, e tinha em seus quadros dois professores: Guilherme Stein Jr. e sua esposa Maria Stein (CARVALHO, 2013).

Figura 2: Colégio Internacional de Curitiba 1895 – Curitiba, PR.



Fonte: <<http://www.criacionismo.com.br/2012/08/as-primeiras-instituicoes-adventistas.html>>.

Como podemos perceber as instalações eram pequenas, entretanto serviam ao propósito inicial. A casa de alvenaria ficava localizada na rua Paulo Gomes, à época número 19. Com o aumento das matrículas as instalações já não comportavam mais o número de alunos, houve então a necessidade de uma primeira mudança de prédio, e sucessivas outras mudanças de endereço para prédios ainda maiores. (VIEIRA, 2015).

Figura 3: Colégio Internacional de Curitiba 11 de julho de 1896 – Curitiba, Brasil.



Fonte: <https://www.adventistas.org/pt/institucional/os-adventistas/historia-da-igreja-adventista/nossa-educacao/brasil_2_colegio-internacional-curitiba-pr-brasil/>.

Em 1896, o Colégio Internacional de Curitiba estava instalado em uma construção moderna (Figura 3) que oferecia capacidade para comportar todos os alunos matriculados. O prédio tinha acomodações amplas e atendia uma clientela que era dividida em três turmas. Na época a instituição possuía cerca de cento e trinta alunos e já contava com um maior número de docentes quando comparado ao começo de seu funcionamento, a saber, quatro docentes – o dobro do início. (CARVALHO, 2013).

Figura 4: Discentes e docentes do Colégio Internacional de Curitiba, seis meses após a fundação, em 1896.



À esquerda Guilherme Stein Jr, responsável pela escola. Fonte: Vieira (2015, p. 154).

Relatos escritos pelo próprio Guilherme Stein Jr apresentam detalhes do crescimento da instituição. Ao tratar das escolas que Curitiba possuía à época, afirmou que existiam grandes colégios, entretanto que seguiam métodos de alfabetização por meio de soletração nas escolas primárias, enquanto o Colégio Internacional de Curitiba empregava um método avançado:

A nossa escola progrediu rapidamente, o que devemos em parte ao sistema fonético do professor mineiro Felisberto de Carvalho que introduzimos e defendemos malgrado a oposição dos colégios, como o grande Colégio Alemão, cujo corpo docente defendia o sistema hoje arcaico, tendo nós de sustentar uma disputa pelo jornal alemão “Der Beobachter” (O observador), defendendo o novo sistema. A escola que começou com meia dúzia de alunos, acusou ao cabo de seis meses uma matrícula de 120 alunos. (STEIN, 1897 apud VIEIRA, 2015, p. 153).

Conforme mencionado pelo próprio Stein Jr. utilizava-se o método fônico no Colégio Internacional de Curitiba, que segundo ele seria mais eficaz para a alfabetização. Outros colégios da cidade haviam manifestado oposição ao método utilizado, devido houve um embate publicado no jornal **Der Beobachter** – segundo Vieira (2015), trava-se do primeiro jornal alemão a circular em Curitiba, fundado em 1889. Nesse mesmo jornal já havia sido feito um relato positivo a respeito do colégio, com destaque para a infraestrutura, o currículo, a disciplina e o desempenho escolar, enfatizando-se o sistema fonético utilizado para ensinar a ler, conforme relatado por Carvalho (2013).

Nessa época somente dois alunos eram filhos de adventistas e mais de uma centena não eram. As aulas sempre eram iniciadas com orações e cânticos, e aos sábados por ter obrigatoriamente que funcionar em cumprimento a determinações governamentais, a escola oferecia apenas reuniões religiosas e não aulas da grade curricular, utilizando essa estratégia para cumprir a lei e ao mesmo tempo não ir contra o descanso sabático obedecido por eles, segundo Vieira (2015) o colégio durou apenas oito anos e com cerca de 400 alunos matriculados.

Figura 5: Discentes e docentes do Colégio Internacional de Curitiba – em frente à sua segunda sede.



Fonte: Vieira (2015, p. 155). Fotografia publicada no **Arauto da Verdade**, n. 5, maio de 1903, p.77.

Posteriormente o colégio passou a ocupar o Palacete Wolf, na praça atualmente chamada Garibaldi, em frente à Igreja Nossa Senhora do Rosário. (VIEIRA, 2015). O colégio utilizava de materiais didáticos da educação norte-americana, como: mapas geográficos e de anatomia, globos, ábacos, microscópios, aparelhos para ginástica, entre outros. Entretanto, o colégio funcionou por pouco tempo – de 1896 a 1904 – fechando com apenas oito anos de existência. Uma das hipóteses para seu curto funcionamento, apesar da boa localização, professores e material didático elogiados, pode ter sido o fato de funcionar em meio a uma comunidade alemã, porém difundindo a cultura norte-americana, o que pode ter impulsionado a evasão (CARVALHO, 2013). Outra questão que pode ter ocasionado o fechamento do colégio, segundo Meslin (2016), foi o fato da mudança para o palácio Wolf ter custado muito caro, não tendo sido suficientes os recursos para se arcar com o aluguel e com o salário de novos professores.

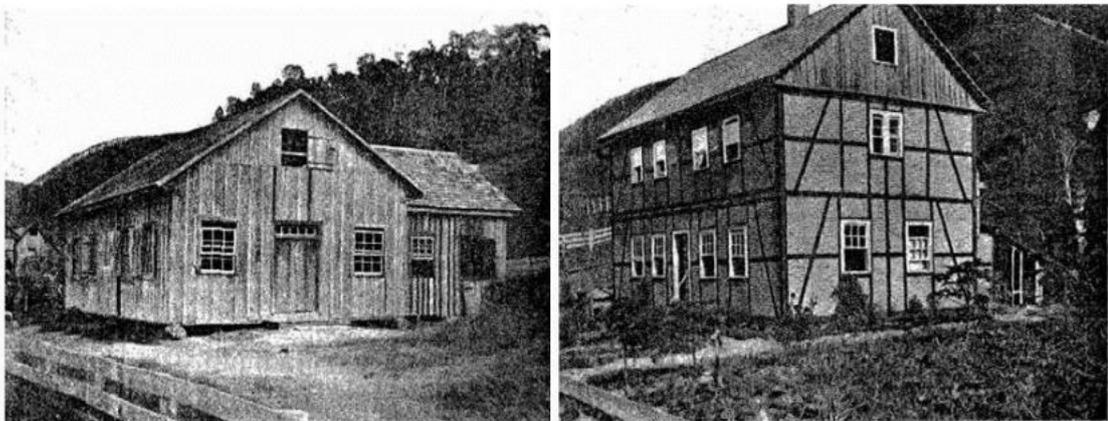
A educação adventista a princípio era buscada por jovens da emergente classe média rural, enviados por seus pais às escolas, para receberem educação no idioma alemão, mas como vimos apenas isso não foi o suficiente para manter o primeiro colégio aberto. Nessa época a educação adventista visava também formar o futuro missionário que contribuísse para difundir a religião pelo Brasil. Em outubro de 1897, Guilherme Stein Jr. foi convidado por Huldreich Von Graf, novamente, para auxiliar na fundação de mais uma escola adventista, da qual foi o primeiro diretor e professor. A escola ficava junto à igreja adventista localizada em Gaspar Alto, município de Brusque - SC, onde se instalou o então Colégio Superior com o objetivo de preparar missionários. (STENCEL, 2006). Podemos perceber que Stein já possuía um significativo capital social, sendo reconhecido em seu meio, estabelecendo uma ligação durável de relações que lhe proporcionava o alcance de benefícios, e a concretização da troca de favores, sob a forma de lucro material ou simbólico. Acerca dessa dinâmica, Bourdieu escreve:

Em outras palavras, a rede de ligações é o produto de estratégias de investimento social consciente ou inconsciente orientadas para a instituição ou a reprodução de relações sociais diretamente utilizáveis, a curto ou longo prazo, isto é, orientadas para a transformação de relações contingentes, como as relações de vizinhança, de trabalho ou mesmo parentesco, em relações, ao mesmo tempo, necessárias e eletivas, que implicam obrigações duráveis subjetivamente sentidas (sentimentos de

reconhecimento, de respeito, de amizade, etc.) ou institucionalmente garantidas, direitos. (BOURDIEU, 2007b, p. 68).

Stein Jr. aceitou o convite e se dirigiu para Gaspar Alto, a fim de conduzir o novo empreendimento, com forte traço missiológico. O terreno do colégio tinha 2,5 hectares, no qual pela manhã funcionava o nível primário e pela tarde o secundário. Os alunos também participavam de atividades agrícolas. Utilizava-se o idioma alemão e o local dispunha de dormitório para 40 alunos em regime de internato. Com dois pisos, sótão e refeitório, o edifício era dividido entre escola e igreja. (CARVALHO, 2012).

Figura 6: Edifício escolar e dormitório do Colégio de Gaspar Alto.



Fonte: Vieira (2015, p. 157).

Figura 7: Igreja de Gaspar Alto, SC. Segunda Conferência do Estado, por volta 1906.



Fonte: < <https://www.adventistas.org/pt/institucional/os-adventistas/historia-da-igreja-adventista/historia-na-america-do-sul/> >.

Havia um forte propósito de formação missiológico, segundo Macedo (2018), com propósitos internacionais, com as aulas sendo ministradas em alemão e não em português. Gross (2015) destaca alguns pontos característicos das escolas que buscavam implantar do modelo educacional adventista no Brasil:

A educação adventista no Brasil (tanto de internato quanto de externato) iniciou nos três estados meridionais: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em dois cenários distintos: primeiro em uma capital (Curitiba, PR) praticamente sem presença adventista. Em segundo, em um ambiente rural, onde já havia uma igreja formalmente organizada (Gaspar Alto, município de Brusque, SC). A primeira era de sustento próprio, cujas entradas financeiras eram provenientes das mensalidades escolares que a mantinham. A segunda, podemos hoje chamá-la de – escola paroquial. Em ambos os casos, o ensino era ministrado em alemão, para alunos filhos de famílias de imigrantes e seus descendentes que, em casa e fora dela, tinham o alemão como língua primeira. (GROSS, 2015, p. 25-26).

Após a educação adventista espalhar-se pelo Paraná e Santa Catarina, chegou ao Rio Grande do Sul. Em maio de 1902 havia sido realizada uma assembleia em Gaspar Alto, momento em que foi votada a abertura de mais uma escola, a terceira:

Em Taquari, Rio Grande do Sul, em 1897, o proprietário de um hotel que havia aceito a fé adventista, queria converter o seu hotel em uma sede da missão e sanatório. Os dirigentes arrendaram uns 100 hectares para criar uma escola agro-industrial. Pôde-se então, em 1903 abrir um colégio destinado a missionários, com doze alunos, que logo subiram a vinte. Foi o segundo colégio missionário do Brasil. (VIEIRA, 2015, p. 175-176).

O colégio entra em funcionamento no dia 19 de agosto de 1903, tinha por missão formar colportores, missionários, professores e pregadores. O ensino se dava em português e em alemão, havia aulas de Física, Botânica, Zoologia, Gramática Aritmética, Geografia, Caligrafia e Canto, com a instrução baseada na Bíblia. Também havia ensinamentos voltados à agricultura e à apicultura. (VIEIRA, 2015). No local posteriormente também funcionaria uma gráfica na qual seria criado o segundo periódico da denominação, Guilherme Stein Jr mudou-se para Taquari aceitando um convite de Graf – assim, passando a trabalhar no colégio e também atuando como redator no periódico **O Arauto da Verdade**.

Figura 8: Prédio do Colégio e gráfica em Taquari no RS, em 1985.



Fonte: Vieira (2015, p. 174).

Posteriormente, em 1910, a escola de Taquari foi transferida para São Paulo, tendo como um dos principais motivos da escolha sua localização. O foco a partir desse momento era o proselitismo dos brasileiros natos, não apenas dos alemães como no princípio, com isso as aulas eram ministradas em português e com professores brasileiros sem ascendência alemã. Na época em Taquari houve a instalação de uma gráfica, que acabou desestabilizando o colégio, que sofreu por comparações com o Colégio de Gaspar Alto e do Colégio Superior de Curitiba, mencionando-se que o campo gaúcho da IASD não possuía recursos financeiros para dar suporte a instituição. Em fevereiro de 1910 a Assembleia da Associação dos Adventistas do Sétimo dia do Brasil recomendou a transferência do Colégio Superior de Taquari, a instituição fechou as portas e a administração vendeu a propriedade em 1911. Anos mais tarde adquiriram outra propriedade, em 28 de abril de 1915, localizada no Capão Redondo, em Santo Amaro, São Paulo. Segundo Stencil (2006) nesse novo local se estabeleceu o Seminário Adventista, posteriormente Colégio Adventista Brasileiro (CAB), e o Instituto Adventista de Ensino (IAE) – o atual UNASP, Centro Universitário Adventista de São Paulo.

Algumas práticas educacionais adventistas assemelhavam-se a aspectos da Escola Nova, pois a educação era integral, algumas vezes campestre e focada na

prática educacional norte-americana, o que contribuiu para os debates ocorridos na década de 1920. Segundo Melo (2019) o modelo educacional adventista, objetiva promover o desenvolvimento completo do educando de forma física, mental, moral (espiritual) e social, ressalta-se a necessidade de um sistema educacional que cultive de forma equilibrada todos esses princípios.

1.7 A influência cultural e religiosa do adventismo

A mídia impressa foi valorizada e utilizada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia desde muito cedo, tendo sido adquirida uma editora em 1850 nos Estados Unidos, o que contribuiu na expansão da literatura da denominação por vários países, entre eles o Brasil. (CRES, 2020). O início das publicações da denominação se deu por incentivo de Ellen White, que aconselhou ao esposo que deveria começar a editar um periódico para alcançar mais pessoas. (SCHEFFEL, 2006). Thiago White lançou o periódico **Review and Herald**, em julho de 1849, em Battle Creek, Michigan, Estados Unidos, que fornecia notícias das igrejas, de irmãos na fé e sermões aos adventistas que se encontravam longe. Desde a fundação da igreja Ellen White exerceu influência na base doutrinária da igreja e em grande parte das publicações iniciais da IASD, com produções nos campos da saúde, da educação e da religião. Verifica-se nesses termos uma correlação entre seu capital cultural e seu capital social, a considerar a valorização da produção de bens culturais no seio dessa denominação religiosa. Pierre Bourdieu afirma que:

Essas ligações são irredutíveis às relações objetivas de proximidade no espaço físico (geográfico) ou no espaço econômico e social porque são fundadas em trocas inseparavelmente materiais e simbólicas cuja instauração e perpetuação supõe o reconhecimento dessa proximidade. (BOURDIEU, 2007b, p. 67).

Essa rede de relações sociais e influências está vinculada à produção de bens culturais produzidos e utilizados pela mídia impressa, ocorrendo disputas no campo religioso pautadas no volume de capital social dos agentes, convertendo-o em um mecanismo de luta. Segundo Bellotti (2021) a mídia impressa teve grande importância para a inserção social das denominações protestantes também no

Brasil, desde meados do século XIX, pois os impressos possuem autoridade e longevidade entre os membros de tais instituições religiosas.

Os adventistas utilizaram os impressos como meio de difusão de suas proposições e valores, com esses livros e periódicos tendo, inclusive, se concretizado como um meio para a consolidação de seu corpo doutrinário. O que contribuiu para sua legitimação social por meio da literatura, sendo propagada uma doutrina, como estratégia de expansão da igreja. Segundo Mendonça (1995) esses impressos tornaram-se meio de difundir e evangelizar em uma lógica missionária ocidental no século XIX, época em que os missionários protestantes americanos e europeus começaram a atuar em solo brasileiro. Vejamos o papel da literatura denominacional realizadas pelos missionários colportores:

[...] a literatura foi representada na imprensa adventista, visto que livros, folhetos e tratados foram retratados com características próprias, quase humanas, com poder de influência na vida dos leitores, em um contexto de expansão dos primeiros meios de comunicação de massa. A leitura não era em si uma virtude – em um período de popularização de romances baratos e imprensa sensacionalista, era necessário ler a “boa literatura”, saudável para a alma. Mas para que essa leitura chegasse ao povo, o trabalho dos colportores era visto como imperativo para concretizar o trabalho que Deus teria legado aos adventistas para difundir sua verdade. Apesar da existência das mídias digitais atualmente, a venda de literatura ainda é valorizada por igrejas como a Adventista do Sétimo Dia, pois no contexto atual ela serviria como o antídoto contra a solidão e a impessoalidade nas relações sociais, além de sustentar a produção editorial da igreja. (BELLOTTI, 2021 p. 851).

A imprensa adventista, segundo Bellotti (2021), objetivava apresentar uma leitura entendida como saudável, com a finalidade de difundir sua doutrina, em uma literatura produzida, divulgada, vendida e lida em um contexto de circulação.

As publicações denominacionais adventistas do sétimo dia espalharam-se e tiveram também sua continuidade no Rio de Janeiro, visto que lá a liberdade de imprensa desenvolvida pelos periódicos era maior. Em 1899, Willian Henry Thurson, que era ancião da Igreja Adventista do Sétimo dia nos Estados Unidos, presidente da Associação da Escola Sabatina e secretário do programa de colportagem evangélica de Wisconsin e missionário da igreja na América do Sul, convidou Guilherme Stein Jr. para assumir a direção da revista **O Arauto da Verdade**, esse seria o primeiro periódico brasileiro da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Conforme os

relatos do período, identificou-se a necessidade de produção de revistas e de folhetos em língua portuguesa. (VIEIRA, 2015). Conforme Thurson:

Não temos folhetos nem periódicos em português, de fato nada para entregar para o povo ler. Eles têm medo da bíblia. Mas estamos preparando os manuscritos para o primeiro número de nosso periódico em português, planejado já de há muito. Mas mesmo quando tivemos a matéria preparada para o prelo, não sabemos quanto teremos de esperar antes de podermos imprimir a primeira edição, pois nossos recursos financeiros são escassos. (THURSON, 1899 apud VIEIRA, 2015, p. 166-167).

Nesse trecho verifica-se que Thurson indicou que os poucos recursos adiavam a publicação, mas finalmente em junho de 1900 logrou o lançamento do periódico. Impresso na Travessa do Ouvidor nº 33, esse seria o início da Sociedade de Tratados do Brasil, hoje Casa Publicadora Brasileira, editora adventista que existe há 122 anos ininterruptos. O trabalho consistia em traduzir, redigir, providenciar colaborações para a publicação e para as ilustrações, Guilherme na época era responsável pela redação, tradução e revisão. As edições de **O arauto da Verdade** continuaram a ser publicadas até 1913, nelas eram traduzidos artigos de pastores, que eram os líderes da igreja na época, tais como Thurson e Spies. Já os artigos sobre saúde eram de autoria do Dr. Kellogg, um dos pioneiros da medicina preventiva nos Estados Unidos. Nesse período, ele havia estabelecido com seu irmão uma indústria alimentícia, a qual inicialmente era pertencente à Igreja Adventista do Sétimo Dia, em Battle Creek, Michigan. (VIEIRA, 2015).

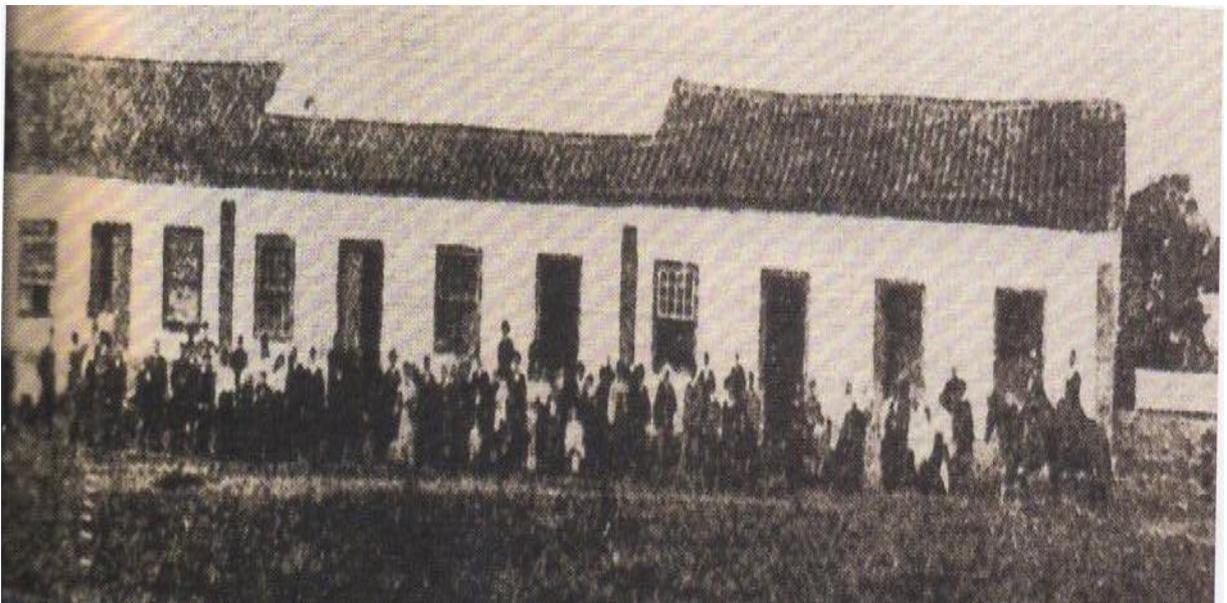
Figura 9: Primeira edição do periódico, publicado em julho de 1900, p. 1-2 (Acervo SBC).



Fonte: Vieira (2015, p. 167).

Em Taquari, no Rio Grande do Sul, foi dado mais um passo para a formação do segundo periódico da denominação no país. Havia algum tempo que a igreja buscava estabelecer a utilização de máquinas de impressão tipográfica e de prensa, e o Colégio de Taquari possuía espaço o suficiente para a desse projeto. John Lipke um missionário evangelista, professor, médico e um dos pioneiros da Igreja Adventista no Brasil, assumiu a direção do colégio após a saída de Stein, e decidiu arrecadar fundos viajando para os Estado Unidos. Lá conseguiu a quantia de 1.500 dólares, com o dinheiro compraram todo o material necessário para consolidação da imprensa adventista. (VIEIRA, 2015).

Figura 10: Colégio de Taquari, RS, em 1906, onde funcionava a tipografia da Sociedade Internacional dos Tratados do Brasil.

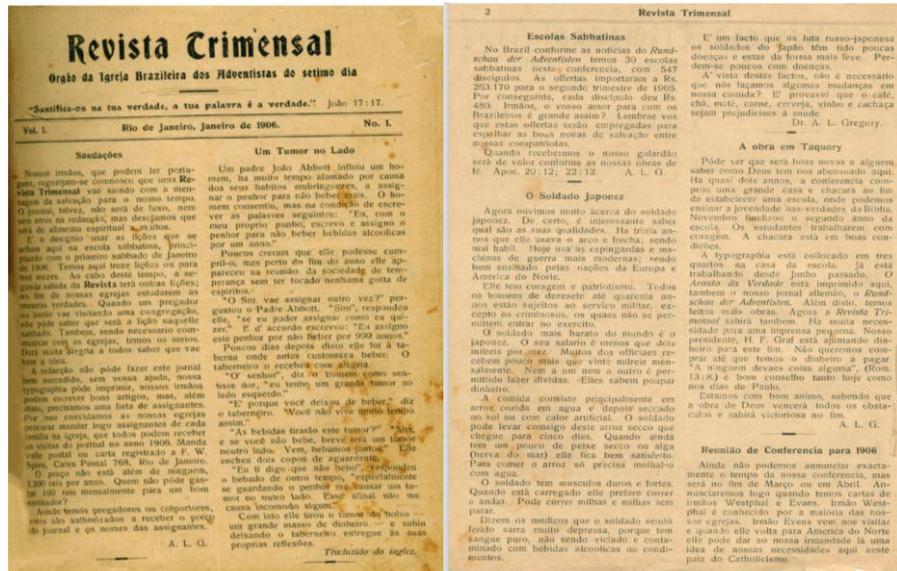


Fonte: Vieira (2015, p. 177).

No ano de 1906 foi fundada no Brasil a **Revista Adventista**, a qual funciona interruptamente até os dias atuais. O periódico passou por várias transformações ao longo de 117 anos de história, pois a princípio possuía uma tiragem trimestral que passou a ser mensal, posteriormente foi impresso em cores e com maior número de páginas. Possuindo um acervo organizado e disponível para consulta no site da revista, com a digitalização do conteúdo desde 1906.

O início das publicações foi bastante modesto, toda a edição ocorria no Rio de Janeiro, mas as impressões aconteciam no Rio Grande do Sul, havia poucos recursos, o periódico possuía apenas 12 páginas em preto e branco, e erroneamente foi chamada de **Revista Trimestral**, sendo que o correto seria **Revista Trimestral**, visto que era publicada apenas uma vez a cada trimestre e não três vezes ao mês. A maioria das páginas era ocupada por lições da Escola Sabatina (Estudos Bíblicos) que serviriam para três meses, sendo vendida por 1.200,00 réis – Figura 11. (LESSA, 2006).

Figura 11: Primeira edição do periódico que mais tarde com o nome mudado para **Revista Adventista**.



Fonte: **Revista Adventista**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 1-2, jan. 1906.

Em 1908 houve mudança de nome e o periódico veio a se chamar **Revista Mensal** (Figura 12). Passou a ser editado e publicado em São Bernardo do Campo, devido à localização próxima a cidades como São Paulo, possuindo então oito páginas, que somente foram ampliadas para 16 páginas em 1918. A maioria dos artigos eram escritos por estrangeiros ou filhos de estrangeiros, nomes importantes da igreja adventista, constavam também relatos pessoais que eram enviados pelos missionários espalhados pelo país.

Figura 12: Primeira edição mensal em janeiro de 1908



Fonte: Revista Adventista, São Bernardo do Campo, ano 3, n. 1, p. 1-2, jan. 1908.

Em março de 1931 ocorreu a mudança do nome do periódico para **Revista Adventista**, o qual permanece até hoje. Quando capa passou a ser identificada como “Órgão Oficial da Igreja Brasileira dos Adventistas do Sétimo Dia” – Figura 13. Na época cada edição possuía 32 páginas, já atualmente possui 52 páginas fixas. (SCHEFFEL, 2006).

Figura 13: Primeira edição com o nome Revista Adventista.



Fonte: Revista Adventista, São Bernardo do Campo, SP, ano 26, n. 3, p. 1-2, jan. 1931.

Desde os primórdios a **Revista Adventista** destacava assuntos relacionados à educação, pois havia uma grande preocupação com o analfabetismo, que era visto como um entrave para a expansão de evangelização. Inclusive as lideranças da igreja adventista apoiavam o “I Congresso Nacional contra o analfabetismo”, conforme se verifica no trecho da revista a seguir:

Acaba de se reunir na Capital da República o I Congresso Nacional contra o Analfabetismo, por patriótica iniciativa da Cruzada Nacional de Educação. A imprensa do Rio divulgou detalhadamente esse auspicioso. Apoiada pelo Governo Federal, pelas associações de classe e pelo público generoso que vê, a significação das obras beneméritas, a Cruzada - uma organização particular, a nosso vê tem realizado uma obra notável em auxílio á necessidade de alfabetização em nosso paiz. Abrindo a reunião inicial do Congresso, seu presidente Gustavo Armbrust que tem demonstrado um verdadeiro idealista da grande tarefa de alfabetização nacional teve expressões que não podem deixar de nos interessar. Transcrevemos algumas: “A Cruzada Nacional de Educação alimenta um nobre ideal: apagar a mancha humilhante do analfabetismo”. “Espalhar escolas por todos os cantos do paiz, proporcionar um pouco de instrução a milhões de analfabetos... eis a sua finalidade”. Convencer a nação da necessidade imperiosa de uma campanha em prol da educação popular, atear em todo o país um incêndio de entusiasmo e crear um exercito de voluntários compostos de grandes e pequenos, ricos e pobres, homens, mulheres, velhos e crianças, eis o que cumpre fazer”. O inimigo “o analfabetismo é poderoso, porém não é invencível; já banido em outros paizes e sei-o-á igualmente no nosso se soubermos enfrentar com coragem e tenacidade”. (LOBO, 1936, p. 3).

Verifica-se nessa citação que o artigo destacava a necessidade de escolas para fazer avançar a educação popular. Assim como os organizadores do congresso, os adventistas destacaram uma preocupação com a questão educacional, visto que eram muitos analfabetos no país. O que tornava, inclusive, mais difícil a circulação de literatura religiosa, conforme destacado por Lobo (1936) na **Revista Adventista**.

Em julho de 1950 a revista ganhou páginas coloridas, entretanto, somente por ocasião da comemoração do cinquentenário das publicações adventistas, iniciadas em 1900. Ela trouxe impressa na página número 2 a primeira publicação adventista, ocorrida em **O Arauto da Verdade**. A **Revista Adventista** passou a ser editada pela Casa Publicadora Brasileira CPB, uma entre as 58 editoras adventistas existentes no mundo. (DE BENEDICTO; BORGES, 2006).

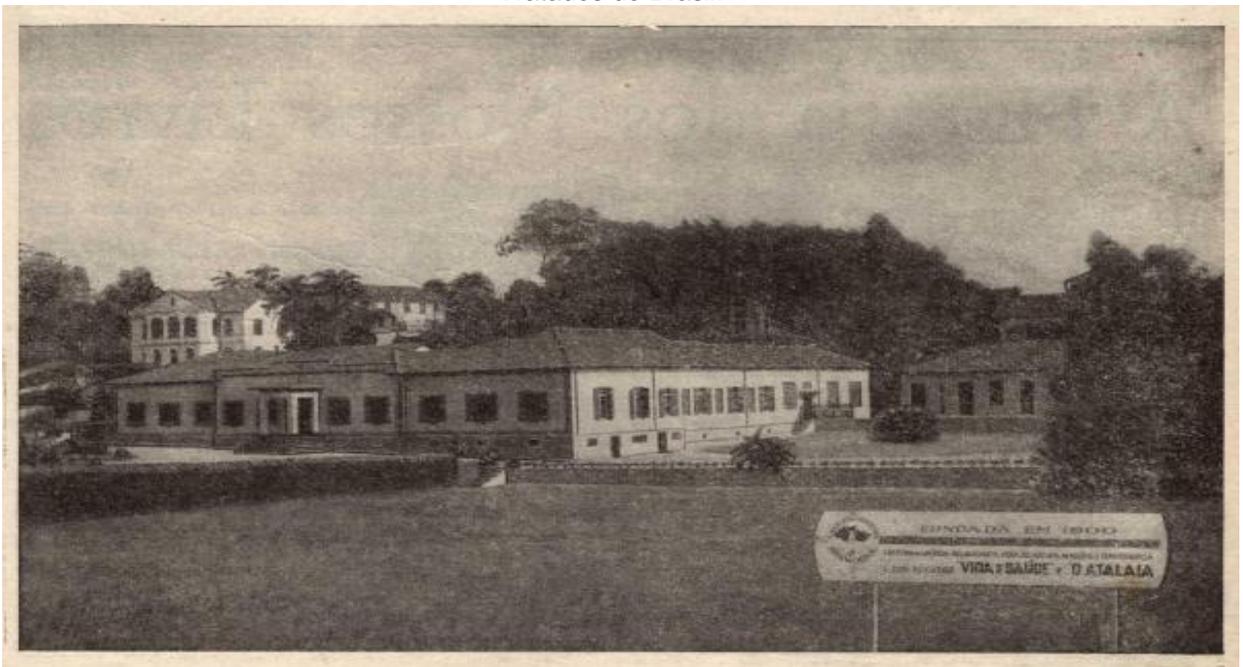
Figura 14: Comemoração do cinquentenário das publicações adventistas no Brasil.



Fonte: **Revista Adventista**, Santo André, ano 45, n. 7, p. 1-2, jul. 1950.

A edição trazia orientações sobre os cuidados com a saúde, alertas relativos ao uso excessivo do açúcar, receitas saudáveis, lições de escola sabatina e outras orientações educacionais. Também abordava informações históricas do início das publicações com fotos da editora CPB. (Figura 15).

Figura 15: Casa Publicadora Brasileira, Editora Adventista, antiga Sociedade Internacional dos Tratados do Brasil.



Fonte: **Revista Adventista**, Santo André, ano 45, n. 3, p. 3, jul. 1950.

Há nessa edição comemorativa informações sobre os livros editados e impressos de 1907 a 1948, incluindo entre eles revistas religiosas, de saúde e literárias, como o periódico **Os Sinais dos Tempos**, tido como sucessor do periódico **O Arauto da Verdade**, que em 1923 mudou de nome para **O Atalaia**. (MENDES, 1950) – essa última em publicação até hoje. Durante suas quatro primeiras décadas a **Revista Adventista** manteve a chamada fase literária, possuindo artigos longos, seriados de reportagens e poemas. (SCHEFFEL, 2006). Somente em 1953 a revista ganhou capa, pois até então os artigos constavam já desde a primeira página. A regularidade das capas coloridas inicia-se em janeiro de 1955. (Figura 16).

Figura 16: Capa colorida da revista, janeiro de 1955.



Fonte: **Revista Adventista**, São Bernardo do Campo, ano 50, n. 1, p. 1, jan. 1955.

Na década de 1970 o periódico entrou em uma fase mais jornalística, com os editores passando a ter formação superior na área da comunicação. Destacavam-se notícias da atualidade de maneira objetiva, e a pauta da revista passou a ser encerrada apenas 15 dias antes da sua circulação, o que anteriormente ocorria com

três meses, o que implicava em que os acontecimentos fossem noticiados com certo atraso. (FURTADO, 2020). A revista mesmo abordando assuntos atuais, não possuía uma publicação aberta a debates, conforme Scheffel (2006) destaca, visto sua linha de sustentação doutrinária que visava esclarecer dúvidas e controvérsias. Como já mencionado anteriormente, a **Revista Adventista** atualmente além da versão impressa, possui um acervo digital que conta com todas as edições desde 1906. Segundo Furtado (2020) a atualização na biblioteca virtual ocorre de três a quatro meses após a publicação da versão impressa, a qual tem uma tiragem de aproximadamente 155 a 160 mil exemplares.

A denominação da IASD possui também a Rede Novo Tempo de Comunicação, fundada em 1943, que se expandiu com uma rede de rádios, um site e um canal de televisão. Encontra-se no site inclusive a divulgação das publicações da Casa Publicadora Brasileira, sendo enviadas revistas gratuitamente para quem fizer o pedido. As publicações são de assuntos variados com a colaboração de especialistas nas áreas abordadas. A revista **Sentimentos, a Ciência do Existir**, é elaborada pela Dra. Rosana Alves, especialista em neurociência, e aborda os problemas relacionados à saúde mental (ALVES, 2021); a revista **Saldo Mais** ensina acerca de equilíbrio financeiro (ANDRADE, 2015); a revista **Fique Leve** trata sobre os princípios básicos para uma vida saudável e equilibrada, no âmbito da saúde física, mental, emocional e espiritual (SOUZA; KANO; SELLA; ANDRADE, 2014); a revista **Acordes** trata de estudos sobre os cânticos como uma linguagem universal (SOUZA; QUEIROZ; ÍRAIDES, 2017); a revista **Evidências** escrita pelo arqueólogo, filósofo, teólogo e professor Dr. Rodrigo Silva, especialista em Arqueologia Bíblica, aborda assuntos sobre o propósito da existência, metafísica e dilemas humanos. (SILVA, 2020). Há ainda mais revistas elaboradas com estudos bíblicos também gratuitamente. E a revista **Vida e Saúde** com e-books disponibilizados gratuitamente, entretanto, a revista física é oferecida somente para assinantes, compondo as publicações da Casa Publicadora Brasileira, circulando ininterruptamente no Brasil desde 1938, com uma linha editorial ligada à divulgação da ciência, ao estímulo à saúde preventiva, à reeducação alimentar e às atividades físicas. (BORGES, 2021).

Essas revistas e estudos são disponibilizados pelo correio, assim como em formato digital, o que facilita a divulgação do material. Há uma significativa

importância na preservação dessas fontes, como, por exemplo, a **Revista Adventista**, que possui publicação desde 1906.

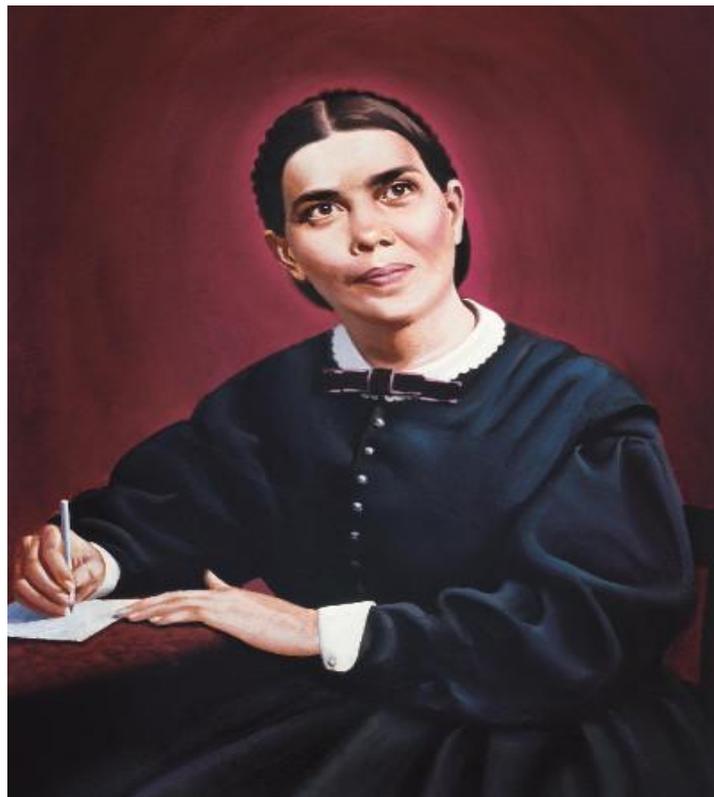
Como pudemos ver, a Igreja Adventista do Sétimo Dia se expandiu e influenciou não apenas a esfera da religiosidade, mas também a seara educacional com o Sistema Educativo Adventista, e a área cultural com a produção intelectual que se consolidou na Casa Publicadora Brasileira. Ao contemplarmos esses aspectos buscamos abordar a trajetória do Adventismo no Brasil, a fim de compreender seu impacto nos campos religioso, cultural e educacional.

CAPÍTULO 2

TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE ELLEN GOULD WHITE

O presente capítulo contempla a trajetória intelectual de Ellen Gould White, destacando sua formação familiar, produção intelectual, capital cultural, social e simbólico, pois a autora possui um relevante papel na história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Foi uma das fundadoras da denominação, destacando-se na implantação dos princípios educacionais que orientam a filosofia adventista, sendo uma mediadora e produtora intelectual. Escreveu mais de 5.000 artigos e 49 livros, incluindo compilações de seus manuscritos chegam a mais de 150 livros, que abrangem uma ampla variedade de tópicos, tais como religião, educação, saúde, relações sociais, evangelismo, profecias, nutrição e administração. Sendo alguns de seus livros publicados em cerca de 150 idiomas, segundo o Centro de Pesquisas Ellen G. White, mantido pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo-UNASP de Engenheiro Coelho.

Figura 17: Ellen Gould White



Fonte: <<https://whiteestate.org/about/egwbio/>>.

Algumas crenças da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) estão relacionadas ao fato de acreditarem que Deus capacitou sua denominação com dons espirituais e o dom do Espírito da Profecia, com o objetivo de proclamem o evangelho a toda criatura antes do tempo do fim, seguindo orientações bíblicas, Ellen White seria para os adventistas o próprio Espírito da Profecia (MEDEIROS, 2019). O que significaria que ela seria uma profetisa usada como mediadora de Deus com o papel de passar as instruções para a igreja, conforme podemos observar a seguir em um trecho de seu livro **Conselho para as igrejas**: “Essas mensagens nos foram dadas para confirmar a fé de todos, para que possamos ter confiança no Espírito da Profecia nestes últimos dias”. (WHITE, 2007, p. 12). Portanto, em suas publicações a autora dava ênfase na questão de ser profetisa em seu meio religioso e imbuída de carisma, ou seja, dessa autoridade e fascinação que exercia sobre o seu grupo religioso, criava-se condições para que seu trabalho como profeta fosse eficaz. Bourdieu (2007a) afirma que:

[...] toda teoria da profecia deve reservar um lugar ao carisma como ideologia profissional do profeta, condição específica da eficácia da profecia, na medida em que conserva a fé do profeta em sua própria missão e ao mesmo tempo lhe fornece os princípios da ética profissional, sobretudo a recusa pública de todos os interesses temporais. (BOURDIEU, 2007a, p. 55).

Ellen White em suas manifestações públicas expressava a crença de ter sido escolhida por Deus para entregar aos seres humanos suas mensagens. Era detentora de um capital simbólico, que lhe conferia *status*, honra e prestígio, alcançando um tratamento diferenciado como sendo a eleita de Deus segundo aquele campo religioso. Pierre Bourdieu (2004a) destaca que a construção coletiva da realidade social, implica na atribuição de capitais entre os agentes de um campo. A soma dos recursos de poder – dos tipos de capitais – adquiridos por um agente, posiciona o lugar por ele ocupado no interior da estrutura de um grupo social. Ao tratar dos diferentes tipos de capital, Bourdieu afirma:

Esses poderes sociais fundamentais são, de acordo com minhas pesquisas empíricas, o capital econômico, em suas diferentes formas, e o capital cultural, além do capital simbólico, forma de que se revestem as diferentes espécies de capital quando percebidas e reconhecidas como legítimas. Assim, os agentes estão distribuídos no espaço social global, na primeira dimensão de acordo com o volume global de capital que eles possuem sob

diferentes espécies, e, na segunda dimensão, de acordo com a estrutura de seu capital, isto é, de acordo com o peso relativo das diferentes espécies de capital, econômico e cultural, no volume total de seu capital. (BOURDIEU, 2004a, p. 154).

O capital simbólico é um poder fundamental na estrutura social, pois quando legitimado, o detentor desse capital exerce importante influência, destacando um modelo de *habitus* que se espera que seja adquirido. Sendo assim o campo religioso oferece um *habitus* aos leigos e aos que pretendem pertencer a determinado grupo, para que isso ocorra, acabam por incorporar um conjunto de regras e de práticas estabelecidas:

[...] o exercício legítimo do poder religioso enquanto poder de modificar em bases duradouras as representações e as práticas dos leigos, inculcando-lhes o *habitus* religioso princípio gerador de todos os pensamentos percepções e ações segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural, ou seja, objetivamente ajustados aos princípios de uma visão política do mundo social. (BOURDIEU, 2007a, p. 57).

Nesse quadro, os leigos que pretendem ser aceitos em um determinado grupo religioso, tendem a se adequar ao *habitus* daquele meio, sendo necessário vivenciá-lo, respeitando os detentores do capital simbólico, aquelas autoridades propriamente religiosas que tentam monopolizar os bens de salvação. Ellen White era considerada uma autoridade religiosa em seu meio, e ao longo de sua vida ocupou posições importantes, tendo transitado em diversos campos sociais. Para compreender seu *habitus* incorporado é necessário considerar sua origem familiar, local onde ocorre a socialização primária que cria tendências para as inclinações e ações futuras. (BOURDIEU, 2008a).

Este capítulo apresenta e discute a origem familiar de Ellen White, assim como traz elementos de sua vida pessoal após a socialização primária ocorrida em meio a seus familiares, pois uma história de vida é um conjunto de experiências individuais e acontecimentos. (BOURDIEU, 2008b).

2.1 Ellen White: Origem familiar

Ellen Gould Harmon foi o nome de solteira de Ellen Gould White. Ela nasceu em 26 de novembro de 1827, com sua irmã gêmea Elizabeth, em uma família de oito

filhos, na pequena fazenda perto da vila de Gorham, Maine, norte dos Estados Unidos, com mais de 15 mil habitantes e próximo a Portland, uma grande cidade para os padrões da época. Em tempos de progressos revolucionários e tecnológicos, politicamente o país crescia rapidamente, saltando sua população de 5 para 20 milhões de pessoas entre 1800 e 1850. Período em que se ampliavam as tensões raciais, relacionadas à imigração europeia e à escravidão, bem como se verificava a emergência do individualismo, como um dos desdobramentos das revoluções burguesas numa apropriação norte-americana. (DARIUS; PANCOTTE, 2012).

O ambiente nos Estados Unidos do século dezenove trazia uma nova dinâmica de relações sociais, havendo significativas polarizações de pensamento e de posicionamentos sociais dentro da sociedade. Houve o início das cidades industrializadas e urbanizadas, boa parte da população rural migrou para a zona urbana, com o crescimento de tal concentração subindo de 19%, em 1860, para 39% em 1900. Nesse quadro, ganhavam corpo os conflitos de classe, notadamente no quadro da escravatura e da Guerra Civil (1861-1865) ocorrida no país. No relativo ao campo religioso, verificava-se um ambiente efervescente caracterizado por uma multiplicidade de movimentos: utopistas¹, espiritualistas², prognosticadores³, transcendentalistas⁴ e celibatários⁵, em contraste com um cenário antes dominado pelas organizações religiosas convencionais. (DOUGLASS, 2003).

Nesse contexto nasceu e cresceu a personagem por nós aqui estudada, Ellen, filha de Robert e Eunice Harmon, agricultores, que alguns anos após seu nascimento desistiram da agricultura, mudando-se para a cidade de Portland. Durante a infância Ellen ajudou seu pai na fabricação de chapéus. A sua educação formal foi muito breve, pois devido a sua saúde frágil acreditava-se que não viveria por muito tempo (DOUGLASS, 2003). Não possuía uma formação acadêmica, visto que no século XIX poucas pessoas possuíam estudos mais avançados, e as mulheres tinham ainda menos chances. Em acordo com Douglass (2003) naquele contexto:

¹ Utopistas: adeptos de um movimento que concebe projetos quiméricos.

² Espiritualistas: pertencentes à doutrina que admite a existência do espírito como realidade substancial.

³ Prognosticadores: adeptos da doutrina que prevê o que há de suceder.

⁴ Transcendentalistas: adeptos da doutrina caracterizada pelo misticismo panteísta.

⁵ Celibatários: aqueles que vivem em celibato.

[...] estava-se instaurando um sistema escolar progressista para estudantes entre os 4 e os 21 anos de idade. Depois da escola primária básica (4 anos de estudo), o estudante podia entrar para a escola primária superior (4 anos de estudo), chamada Grammar Scholl, após um exame público. A educação gratuita para as meninas, contudo, acabava na escola primária, enquanto os meninos podiam prosseguir na escola secundária (4 anos de estudo), que se especializava no ensino avançado do inglês, depois de passar noutro exame público. (DOUGLASS, 2003, p. 45).

Havia uma grande disparidade em relação à educação das mulheres e a educação proporcionada aos homens, pouco estímulo para que prosseguissem com os estudos, poucas tinham acesso às escolas. No cenário norte-americano houve muitas representantes na luta pelos direitos a educação feminina, uma delas foi Abigail Adams, esposa de John Adams, segundo presidente dos EUA. A qual defendia seus ideais em manifestações públicas, em cartas ao esposo e a Thomas Jefferson, primeiro presidente americano. Ela acreditava que devido as mulheres serem responsáveis por criar os homens, a nação teria maior chance de prosperar se elas tivessem acesso à educação:

Se você reclama da negligência da educação dos filhos, o que direi a respeito das filhas, que todos os dias experimentam a falta dela. [...] Eu sinceramente desejo que algum plano mais ousado possa ser traçado e executado para o benefício da nova geração e que nossa nova constituição possa se destacar pelo aprendizado e pela virtude. Se pretendemos ter heróis, estadistas e filósofos, deveríamos ter mulheres educadas (ADAMS, 1776 apud SORRILHA, 2021, p. 3).

Abigail Adams foi uma figura importante na época da Independência Americana, final do século XVIII, além de ser conselheira de seu esposo, ela trocava muitas correspondências com Thomas Jefferson, as quais são muito famosas devido ao forte posicionamento dela, lutando pelo direito das mulheres, principalmente quanto ao acesso à educação. Assim como Abigail, Ellen era uma mulher autodidata, sem formação acadêmica, algo comum entre o gênero feminino de sua época, tendo desfrutado pouco do sistema de ensino, o que se deve também ao fato de possuir uma saúde debilitada, notadamente, a partir de um ferimento que recebeu na cabeça e que a limitou a frequentar a escola. Ela afirmou, inclusive, ter sido aconselhada pelas suas próprias professoras a abandonar os estudos nas instituições. (WHITE, 2022). Apesar de não ter seguido em sua escolarização,

tornou-se uma empenhada leitora e escritora que demonstrava desenvoltura na escrita.

Seus contemporâneos, conhecedores de sua formação e educação mínima, também estavam convencidos de que uma sabedoria mais do que humana era responsável pela incisiva e impressionante eloquência demonstrada por ela tanto no prelo como no púlpito. [...] Ellen White escrevia em papel de carta, folhas encorpadas e em cadernos de folhas pautadas, quase sempre utilizando uma pena. Depois de meados da década de 1880, suas assistentes datilografavam seus manuscritos. Ela escrevia em todas as ocasiões, dia e noite, e em circunstâncias que intimidariam a outros. (DOUGLASS, 2003, p. 108 -109).

Mesmo sem a escolarização formal adquiriu um importante capital cultural demonstrado em diversos artigos e livros, sendo reconhecida em seu meio como eloquente tanto em suas publicações como em suas pregações, assunto que veremos mais detalhadamente à frente.

2.2 Ellen White e sua inserção no campo religioso

Segundo Bourdieu (2007a) a religião possui uma predisposição em assumir uma função ideológica, prática e política de absolutização do relativo, legitimando o arbitrário reforçando a força simbólica mobilizada por um grupo que legitima tudo o que eles próprios definem. Ou seja, a ideologia da religião desconsidera o relativo, a verdade não é aceita como relativa, mas sim como absoluta, sendo esta definida pelo grupo. Dessa forma há consagração através de sanções santificantes, o que seria o mesmo que obedecer às proibições em busca de tornarem-se pessoas melhores do que são, estabelecem-se limites e há uma inculcação de um sistema de práticas, portanto controlando os desejos, incentivando-se comportamentos desejáveis o que contribui para o reforço simbólico de sanções, limites e barreiras impostas. Portanto, algumas proibições dentro do campo religioso serviriam para limitar e manipular os agentes para se adquirir o *habitus* esperado e renunciar às práticas indesejáveis. A religião legitima um estilo de vida singular quando os sujeitos se associam a um grupo, na medida em que o sujeito ocupa uma determinada posição dentro da estrutura social. (BOURDIEU, 2007a).

A religião institucionalizada mobiliza aqueles que nela se engajam a seguir um estilo de vida abonado por suas lideranças. A internalização desse *habitus* passa

a ser considerado pretensamente santificante e critério de pertencimento ao grupo. Em busca de uma mudança no estilo de vida e pertencimento a um grupo religioso, no ano de 1840, Ellen e seus pais participaram de uma reunião de acampamento metodista em Buxton, Maine. Após dois anos, em junho de 1842, foi batizada em Casco Bay, Portland, tornando-se membro da Igreja Metodista. No mesmo ano com sua família, começou a participar de reuniões mileritas em Portland, organizadas por William Miller, que liderava o movimento. A partir de então passou a fazer parte da congregação religiosa, Ellen era uma missionária que buscava conquistar seus amigos jovens anunciando a mensagem do Advento. Mesmo após a Grande Decepção Milerita, em 22 de outubro de 1844, ela não desistiu de suas novas convicções (MEDEIROS, 2019), enquanto os adventistas estavam desapontados lutando para reter a sua fé, tentando compreender o que estava acontecendo, White com 17 anos de idade, afirmou ter tido visões, apenas dois meses após o desapontamento:

Em 1844, quando se apresentava a nossa atenção qualquer coisa que não compreendíamos, ajoelhávamos e pedíamos a Deus que nos ajudasse a assumir a verdadeira atitude: e depois éramos habitados a chegar a justa compreensão [...] nós investigávamos as escrituras com muita oração, e o Espírito Santo nos trazia o espírito da verdade. Por vezes noites inteiras eram consagradas à pesquisa das Escrituras, a pedir fervorosamente a Deus sua guia [...] Eu era arrebatada em visão, e eram-me feitas explanações. Foram-me dadas instruções de coisas celestiais, e do santuário, de modo que fomos colocados em posição onde a luz sobre nós resplandecia em raios claros e distintos. (WHITE, 2007b, p. 302).

Ellen White relata ter tido uma visão dada por Deus para lhe explicar a decepção milerita – momento em que eles aguardavam a volta de Cristo, que não ocorreu –, a partir disso, ela transmitiu a mensagem que serviu de alento e conforto para os que nela acreditaram, e haviam sofrido com o ocorrido anteriormente. Essas questões nos levam a refletir sobre a eficácia do discurso de Ellen White, que teria sido bem aplicado no momento e no contexto oportuno, visto que o grupo saído da decepção milerita, ansiava por encontrar uma resposta que lhes trouxessem certo conforto. O que nos leva a vislumbrar a maneira que possibilitou o seu destaque como líder religiosa, conforme nos aponta Bourdieu (2007a), em sua análise da gênese do campo religioso, onde destaca a religião como instrumento de comunicação, utilizada com a intenção de arquitetar explicações de mundo,

objetivando atender as ansiedades dos grupos, criando assim, condições favoráveis para a compreensão e disseminação da sua mensagem, para a aceitação dos grupos.

No caso de Ellen apesar de não ter criado as condições para a disseminação de sua mensagem, ela acabou por utilizar-se da ocasião adequada para a aceitação de seu discurso religioso, pois conforme Medeiros (2018) as massas necessitam de líderes que apresentem a capacidade de organizar o descontentamento deles, dando-lhes direção e intenção. Levando-se em conta o conceito de apropriação de Chartier (2022), ressalta-se que a maneira como os leitores se apropriaram da realidade e dos discursos, resulta em novas visões de mundo, de maneira que esta apropriação seria construída coletivamente, sendo interpretada com as chaves que são oferecidas pelo grupo. Nesse caso podemos entender que o grupo de mileritas aceitou as chaves oferecidas por White, para apropriarem-se do discurso religioso, o que resultaria para eles em suas novas visões de mundo.

Ellen os orientava a se dedicar mais ao estudo das Escrituras, Medeiros (2019) escreve sobre as contribuições de White para o movimento milerita, devido a afirmar ter tido visões dadas por Deus:

Ellen G. White estava entre o grupo do advento (William Miller, batista que pregava a volta de Jesus em 1844) que lutava para reter a sua fé e compreender o seu desapontamento (Depois que Jesus não voltou em 22/10/1844). Foi então através de visões proféticas recebidas por esta frágil menina, de 17 anos, de Portland – Maine/USA que virou nova luz ao movimento. Ela e sua família foram expulsos da igreja metodista por causa de suas crenças no advento. Embora de saúde débil, em dezembro de 1844, enquanto orava com quatro irmãos adventistas, sentiu o poder de Deus como nunca havia sentido antes, perdendo de vista o ambiente, ela parecia arrebatada acima da terra. Terminada a visão o mundo lhe parecia escuro, mas logo ela e aqueles a quem relatou a sua experiência ficaram convencidos que Deus escolhera esse meio para consolar e fortalecer o seu povo. O movimento foi fortalecido e o ânimo retornou aos que permaneceram fiéis. As doutrinas da igreja adventista foram elaboradas. (MEDEIROS, 2019, p. 80).

Ellen White explicava que Deus lhe dava as visões quando era arrebatada, lhe orientando acerca de quais passagens bíblicas deveriam ser estudadas. Medeiros (2019) destaca que esse acontecimento, considerado como um fato histórico dentre os adventistas, teria ocorrido quando White tinha apenas dezessete anos, o que acabou por fortalecer o movimento, visto que o grupo milerita estava

decepcionado devido a Jesus não ter retornado na data indicada por Miller. Mais tarde em seu livro **O Grande Conflito**, publicado em 1858, White afirmou que o santuário foi a chave que desvendou o desapontamento de 1844.

Na simbologia do santuário, conforme a Bíblia no antigo testamento (Êxodo, 25, 8-40), Deus teria dito a Moisés para construir um tabernáculo que seria um santuário, no centro do acampamento israelita, local onde Deus habitaria em meio a seu povo, e detalhou o modelo que Moisés deveria seguir. O santuário era dividido em dois compartimentos, um lugar Santo e o outro Santíssimo, o lugar Santo era mais acessível, e nele o sacerdote realizaria o seu trabalho diário (Êxodo, 40, 22), mas o lugar Santíssimo era onde exclusivamente o sumo sacerdote poderia entrar, apenas uma vez por ano, para oferecer sacrifícios pedindo a Deus perdão pelos pecados do povo (Hebreus, 9, 7). Nesse local ficava a arca da aliança com as tábuas dos dez mandamentos, uma urna de ouro contendo maná (pão de que se alimentaram no deserto) e o cajado de Araão. (Êxodo, 40, 20-21; Hebreus, 9, 3-4). Para os adventistas, conforme a Bíblia (Hebreus, 8, 5) existe um Santuário Celeste, que serviu de modelo para o Santuário terrestre construído por Moisés. Portanto, o Santuário seria a chave para a explicação, pois entenderam que em 1844 quando sofreram a decepção milerita, equivocaram-se acreditando que Jesus retornaria para buscá-los na data estipulada por Miller, sendo que o correto seria que naquele momento, Jesus como sumo sacerdote estaria mudando de lugar dentro do Santuário, dirigindo-se para o lugar Santíssimo, dentro do Santuário Celeste, momento em que intercederia pelos pecados da humanidade e também os julgaria. Assim os mileritas, mais tarde os adventistas, passaram a crer que Cristo estaria realizando outra etapa de sua obra no céu – o chamado juízo investigativo, que consistia no início do julgamento da humanidade. (CRES, 2020). Desse modo, Ellen procurou dar explicações para o desapontamento, já em 1844, alegando ter recebido visões que lhe ajudavam a esclarecer a questão, as detalhando mais tarde em seu livro **O Grande Conflito** (1858). Seu grupo religioso acolheu a resposta, pois considerando-a mensageira de Deus.

Em acordo com Bourdieu (2007a), a religião cumpre funções sociais de modo que os leigos esperam dela justificações para a existência, com a expectativa de que ela seja capaz de livrá-los da angústia existencial e da solidão. Assim, a religião impactaria em favor da conservação da ordem social, contribuindo para a

legitimação de poderes. Ellen passou a ocupar uma posição hierarquicamente superior dentro da estrutura social, no campo religioso ao qual pertencia, tendo sido considerada como incumbida da gestão dos bens da salvação. Posteriormente ela viajou com amigos e parentes para diversos lugares, a fim de se relacionar com as companhias dispersas de Adventistas, pois esses passavam por situações difíceis de zombaria e ridicularização devido ao desapontamento de 1844. (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009). A partir disso Ellen despontava como uma das lideranças religiosas em seu meio, pois procurou entregar aos leigos justificações que os livrassem da angústia, papel que a religião cumpre, conforme Bourdieu (2007a), e como líder religiosa em seu meio, assim procedeu. Acerca do profeta como símbolo em seu meio, bem como de sua influência, escreveu Pierre Bourdieu:

O poder do profeta se baseia na força do grupo que mobiliza por meio de sua aptidão para simbolizar em uma conduta exemplar e/ou um discurso (quase) sistemático, os interesses propriamente religiosos de leigos que ocupam uma determinada posição na estrutura social. Além de sujeitar à representação ingênua do carisma como qualidade misteriosa da pessoa ou dom natural “o poder carismático subsiste em virtude de uma submissão afetiva à pessoa do mestre e aos seus dons de graça, carisma, qualidades mágicas, revelações ou heroísmo, poder do espírito ou do discurso”, Max Weber, inclusive em seus textos mais rigorosos propõe apenas uma teoria psicossociológica do carisma como relação vivida do público com o personagem carismático: Por carisma deve-se entender uma qualidade considerada como extraordinária [...] que é atribuída a uma pessoa. Esta é considerada como dotada de uma força e de propriedades sobrenaturais ou sobre humanas, ou, pelo menos excepcionais [...]. (BOURDIEU, 2007a, p. 92).

Nesses termos, o profeta exerce grande influência em seu meio, utilizando de sua capacidade de mobilização do grupo, destacando uma conduta a ser seguida, impregnada de interesses daquele mesmo grupo religioso, dessa maneira o carisma utilizado pelo profeta lhe serve como uma poderosa ferramenta, pois como vimos na citação acima, o carisma é uma força considerada extraordinária.

Na sociedade ocidental o carisma é considerado uma força poderosa, como dizem os físicos; ele é capaz de unir as pessoas de uma forma que transcenda e metamorfoseie as personalidades de seus seguidores e provavelmente a personalidade do próprio líder. (LINDHOLM, 1993, p. 20).

Considerada como profetisa, Ellen utilizava seu carisma para influenciar o seu grupo, levando-os a seguir suas orientações, esse carisma somente se revela

na interação com os que por ele são afetados. Segundo Lindholm (1993) a multidão se aglutina em torno do líder o exaltando além da consciência comum dos próprios indivíduos, assim são envolvidos por uma espécie de atração e acabam perdendo seus traços de identidade pessoal. Portanto, ao analisar-se essa íntima ligação entre o líder espiritual e seus seguidores, percebe-se que estes deixam suas próprias identidades, para assumir aquela identidade do grupo de fiéis, ou seja, incorporando o comportamento apregoado pela liderança, ou profeta. Ellen encarregava-se de levar palavras, a seu modo, de orientação e consolo, objetivando a mudança comportamental daquele grupo, dando-lhes explicações sobre o desapontamento a partir das visões que relatou que Deus a havia dado, impulsionada por isso começou a realizar várias viagens e passou a ser detentora também de um grande capital social. Acerca do capital social, Bourdieu (2007b) afirma que seria uma rede duradoura de relações de inter-conhecimento, vinculados a um grupo ou agentes que estão unidos por ligações permanentes e úteis.

Ao construir seu capital social, essa rede de relações e de influências, no interior do campo religioso, Ellen firmou-se como uma das lideranças reconhecidas da Igreja Adventista do Sétimo Dia, sendo requisitada por adventistas em vários locais do país, o que foi uma esfera de consagração que lhe conferiu também capital simbólico. Em uma de suas viagens a Orrington, Maine, Ellen G. Harmon conheceu um jovem pregador adventista, Tiago White, então com 23 anos. A partir do trabalho evangelístico estreitaram laços, tendo a relação se desdobrado em casamento, ocorrido em agosto de 1846. No princípio da união passaram por dificuldades e pobreza, o esposo dividia seu tempo entre pregar e ganhar a vida na floresta, na ferrovia, ou no campo de feno. Um ano após o casamento, em agosto de 1847, tiveram o seu primeiro filho, chamado Henry. (WHITE, 2022).

2.3 Ellen White e seu capital simbólico

A agora senhora Ellen G. White tinha uma posição de destaque em seu grupo religioso, possuindo relevante capital simbólico. Segundo Bourdieu (2002) há um poder de consagração no processo de construção do poder simbólico, transfigurando as instituições sociais (humanas) em instituições que em tese estariam para além das naturais. Nessa consagração se aplica atributos a grupos ou

peças, que passam a ser considerados como resultados do desígnio divino, revestindo o que é humano com o caráter sagrado, portanto o poder simbólico direciona a força da crença coletiva efetivando socialmente essa consagração. Nos anos seguintes White escreveu bastante, assim como viajou muito com seu esposo para visitar adventistas em diversos lugares, bem como participou de conferências. Nessa época houve um grande crescimento no número de pessoas que acompanhavam e que aderiram ao grupo, em diversos locais dos Estados Unidos. No verão de 1849, Tiago White por incentivo de Ellen White começou a publicar **The Present Truth**, um jornal de oito páginas. Os números posteriores levavam muitos artigos escritos por Ellen White nos quais fazia orientações à igreja com tom de aviso e conselho. Adquiriram uma editora no ano seguinte, em 1850, que se expandiu ao longo dos anos por vários países. Com isso o movimento ganhou mais força, e assim iniciaram publicações de novos periódicos como por exemplo a **Revista Adventista**, em Rochester, Nova Iorque. (CRES, 2020; BORGES, 2000).

Em 1851 Ellen White, escreveu o seu primeiro livro, com 64 páginas, chamado **Um Esboço da Experiência Cristã e Vistas de Ellen G. White**, por meio de seus escritos oferecia orientações para a igreja, juntamente com seu esposo Tiago White, nota-se que ambos possuíam capital social e simbólico sendo respeitados em seu campo religioso. Ao se tomar por base os conceitos de Bourdieu (2007b), a organização social é entendida como um espaço onde existem diferentes posições ocupadas pelos agentes, que são definidas por uma série de variáveis de acordo com o volume e tipos de capitais que possuem. Ellen White tinha um capital social significativo, pois mantinha uma rede de relações duráveis, com reconhecimento e popularidade em seu meio, sendo isto fruto de estratégias de investimento social consciente ou inconsciente orientadas para a instituição ou para a reprodução de relações sociais diretamente utilizáveis. A partir da posição que os seus capitais lhes conferem, os agentes se estabelecem e atuam no campo religioso:

O desenvolvimento de um corpo de especialistas encarregados da gestão dos bens de salvação, preparados e legitimados para o exercício monopolizado dessa função, constitui outro aspecto da divisão social do trabalho que constitui como agente da religião como campo autônomo. De fato, a formação de um campo religioso pressupõe uma distinção entre especialistas religiosos, detentores do capital religioso, e leigos profanos, destituídos deste tipo de capital. Tal desapropriação valeu não apenas para distinguir sacerdotes e fiéis, mas também grupos anteriormente

reconhecidos como legítimos especialistas religiosos, que passam a ocupar uma posição inferior na estrutura do campo com o seu conhecimento classificado como magia, feitiçaria ou outras formas profanas de manipulação do sagrado. (CATANI; LOYOLA, 2017, p. 93).

Portanto, havendo a legitimação dos especialistas no campo religioso ocorre distinção entre os agora considerados intelectuais, e os anteriormente considerados sábios, que passam a ser tidos como profanos – observa-se nesse campo, assim, uma distinção entre o saber sagrado e a ignorância profana. A religião como os demais sistemas simbólicos, cumpre a função de distinguir entre a relação legitimada com o sagrado e as formas inferiores de religião, por meio de uma estrutura prática e de crenças simbólicas. (CATANI; LOYOLA, 2017). Legitimada dentro do campo religioso Ellen White passou a ser uma das figuras de maior influência no adventismo, liderando esse grupo religioso que era inspirado nas visões que ela relatava que Deus lhe havia dado.

Em 1854 houve a necessidade da reorganização do movimento e, no ano seguinte, na propriedade recém adquirida em Battle Creek, Michigan, Estados Unidos, foi instalada uma prensa tipográfica, em uma pequena construção a princípio, posteriormente, foi construído um novo edifício, onde se consolidaram as publicações e a organização da igreja adventista. (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009).

Figura 18: Prédio novo em Battle Creek (1865)



Fonte: Schwarz e Greenleaf (2009, p. 81).

Em 1859 foram realizadas arrecadações sistemáticas para cobrir os custos das publicações. Organizou-se uma conferência para definir os planos para espalhar a mensagem adventista pelo mundo, nesse momento discutiu-se uma série de assuntos importantes para a igreja. Ellen White fez vários apontamentos importantes, que havia escrito para a igreja de Battle Creek, e o grupo reconhecendo o benefício da mensagem, indicou a necessidade de se publicar um tratado com o título: **Testemunhos para a Igreja (v. 1)**. O texto tinha 16 páginas e foi o primeiro de uma série de escritos, publicado em nove volumes. Em março de 1858, White, escreveu um livro de 219 páginas intitulado **Presentes Espirituais (v. 1), a grande controvérsia entre Cristo e seus anjos e satanás e seus anjos**. O mesmo foi publicado no verão de 1858, e seu conteúdo dava conta do relato de uma visão que Ellen White afirmava ter tido. O volume foi bem recebido e valorizado naquele meio religioso. Em 1860 o casal White já tinha tido três meninos, o mais novo com menos de 1 ano e o mais velho com 13 anos de idade – já o filho primogênito, Herbert White, havia falecido de pneumonia, poucos meses após seu nascimento. (WHITE, 2022).

Figura 19: Da esquerda para a direita: Ellen G. White, William Clarence White – filho mais novo, o pai Tiago White, e Edson White – filho mais velho.



Fonte: <<https://www.reformadoresdasaude.com/info/index.php/historia/egw/3107-few>>.

Os anos seguintes foram direcionados em estabelecer organizações de igrejas e conferências, com as demandas por muita escrita, viagens e trabalho pessoal, que ocuparam os primeiros anos da década de 1860 do casal White. Alguns anos após, em 1863, estabeleceu-se uma hierarquia a Associação Geral dos Adventistas do 7º Dia, que seria responsável pelas igrejas do movimento, pois já contavam com 3.500 membros nos Estados Unidos. (MEDEIROS, 2019).

2.4 A reforma de Saúde

Dentro da denominação estabeleceu-se uma reforma de saúde guiada por Ellen White. Houve um incentivo ao vegetarianismo e diversos conselhos relacionando a saúde física com a espiritualidade, ressaltando a importância de seguir alguns princípios na dieta alimentar e cuidados com o corpo, destacando-se a necessidade de ar limpo, sol, água pura e exercícios físicos para a preservação da saúde. Inaugurou-se um programa educacional de saúde, com a publicação de seis panfletos de 64 páginas cada, intitulados, **Health**, ou **How to Live**, compilados por Tiago e Ellen White, com um artigo dela em cada um dos panfletos. (WHITE, 2022).

Em 1865 após Tiago White sofreu um grave acidente vascular cerebral, Ellen White se deslocou com o esposo para Dansville, para que fosse empreendido um tratamento, o médico recomendou que Tiago deixasse os assuntos religiosos, os cultos e as orações, alegando que esse envolvimento estaria impactando sua doença. A profissão médica passou por certo descrédito durante o século XIX nos Estados Unidos, momento em que houve um aumento por tratamentos naturais, tendo ocorrido a abertura de clínicas e instituições de saúde com esses tratamentos. (ZUCKOWSKI, 2010). Após três meses na clínica, sem ver a melhora do esposo, e discordando das recomendações médicas, Ellen White o retirou dos cuidados da clínica, o levando para Rochester. Esse evento acelerou as ideias ligadas à reforma de saúde no interior do adventismo, o que levou inclusive à criação de instituições de saúde coordenadas pela igreja:

Havia chegado o tempo para que a igreja cessasse de confiar em instituições de saúde populares e desenvolvesse a sua própria. Em tal estabelecimento, o enfermo adventista poderia receber o devido tratamento e todos poderiam aprender a cuidar do corpo de tal forma que evitassem a enfermidade. A despeito das muitas orações por sua recuperação, Tiago

White não experimentou nenhuma cura miraculosa, repentina. Mais uma vez de volta a Battle Creek, Ellen o encorajou a visitar amigos e a participar de cultos nos fins de semana na pequena cidade de Michigan central. Seus associados temiam que ela tivesse pressionado Tiago demasiadamente; mas com o resultado de suas visões, Ellen acreditava que alguma atividade era necessária no caso do seu esposo. Muito lentamente sua saúde melhorou. Todavia quando Ellen estimulou a Assembleia da Associação Geral de 1866 a desenvolver a sua própria instituição de saúde e fazer um ardente esforço para informar a igreja, quanto aos hábitos de saúde adequados. (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 108).

A partir da doença de Tiago White, Ellen White incentivou o que seria o início da rede de saúde adventista, então estabelecem o Western Health Reform Institute, em Battle Creek, no ano seguinte. Assim iniciou o Sanatório de Battle Creek, o instituto de saúde para o cuidado dos doentes, inaugurado em setembro, 1866. (WHITE, 2022). Sanatório era o nome designado à época para hospitais que tratavam pessoas que precisavam isolar-se da sociedade para se recuperar de doenças físicas ou mentais em regime de repouso. (MICHAELIS, 2015). Em seu livro **Conselhos para a Saúde** (2007c), Ellen White destacou questões relativas ao tema, inclusive indicando os procedimentos que deveriam ser realizados nos sanatórios:

Devem os doentes ser alcançados [...] . Por meio da obra das casas de saúde, dirigida de maneira apropriada, a influência da religião pura e verdadeira estender-se-a a muitas almas [...] sanatórios são um dos meios mais bem-sucedidos de alcançar a todas as classes de pessoas. Cristo já não se acha em pessoa neste mundo, a fim de passar por nossas cidades, vilas e aldeias curando os doentes. Incumbiu-nos Ele de levar avante a obra médico missionária que começou, e neste trabalho devemos fazer o melhor possível. Devem-se estabelecer instituições para cuidar dos doentes nas quais homens e mulheres possam ser colocados sob o cuidado de médicos missionários tementes a Deus e serem tratados sem drogas [...] A estes devem ser ensinados os princípios do viver sadio. (WHITE, 2007c, p. 212-213).

Ao impulsionar a reforma sanitária e a construção de sanatórios, ressaltava-se a necessidade de continuação da obra médico missionária, para contribuir na cura das pessoas. Atualmente a Igreja Adventista possui a chamada Rede Adventista de Hospitais que conta com mais de 700 hospitais, clínicas e Centros de Vida Saudável espalhados pelo mundo. (REDE, 2022). Portanto pode-se dizer que dentro do movimento adventista a reforma da saúde se desenvolveu através do ministério de Ellen White, com isso o trabalho médico missionário tornou-se parte integrante das missões adventistas e se expandiu com o estabelecimento de

instituições de saúde. (ZUCKOWSKI, 2010). No trecho a seguir é possível verificar alguns elementos relativos aos tratamentos de saúde empreendidos na época, no contexto em que a reforma de saúde proposta nos meios adventistas se desenvolveu:

No começo do século 19, as pobres condições de higiene da população eram um campo fértil para a proliferação de doenças. As práticas convencionais de medicina não eram eficientes para promover a cura na maioria dos casos. Os procedimentos médicos baseavam-se em premissas erradas no que tange o diagnóstico e natureza das doenças. Os tratamentos mais comuns eram o sangramento e o uso de fortes estimulantes e drogas como ópio e protocloro de mercúrio. Pobres hábitos alimentares contribuíam para o aparecimento de doenças. A base da dieta americana era carne, pão branco, massas, frituras e alimentos gordurosos. (ZUCKOWSKI, 2010, p. 97).

Vale lembrar que nesse período não eram comuns preocupações com a medicina preventiva. Havia um pequeno conhecimento sobre as doenças, sem muita clareza acerca de suas causas, as técnicas cirúrgicas ainda estavam no princípio, assim como o uso da anestesia, não havia antibióticos, nem mesmo raio X, além das pessoas raramente irem a hospitais. (MAXWELL, 1982). Para além disso, as demandas objetivas da vida, bem como o modo de viver no período, não favoreciam a saúde:

Não viam qualquer relação entre seu regime alimentar e suas enfermidades. Mantinham as janelas fechadas por medo de contraírem resfriado[...]. Raramente se banhavam. Trabalhavam em demasia ou faziam pouco exercício segundo a disposição ou a necessidade os dominasse. Quase ninguém percebia que seu modo de vida era um caminho para a morte. (MAXWELL, 1982, p. 216).

Devido a toda essa situação a reforma de saúde adventista nos Estados Unidos foi impactante para o grupo, pois dentro das orientações dadas por Ellen White estavam o abandono ao tabaco, de bebidas estimulantes, de comidas demasiadamente condimentadas e gordurosas. Ela ressaltava o cuidado com a saúde como dever religioso, que os cristãos deveriam desenvolver hábitos saudáveis controlando o apetite, organizando-se para favorecer a ventilação em suas casas, beneficiando-se com ar e água puros, luz solar, e a realização de exercícios físicos, importando-se também em cuidar da saúde mental. A Igreja Adventista também deveria realizar a sua parte, providenciando lugares onde pessoas pudessem ser curadas e onde tivessem a oportunidade de aprender sobre

medicina natural preventiva, frente a tal proposição fundou-se o primeiro sanatório em Battle Creek. (ZUCKOWSKI, 2010).

Quando foi inaugurado o instituto contava com dois médicos, dois assistentes, uma enfermeira, e quatro auxiliares de enfermagem, sendo dirigido pelos White e pelo médico Dr. John Harvey Kellogg, além de contar com a participação de outros líderes da igreja. (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009).

Figura 20: Sanatório Western Health Reform Institute, Battle Creek 1867.



Fonte: Medeiros (2019, p. 70).

A saúde mental era uma das grandes preocupações de Ellen White. A autora ressaltou em seu livro **Conselhos sobre saúde**: “A relação existente entre o corpo e a mente é muito íntima. Quando um é afetado o outro também o é. O estado da mente afeta a saúde do sistema físico”. (WHITE, 2007c, p. 45). Destaca-se que a reforma da saúde adventista era diretamente ligada à discussão das questões ligadas à espiritualidade, pois defendia que uma vez enfraquecida a força física, a mente se tornaria mais frágil, o que segundo White (2007c) prejudicaria o discernimento entre o bem e o mal. A reforma da saúde é considerada a primeira Matriz Missiológica da Igreja Adventista, pois após o período histórico em que a denominação se consolidou como entidade religiosa (1844-1863), estabeleceram-se

alguns fundamentos filosóficos, surgindo assim as chamadas Matrizes Missiológicas, sendo elas três: Reforma da Saúde; Literatura Religiosa; e Educação (MENSLIN, 2015), que serviriam de guia para as missões denominacionais e o foco do trabalho da igreja.

Após a consolidação do Sanatório de Battle Creek e preocupando-se com a sobrecarga de trabalho e a estafa mental do esposo, Ellen White se afasta, juntamente com Tiago, de Battle Creek entre 1865 e 1868, deixando o sanatório aos cuidados do Dr. Kellogg, um dos pioneiros da medicina preventiva que segundo Schwarz; Greenleaf (2009).

Após os White deixarem a administração do sanatório nas mãos do Dr. Kellogg, mudaram-se para uma pequena fazenda perto de Greenville, Michigan, em busca de mais tranquilidade, com isso Ellen White teve a oportunidade de dedicar-se a escrita com maior afinco. Em 1870, escreveu **O Espírito da Profecia (v. 1)**, série que teve um hiato de sete anos, antes do próximo volume ser publicado. (WHITE, 2007c).

No final da década de 1860 eram realizadas reuniões de acampamento adventista do sétimo dia em Wisconsin e Michigan. Ellen White acompanhava seu marido em suas jornadas, além da pregação ela sempre se dedicava a sua escrita interessando-se por fortalecer projetos da igreja na costa do Pacífico, e ampliá-los para além dos Estados Unidos. Ainda no fim da década de 1860, Tiago White começou a publicar a revista **Signs of the Times**.

2.5 Primeiros passos para um novo sistema educacional

A terceira matriz missiológica para a transmissão ideológica e filosófica do adventismo ocorreu por meio da educação. (MENSLIN, 2015). Com o desapontamento sofrido em 1844 os fiéis que persistiram no movimento religioso, que mais tarde se tornaria a Igreja Adventista do Sétimo Dia, nessa época pouco valorizavam a educação, que só passou de fato a ser uma preocupação da denominação 30 anos depois.

A sociedade americana do século XIX estava envolvida em um clima inspirado pelos pensadores iluministas, reformadores educacionais europeus como Locke, Rousseau e Pestalozzi de acordo com Macedo (2018). O pensamento

educacional de Ellen White apoiava-se em fatos sócio-históricos ocorridos na América do Norte, que promovia a implementação dos ideais de progresso, cidadania e democracia dentro das instituições educativas e culturais, apoiadas nas ideias de Thomas Jefferson e Benjamin Franklyn que destacavam que todo humano deveria ter acesso à educação. (SWARTZ; GREENLEAF, 2009). Ellen White concordava com essa perspectiva de educação, sendo uma das suas preocupações, porém nesse contexto a maioria dos pioneiros adventistas não valorizavam a área educacional:

Para muitos pais adventistas, a iminência do advento tornava uma educação escolar comum e básica até mesmo relativamente sem importância. Na década de 1850, essa atitude começou a mudar. Ellen G. White havia indicado que eles não poderiam olhar com certeza para qualquer data específica para o retorno de Cristo. As crianças precisavam de conhecimentos básicos a fim de estar à altura do mundo secular que as rodeava. Também precisavam ser protegidas das zombarias expressas pelos colegas de classe em torno de suas crenças religiosas peculiares para que as pressões dos companheiros não as levassem a se afastar da fé de seus pais. (SWARTZ; GREENLEAF, 2009, p. 116).

O fato dos adventistas até aquele momento desvalorizarem a educação, em grande parte se explicaria pelo fato de crerem que os filhos não precisariam estudar, pois o rápido retorno de Jesus ocorreria. Conjuntamente havia também um certo temor de enviá-los às escolas do “mundo”, o que contribuiu para o atraso do estabelecimento de uma escola da denominação. (MELLO, 2019). Vários dos membros da igreja viram a necessidade da retirada de seus filhos das escolas públicas, pois segundo eles existiam nelas fortes influências morais negativas para as suas crianças. A partir da preocupação de Ellen White com a educação, os adventistas começaram o sistema educativo denominado de escola domiciliar – *homeschooling* – que consistia em ensinar seus filhos em casa. A orientação inicial era que os adventistas continuassem a estudar nas escolas juntamente com os outros alunos, mas como havia relutância por parte dos pais e para que os filhos não ficassem sem acesso à educação, o *homeschooling* foi entendido como uma solução.

Estabeleceu-se a primeira escola lar Adventista do Sétimo Dia em Nova Iorque, em 1853, na casa de Aaron Hillard, com cinco famílias a frequentando, sendo a primeira professora Martha Byington, filha de John Byington, o primeiro

presidente da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. (MELLO, 2019). Os líderes da igreja não se esforçavam para encorajar o desenvolvimento e instauração de escolas fora dos lares, principalmente quando percebiam os custos envolvidos para que isso se efetivasse. (FERREIRA; SOUZA, 2018). Entretanto o estilo de educação domiciliar persistiu por pouco tempo, e com isso encerraram-se as duas escolas lares, a de Nova Iorque e de Michigan, após funcionarem por cerca de três anos. (KNIGHT, 2000). O fato de não prosperarem deve-se em grande medida à ausência de financiamento e direção central, as instalações eram pequenas, não possuíam utensílios e equipamentos padrão para desenvolver o trabalho educacional, além dos educadores não possuírem conhecimentos didáticos. Em que pese isso, essas iniciativas foram de suma importância para pressionar a igreja a abrir escolas para seus filhos. (MENSLIN, 2015).

Em setembro de 1854 Ellen White publicou um artigo no periódico adventista **Review and Herald**, tratando sobre O Dever dos Pais para com seus Filhos, no qual orientava os pais a manterem os filhos longe das más companhias, pois se não o fizessem, não teriam mais como impedi-los de serem corrompidos. Nessa época a Igreja Adventista não possuía uma organização oficial e devido a isso não conseguiriam manter uma escola, o que só poderia ser possível após a consolidação da instituição religiosa que ocorreu somente em 1863, quando houve o estabelecimento dos fundamentos filosóficos da denominação com as matrizes missiológica. (MELLO, 2019). Apesar de Ellen White ter menos escritos dedicados à educação, ela exerceu grande influência junto ao tema. Darius e Pancotte (2012) indicam que:

O ápice de seus textos educacionais provavelmente se encontra na obra de sua velhice, Educação, de 1903. Conselhos aos pais, professores e estudantes, compilação de 1913 e Conselhos sobre educação de 1893 são as outras obras que compõem seus textos sobre o assunto. Este último traz os textos já publicados nos nove volumes conhecidos por Testimonies ou, em português, Testemunhos para a Igreja, publicados entre 1855 e 1909. Seu primeiro texto publicado surgiu em 1851 embora remonte a dezembro de 1844. (DARIUS; PANCOTTE, 2012, p.116).

A influência de Ellen White na educação adventista foi capital, em janeiro de 1872 ela afirmou ter recebido visões sobre princípios adequados à educação, relato cujo impacto contribuiu para que, em 1874, fosse criada a Sociedade Educacional

Adventista do Sétimo Dia. (MEDEIROS, 2019). Segundo Knight (2010) a Igreja Adventista financiou a Escola Fundamental de Battle Creek, em 1872, que posteriormente se tornou o Battle Creek College, a primeira faculdade adventista do mundo. Atualmente a instituição é nomeada Universidade Andrews, ainda pertencente à Igreja Adventista. As aulas na escola foram iniciadas no dia 3 de abril de 1872, com doze alunos no antigo prédio da Casa Publicadora – Editora da Igreja Adventista, dessa vez o projeto foi bem sucedido, pois na metade do ano letivo já havia mais de cinquenta alunos, incluindo quinze trabalhadores da Casa Publicadora que assistiam aulas de Gramática. Já desde esse momento passou a haver reformas para ampliar a capacidade da instituição. (MELLO, 2019).

Ainda em 1872, Ellen White publicou um texto chamado **A Devida Educação**, no qual ressaltava a necessidade do equilíbrio físico e mental para uma boa formação educativa. Segundo Macedo (2018) tal texto serviria de orientação para o funcionamento tanto da instituição educacional de Battle Creek, quanto para as que seriam implantadas depois. O Battle Creek College funcionaria como instituição ensino regular e como um centro de formação de jovens missionários.

Figura 21: O Battle Creek College, em 1874. Atual Andrews University.



Fonte: Swartz, Greenleaf (2019, p. 123).

No outono de 1874, diante de um grupo composto por membros vindos de vários estados do país, a fim de se dedicar à primeira instituição educacional da denominação, Ellen White relatou que havia tido uma visão no dia anterior, na qual lhe foi mostrado o trabalho “internacional” que deveria ser realizado pelos Adventistas do Sétimo Dia. O recurso de alegar visões contendo mensagens de Deus, algo aceito e partilhado na dinâmica do interior de seu grupo religioso, proporcionava a Ellen White um instrumento efetivo, a fim de viabilizar a concretização de seus projetos contando com o apoio dos membros da denominação.

Com isto Ellen White exaltou a importância e a necessidade da faculdade, afirmando que em sua visão lhe haviam sido mostradas prensas tipográficas operando em outros países, em um trabalho bem organizado desenvolvido em vastos territórios, que antes os adventistas do sétimo dia nunca tinham pensado em entrar. (WHITE, 2022). Knight (2000) destaca as expectativas da liderança da igreja acerca do Battle Creek College:

Em 1872 a denominação começou a considerar mais seriamente a necessidade de uma escola de qualidade, não tanto para crianças primárias, mas para estudantes mais avançados que precisavam de preparo para difundir a mensagem adventista. A liderança da igreja resolveu inaugurar uma escola em Battle Creek sob o patrocínio financeiro da Associação Geral. Ela instruiria seus estudantes "nos ensinamentos bíblicos referentes às grandes verdades relacionadas a este tempo" e lhes forneceria conhecimentos gerais suficientes para capacitá-los a difundir a mensagem adventista. (KNIGHT, 2000, p. 76).

Segundo a perspectiva de Ellen White o Battle Creek College deveria estar centrado na Palavra de Deus, buscando equilibrar as faculdades mentais, físicas e espirituais, ressaltando a educação pragmática aliada ao trabalho físico com o labor acadêmico, conforme os conceitos apoiados por outros reformadores que exerceram influência no século XIX e ainda atualmente, tais como Freinet que estimulava a educação em um ambiente externo, John Locke que valorizava o conhecimento pela experiência sensorial, Rousseau que destacava o modelo de educação prático, assim como Pestalozzi. A implementação de tais ideais adotados pelos reformadores da Igreja Adventista, ficou prejudicado devido a não possuírem um corpo de educadores que estivesse familiarizado com tais práticas. Com isso o

Battle Creek College acabou se tornando um estabelecimento tradicional em vez de ser moldado pela reforma educacional, funcionando como qualquer outra instituição secular, que em nada tinha a ver com uma instituição confessional. Estudavam quatro anos os clássicos gregos e latinos para a obtenção do grau de bacharel em artes e não havia trabalho manual no currículo, nem estudo bíblico como os reformadores adventistas queriam. Tal circunstância ganhou mais corpo no início da década de 1880, então no verão de 1882 a diretoria da escola a fechou, a reabrindo somente no ano seguinte, em 1883, dessa vez com determinação quanto ao emprego dos princípios da educação cristã, porém apesar da reforma educacional conservou o trabalho com os clássicos pagãos, como antes, por mais algum tempo. (KNIGHT, 2000). O currículo foi mudando gradativamente até o final de 1890, momento em que a Bíblia passou a ser parte efetivamente integrante dos estudos, houve a remoção progressiva dos clássicos pagãos e a utilização de programas de trabalho manual.

Houve dificuldades na implantação do modelo educacional adventista, segundo Macedo (2018) ocorreu negligência da liderança da igreja no que dizia respeito às escolas de nível básico, visto que eram muito poucas até antes do término século XIX. A igreja adventista contava com seis escolas fundamentais, cinco escolas secundárias e duas instituições educacionais de ensino superior. Já de acordo com Menslin (2015) a partir de 1900 houve um grande aumento nas instituições educacionais da denominação, a qual já possuía 220 escolas fundamentais e um sistema mundial de 25 escolas secundárias e de faculdades. A expansão do sistema educacional adventista fortaleceu-se em parte por Ellen White escrever periodicamente artigos com orientações para a educação adventista, fundamentados bíblicamente, assim como se expandiu devido a criação dos Institutos Ministeriais, que eram um programa de expansão missionária da igreja na América do Norte. (MACEDO, 2018). Esses Institutos Ministeriais objetivavam o fortalecimento das doutrinas bíblicas aos fiéis adventistas, tornando-se uma importante ferramenta de capacitação dos professores das escolas adventistas, pois promoviam um estudo aprofundado das doutrinas bíblicas, e das questões pedagógicas e filosóficas da educação adventista. (MENSLIN, 2015).

Nos anos seguintes, 1877 e 1878, Ellen White dedicou-se à escrita de **O Espírito da Profecia**, apresentado em 2 volumes. Dirigiu-se a muitas grandes

audiências, sendo a maior congregação em Groveland, Massachusetts, no final de agosto de 1877, reunindo 20.000 pessoas que a ouviram falar sobre temperança cristã – dispensar as coisas nocivas e utilizar o que é saudável –, que mais tarde seria o título de um de seus livros. Foi uma época de muitas viagens e trabalhos que a levaram para o noroeste do Pacífico, escrevendo bastante, participando de sessões de Conferência Geral, palestras em reuniões de acampamento, em igrejas, nas praças das cidades e em prisões estaduais. (WHITE, 2022).

Nessa época Tiago White já a um certo tempo apresentava uma saúde debilitada, devido a seus longos anos de excesso mental e físico, em 6 de agosto de 1881 ele morreu, aos sessenta anos, em Battle Creek. Mesmo após o ocorrido, Ellen White continuou o seu trabalho missionário. E durante a reunião campal de 1881 na Califórnia, os adventistas decidiram por criar mais uma instituição de ensino para atender a região. Assim, foi fundado o Healdsburg College, na cidade com o mesmo nome, próxima a São Francisco na Califórnia. Willian Clarence White, filho mais novo de Ellen, era um defensor do avanço educacional, tendo sido encarregado de dirigir-se para o leste dos Estados Unidos, a fim de convidar Sidney Brownsberger para dirigir o empreendimento. O convite foi aceito por Brownsberger que começou então, juntamente com sua esposa, a instruir 33 estudantes de todos os níveis e idades. (SWARTZ; GREENLEAF, 2019).

Figura 22: Healdsburg College, fundado em 1881, e posteriormente transformado no Pacific Union College.



Fonte: Swartz, Greenleaf (2019, p. 128).

Ainda em 1881, logo em seguida do falecimento de seu esposo, Ellen White dirigiu-se à Costa do Pacífico, mesmo sem seu companheiro, manteve-se dedicada à escrita, agora do quarto e último volume da série **Spirit of Prophecy**, lançado em 1884. Com o passar do tempo a Sra. White juntamente com seu filho mais novo, Willian Clarence White, visitam as missões europeias, passando do outono de 1885 até o verão de 1887 nos países europeus. Ellen White esteve na Suíça, que era a sede do trabalho europeu da igreja, foi à Inglaterra, Alemanha, França, Itália, Dinamarca, Noruega e Suécia. As orientações dadas por Ellen White aos trabalhadores da igreja europeia significavam muito para o estabelecimento de políticas e planos da igreja.

Após o seu retorno aos Estados Unidos, Ellen White fez sua casa em Healdsburg, Califórnia, e participou da conferência geral de 1888 em Minneapolis, Minnesota. Nos meses seguintes, continuou a viajar e pregar, trabalhando em mais um de seus livros **Patriarcas e Profetas**, lançado em 1890. White era uma pessoa muito requisitada em seu meio religioso, com isso recebia muitos convites para visitar as demais igrejas adventistas agora espalhadas pelo mundo. Nesse contexto recebeu um chamado urgente para visitar a Austrália, a fim de orientar e auxiliar no trabalho da igreja naquela região pioneira. Chegou à Austrália em dezembro de 1891, acompanhada por seu filho, William Clarence White, e vários de seus assistentes. (WHITE, 2020).

Na Austrália Ellen White contribuiu para o direcionamento do trabalho que estava sendo desenvolvido naquele continente. Nesse sentido, apontou para a necessidade urgente de uma instituição de aprendizagem na Austrália, a fim de que os jovens adventistas pudessem ser educados em um ambiente cristão, assim como trabalhadores seriam treinados para o serviço missiológico. Então em 1892 foi aberta na cidade de Melbourne, Austrália, uma escola bíblica, que operou em bairros por dois anos, mas os apelos escritos e orais da Ellen White demandavam que a escola fosse localizada em um ambiente rural, com isso foi aprovada a propriedade de Avondale, para servir ao propósito. Em seguida White comprou um lote nas proximidades e construiu sua casa próxima à nova escola, permanecendo então na Austrália. A nova escola serviu de modelo padrão o trabalho educacional adventista. (WHITE, 2022).

Figura 23: Escola Avondale na Austrália.



Fonte: <https://media2.whiteestate.org/original_images/egwbio_2au.jpg>.

A fundação de Avondale, Escola de Obreiros Cristãos, foi extremamente importante. Houve grande participação e orientação pessoal de Ellen White, tornando essa instituição padrão para as demais escolas que viriam depois, impulsionando o processo de avanço internacional das escolas e demais instituições adventistas. (FURTADO, 2020). Após o trabalho educacional iniciado em Avondale, em conjunto houve a criação de um programa missionário médico, o qual Ellen White apoiou também com incentivos financeiros, além de escrever várias páginas de conselhos educacionais que serviram de guia aos líderes denominacionais. Escreveu vários artigos e mais livros, em 1898, **O Desejo das Eras**, em seguida **Pensamentos do Monte da Bênção**, após as **Lições e Testemunhos de Objetos de Cristo para a Igreja (v. 6)**, em 1900.

Em 1894, James Edson White com o apoio de sua mãe Ellen White, e demais líderes da igreja, iniciou um trabalho educacional evangélico em um barco a vapor, no Rio Mississippi, construído por ele, o utilizou por cerca de uma década como uma missão flutuante para negros no Mississippi e Tennessee. Entre 1895 e 1896, White escreveu diversos artigos no **Review and Herald** insistindo que continuassem os esforços com esse público no Sul, encorajando os trabalhadores dessa área,

apoiando fortemente a criação do Oakwood College, em Huntsville, Alabama, com o objetivo educar jovens afro-americanos, o que ocorreu alguns anos mais tarde em 1904. Onde na inauguração do colégio discursou a alunos e professores, declarando que seria propósito de Deus que a escola fosse fundada ali, Ellen mantinha um profundo interesse e preocupação com o trabalho da igreja entre os afro-americanos nos estados do Sul. Todos esses fatores foram determinantes para a expansão da educação adventista nos demais estados do país, pois os líderes da denominação foram em busca de outros locais para a fundação de novas escolas que pudessem colocar em prática os princípios adventistas aos novos alunos. (MENSLIN, 2015).

Após permanecer alguns anos na Austrália, Ellen resolveu retornar a morar nos Estados Unidos, em 1900, dizendo ter recebido instrução divina para voltar a América do Norte, pois o trabalho na Austrália estava indo muito bem e havia a necessidade de sua presença nos Estados Unidos. Retornou então fixando-se em Elmshaven, próximo a cidade rural de Santa Helena, na Califórnia, onde passou os 15 anos finais de sua vida, entre a preparação de livros e viagens. Após se estabelecer em sua casa, recebeu um convite para participar da Conferência Geral de 1901, em Battle Creek, Michigan. Ocasão em que requisitou a reorganização do trabalho da Conferência Geral Adventista do Sétimo Dia, para a expansão da igreja, os delegados prontamente a atenderam, implementou-se um plano de reorganização, com conferências sindicais e organizações intermediárias entre a Conferência Geral e as conferências locais, abrindo caminho para a expansão e desenvolvimento do trabalho da denominação. (WHITE, 2022). Ellen era uma oradora requisitada em seu meio religioso, vejamos algumas características de sua oratória:

As características vocais de Ellen White eram consideradas extraordinariamente agradáveis e persuasivas [...] para os estudantes de oratória e persuasão, o estilo de homilética de Ellen White era um depósito de riquezas de onde se extraíam exemplos ininterruptos de clareza, vigor e beleza. Ela atingia a clareza escolhendo palavras e frases descomplicadas, que se caracterizavam pela objetividade e pela improbabilidade de serem mal compreendidas. Imprimia força por meio da reiteração, de vínculos repetitivos, do clímax, da anáfora, dos desafios e do imperativo. (DOUGLASS, 2003, p. 125).

Segundo podemos observar na citação acima, Douglass (2003) refere-se à autora de modo laudatório, o que nos leva a vislumbrar de que maneira Ellen White

era considerada em seu meio religioso. White de posse do poder simbólico que lhe foi atribuído nesse meio, fazia uso do bom discurso de oratória, como poder de persuasão utilizando-se do carisma. Bourdieu (2007a) ao tratar da ideologia do agente religioso tido como profeta, menciona que ele apresenta um carisma, na medida em que conserva a fé em sua própria missão:

Assim talvez seja preciso reservar o nome de carisma para designar as propriedades simbólicas (em primeiro lugar, a eficácia simbólica) que se agregam aos agentes religiosos na medida em que aderem à ideologia do carisma, isto é, o poder simbólico que lhes confere o fato de acreditarem no seu próprio poder simbólico. (BOURDIEU, 2007a, p. 53).

O carisma de que Ellen White lançava mão em seu discurso religioso exercia um efeito de consagração aos ouvintes. Segundo Bourdieu (2007a) o ato da consagração do agente religioso ocorre através das sanções santificantes que convertem os limites legais em barreiras, contribuindo para a manipulação simbólica das aspirações. Inclusos naquele campo religioso os ouvintes assumiriam aquele *habitus*, respeitando as barreiras impostas para pertencerem ao grupo, pois dedicando-se a Deus respeitariam as sanções afastando-se das aspirações de uma antiga prática de vida, tida como pecaminosa. Os membros do grupo religioso, sendo partícipes do discurso que ouviam lhes possibilitava benefícios, devido a crença de participarem do ato de consagração naquele discurso carismático, pois:

Carisma é sobretudo, um relacionamento uma mútua ligação íntima entre o líder e seu seguidor [...] Assim a multidão se aglutina em torno do líder (ou o amante é atraído para seu amado), ela assume características particulares de exaltação, desprendimento e intensidade emocional que estão além daquela consciência comum dos indivíduos envolvidos, que, em função do sentimento de atração, perdem suas identidades pessoais [...] o carisma é considerado uma força poderosa, como dizem os físicos; ele é capaz de unir as pessoas de uma forma que transcenda e metamorfoseie as personalidades de seus seguidores [...]. (LINDHOLM, 1993, p. 19-20).

Portanto, um líder carismático que sabe fazer bom uso desse atributo, consegue mobilizar o seu grupo, tornando-os seus seguidores, e esses por sua vez aceitam a chamada manipulação simbólica da qual nos fala Bourdieu (2007a).

Ellen White lançou seu livro **A educação** em 1903, e dois volumes dos **Testemunhos para a Igreja**, (v. 1) e (v. 8), foram publicados em 1904, sendo que os demais volumes entre 2 e 7 não abordavam o tema educação. Já em 1905,

publicou o **Ministério da Cura**, que tratava da cura do corpo, da mente e da alma. Em uma de suas viagens a Washington, White orientou a criação de um sanatório em Loma Linda, sendo necessário garantir uma propriedade para a abertura de um trabalho educacional missionário médico. Inauguraram ainda o Sanatório do Vale do Paraíso, perto de San Diego, que ela havia ajudado a estabelecer em 1903. Aos 81 anos gozava de boa saúde e viajou novamente para Washington, participando da sessão da Conferência Geral, em 1909. (WHITE, 2022).

Retornando a Elmshaven intensificou seus esforços produzindo uma série de livros com instruções à igreja. **Testemunhos para a Igreja, (v. 9)**, foi publicado em 1909. Em 1911, os **Atos dos Apóstolos**, em 1913 publicou **Conselhos para pais e professores**, e em 1914 o **Manuscrito para trabalhadores evangélicos** foi finalizado e enviado à imprensa. Nos meses finais da sua vida continuou uma escritora ativa, dedicando-se ao livro **Profetas e Reis**. Os textos educacionais de Ellen White tiveram seu ápice na obra de sua velhice, pois foi o momento em que mais produziu sobre a educação. (DARIUS; PANCOTTE, 2012).

Em 13 de fevereiro de 1915, Ellen White estava entrando na sala de estudos em sua casa em Elmshaven, quando tropeçou e caiu, e não conseguiu se levantar, o seu acidente havia sido grave, sofreu uma ruptura no quadril, permanecendo cinco meses entre a cama e a cadeira de rodas. Darius e Pancotte (2012) relatam que mesmo durante as semanas finais de sua vida, White mantinha-se alegre, crendo que havia conseguido cumprir com o trabalho que se tinha proposto. Em 16 de julho de 1915, aos 87 anos, faleceu Ellen Gold White, sendo enterrada ao lado do marido no Cemitério Oak Hill, Battle Creek, Michigan. Ao longo da pesquisa realizada, pôde-se verificar que Ellen White, desde cedo, assumiu um posicionamento de liderança feminina, algo incomum para sua época, mesmo antes de casar-se, desempenhava esse papel. O que permaneceu após casada, visto que conservou essas características de liderança também em seu seio familiar, no qual foi apoiada pelo seu esposo, Tiago White, que talvez não tenha tentado anular sua liderança, por fazer parte daquele grupo religioso e, como a maioria deles, acreditava ser a sua esposa uma mensageira de Deus, o que fez com que aflorasse sem barreiras a liderança feminina religiosa dela. White colaborou na expansão de sua igreja pelo mundo e, apesar de não ter terminado a sua educação formal, escreveu bastante

sobre diversos temas, sendo o tema educação muito importante durante grande parte de sua vida. (DARIUS; PANCOTTE, 2012).

É importante registrar que apesar da aceitação de Ellen White como profetisa da Igreja Adventista do Sétimo Dia pela maioria daquele grupo, havia e ainda há muita discordância a essa posição que lhe foi conferida. Um dos críticos mais severos, e seu contemporâneo, foi Dudley Marvin Canright (1840-1919), um ex-adventista que havia sido importante dentro da igreja e amigo do casal White, que após vinte e dois anos trabalhando na denominação, deixou a igreja e tornou-se forte opositor dos White. Canright publicou, em 1919, um livro intitulado **Vida da Sra. EG White Profeta Adventista do Sétimo Dia. Suas alegações falsas refutadas**, no qual criticou e buscou explicar como foi construído o mito de profetisa em torno Ellen White. (CANRIGHT, 2013). Na obra abordou quais seriam as fontes de suas visões, as manipulações e fraudes nos seus escritos e como seus testemunhos eram influenciados por pessoas próximas a ela. Para além de Dudley Canright, há ainda outros autores como Robert K. Sanders que da mesma forma não aceita a posição legitimada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. Sanders ressalta em suas publicações as inconsistências e contradições dentro das doutrinas do adventismo, segundo ele objetivando expor as visões fracassadas de Ellen White, assim como ressaltar os problemas dentro do adventismo.

CAPÍTULO 3

A PRODUÇÃO EDUCACIONAL DE ELLEN GOULD WHITE

Ellen G. White exerceu papel importante no desenvolvimento e estabelecimento dos princípios da educação adventista, não há como abordar a educação adventista historicamente sem avaliar o impacto que White exerceu sobre a missão educacional estabelecida no seio da denominação. Nesse capítulo examinaremos as produções educacionais de Ellen White, com vistas a identificar quais ideias e proposições trazidas por ela impactaram, mais decisivamente, a formulação dos fundamentos e orientações pedagógicas adventistas.

Ao se examinar os princípios educacionais orientados por White, vislumbrando os objetivos, o currículo, o perfil do educador e a proposta formativa para o aluno, busca-se verificar como repercutiram na implementação da Educação Adventista, especialmente no que diz respeito à apropriação ocorrida historicamente pelas escolas adventistas brasileiras.

3.1. Princípios educacionais na obra de Ellen G. White

Muitos educadores colaboraram para o início da construção da educação adventista, porém os seus pressupostos filosóficos educacionais alicerçaram-se nos escritos de Ellen G. White sobre educação, o que os tornou fundamento do sistema educacional adventista. Ela foi:

[...] reconhecida como líder do pensamento profético da educação adventista desde seu início até sua morte em 1915. É impossível compreender a educação adventista, do ponto de vista atual ou histórico, sem compreender o papel e o impacto de Ellen White sobre seu desenvolvimento. Ela foi não apenas a figura central em seu desenvolvimento, mas a única líder adventista que esteve em constante destaque desde seus primórdios até o fim de seu período formativo por volta de 1910. (DOUGLASS, 2003, p. 344).

Segundo Knight (2000) os ideais contidos nos escritos de Ellen White estavam em harmonia com as reformas educacionais da época presentes nas escolas norte americanas. Para Menslin (2015) nesses escritos, evidenciam-se, as influências recebidas do pensamento pietista, que é oriundo do Luteranismo, que

valorizava a experiência individual, a conversão pessoal, a busca da santificação, a diminuição dos credos e das confissões. Elementos que inspiraram a educação adotada pelos conservadores evangélicos dos Estados Unidos no princípio do século XIX, influenciando o desenvolvimento cultural do país fortalecendo ideais liberais e pragmáticos.

Devido aos problemas enfrentados quanto ao currículo clássico e uma educação pouco prática, houve educadores que lutaram por reformas educacionais no século XIX. Dentro desse contexto o pensamento de White destacava a importância da educação na transformação do ser humano. Ao considerar essa perspectiva cristã, Menslin (2015) destaca que Deus é o centro da educação, e não o ser humano, com isto o professor, o currículo e o método deveriam estar alinhados e centrados nessa premissa. Ainda, ressalta que White como autodidata desenvolveu uma produção escrita que transitava entre assuntos da saúde, da religiosidade e, mesmo, das finanças, porém ao tratar de educação, demorou a iniciar publicações sobre o tema:

Durante praticamente 30 anos White escreveu sobre diversos assuntos, mas quanto à educação, os únicos escritos que são encontrados durante este período, foram dirigidos à educação no lar e à responsabilidade dos pais quanto à educação de seus filhos. (MENSLIN, 2015, p. 95).

Sem dedicar-se à educação formal durante 30 anos, White começou a tratar do tema ao escrever o artigo intitulado **A devida educação** (WHITE, 1872/2009). A princípio o texto fez parte de uma coletânea de livros chamados **Testemunhos da igreja** (1872/2009), sendo considerado um dos documentos norteadores da educação adventista apenas anos mais tarde, porque na época o escrito não foi acolhido pelos primeiros educadores adventistas da maneira esperada pela autora, tendo existido resistências às orientações. O artigo tratava da importância do desenvolvimento educacional em sua integralidade, nos aspectos físico, mental, moral e espiritual.

White (1872/2009) ressalta que para uma boa educação seria primordial que pais e professores tivessem primeiramente algumas qualidades, sem as quais ficaria difícil desenvolver uma educação eficaz, e somente de posse de tais adjetivos

haveria condições de educar as crianças em busca do aprimoramento de seu caráter para a vida:

A mais bela obra já empreendida por homens e mulheres é lidar com mentes jovens. O máximo cuidado deve ser tomado na educação da juventude, para variar de tal maneira a instrução que desperte as nobres e elevadas faculdades da mente. Pais e mestres acham-se igualmente inaptos para educar devidamente as crianças, se não aprenderam primeiro a lição do domínio próprio, a paciência, a tolerância, a brandura e o amor. Que importante posição para os pais, tutores e professores! Há poucos que compreendem as mais essenciais necessidades do espírito, e a maneira como devem dirigir o intelecto em desenvolvimento, os pensamentos e sentimentos crescentes dos jovens. Há tempo para instruir as crianças, e tempo para educar os jovens; e é essencial que esses dois aspectos sejam combinados em alto grau na escola. As crianças podem ser preparadas para o serviço do pecado ou para o serviço da justiça. A educação em tenra idade molda-lhes o caráter tanto na vida secular como na religiosa. (WHITE, 1872/2009, p. 132).

Conforme podemos observar, a autora inicia seu artigo ressaltando o extremo cuidado que se deve ter ao educar crianças e jovens, visto que são mentes que estão sendo trabalhadas, um intelecto que está sendo desenvolvido, visto que em grande parte o sucesso da educação, se deve a condução de quem está ensinando, e se esse educador possuir alguns atributos como paciência, tolerância, brandura e outros igualmente importantes, no ato de ensinar, pode despertar em seus educandos excelentes qualidades, que lhes serão úteis, tanto para vida religiosa como para a convivência em sociedade. A autora aborda mais algumas questões em seu artigo, destacando que seria prejudicial ensinarmos crianças e jovens desprezando suas vontades, seja no ambiente familiar ou na escola:

Há muitas famílias com crianças que parecem bem-educadas enquanto se encontram sob a disciplina; porém, quando o sistema que as ligou a certas regras se rompe, parecem incapazes de pensar, agir ou decidir por si mesmas. Essas crianças estiveram por tanto tempo sob uma regra de ferro, sem permissão de pensar e agir por si mesmas naquilo em que era perfeitamente próprio que o fizessem, que não têm confiança em si mesmas, para procederem segundo seu discernimento, tendo opinião própria. E quando saem de sob a tutela dos pais para agirem por si mesmas são facilmente levadas pelo discernimento de outros a direções errôneas. Não têm estabilidade de caráter. Não foram deixadas em situação de usarem o próprio juízo, na medida do possível; portanto, a mente não foi devidamente desenvolvida e fortalecida. Foram por tanto tempo inteiramente controladas pelos pais que dependem totalmente deles; estes são mente e discernimento para elas. Por outro lado, os jovens não devem ser deixados a pensar e proceder independentemente do juízo de seus pais e mestres. As crianças devem ser ensinadas a respeitar o juízo da

experiência, e serem guiadas pelos pais e professores. Devem ser de tal maneira educadas que sua mente se ache unida com a dos pais e professores, e instruídas de modo a poderem ver a conveniência de atender a seus conselhos. Então, ao saírem de sob a mão orientadora deles, seu caráter não será como a cana agitada pelo vento. A rigorosa educação dos jovens, sem lhes dirigir convenientemente o modo de pensar e proceder por si mesmos na medida que o permitam sua capacidade e as tendências da mente, para que assim eles se desenvolvam no pensar, nos sentimentos de respeito por si próprios e na confiança em sua capacidade de executar, produzirá uma classe fraca em força mental e moral. E quando estiverem no mundo, para agir por si mesmos, revelarão o fato de que foram ensinados, como os animais, e não educados. Em vez de sua vontade ser dirigida, foi forçada à obediência mediante rude disciplina por parte dos pais e mestres. (WHITE, 1872/2009, p. 133-134).

Conforme percebemos White (1872/2009) criticava as propostas de educação que não valorizassem o desenvolvimento da autonomia dos alunos, formando-os apenas para torná-los obedientes. Para a autora, uma vez de posse dessas habilidades como liberdade de pensamento e de ação desenvolvidas pela educação, os alunos são inseridos em um mundo no qual sabem agir por si, pois foram educados, e não apenas treinados. Segundo White (1872/2009) os professores que buscam manter o domínio sobre a vontade dos alunos estariam destinados a fracassar, pois não faria parte dos planos de Deus, que uma pessoa estivesse sob o completo domínio de outra. Percebe-se que a autora estimulava o protagonismo, tão destacado atualmente e, em seu livro **Educação** (1903/1977), verifica-se a importância dada às escolas na formação do desenvolvimento dos educandos:

Cada ser humano criado à imagem de Deus, é dotado de certa faculdade própria do Criador, a individualidade, faculdade esta de pensar e agir. Os homens nos quais se desenvolve esta faculdade, são os que arrostam responsabilidades, que são os dirigentes nos empreendimentos e que influenciam nos caracteres. É a obra da verdadeira educação desenvolver esta faculdade, adestrar os jovens para que sejam pensantes e não meros refletores do pensamento de outrem. Em vez de limitar o seu estudo ao que os homens têm dito ou escrito, sejam os estudantes encaminhados às fontes da verdade, aos vastos campos abertos a pesquisas na Natureza e na revelação. Que contemplem os grandes fatos do dever e do destino, e a mente expandir-se-á e fortalecer-se-á. Em vez de educados fracotes, as instituições de ensino poderão produzir homens fortes para pensar e agir, homens que sejam senhores e não escravos das circunstâncias, homens que possuam amplidão de espírito, clareza de pensamento, e coragem nas suas convicções. Uma educação assim provê mais do que disciplina mental; provê mais do que adestramento físico. Fortalece o caráter de modo que a verdade e a retidão não são sacrificadas ao desejo egoísta ou ambição mundana. (WHITE, 1903/1977, p. 18).

O protagonismo é estimulado dentro dos princípios educacionais presentes nas obras de Ellen White. Formar cidadãos com o papel de liderança e firmeza em suas convicções para ela seria o papel da educação como um todo. Segundo White (1872/2009) pais e professores deveriam cultivar um bom relacionamento social com os educandos, exercendo uma autoridade capaz de atrair o coração destes, cultivando o amor, a confiança, valorizando seus esforços, sem o autoritarismo, exercendo sua influência na busca para a promoção do caráter para a vida de seus alunos. Percebe-se que White ressalta a importância do papel da família dentro do processo educativo, e também destaca que a escola teria grande importância na formação infantil, mas a primeira escola, segundo a autora, seria o ambiente familiar: “[...] tendo seus pais como instrutores, a criança aprenderá lições que a guiam por toda vida, lições de respeito, obediência, reverência, domínio próprio”. (WHITE, 1913/1975, p. 107). Portanto, destaca a importância fundamental dos pais no processo educacional de seus filhos, entendendo tratar-se da formação de caráter e prossegue em outra de suas publicações, que, compilada anos mais tarde, foi publicada em seu livro **Orientação da criança** (1900/1954):

[...] “educação” significa mais do que um curso de estudos num colégio. A educação começa com o bebê nos braços da mãe, enquanto a mãe está moldando e formando o caráter dos filhos ela está os educando [...] a educação é uma questão de maior amplitude do que muitos pensam: compreende todo o processo pelo qual a criança é instruída, desde o berço a infância, da infância a juventude e a maturidade. Logo que uma criança é capaz de formar uma idéia deve começar a educação. Deve a obra de educação e preparo começar na infância da criança; pois então a mente é mais susceptível de receber impressões, e as lições dadas são lembradas. Devem as crianças serem virtualmente educadas do berço a maturidade na escola do lar. (WHITE, 1900/1954, p. 21).

Portanto, a autora atribui à família papel decisivo no processo educacional, no ensino de virtudes e na construção do caráter da criança, visto que a influência e a responsabilidade educacional do núcleo familiar impactariam na promoção do sucesso do aluno na vida e, conseqüentemente, no progresso dentro do ambiente escolar. A contribuição da família na formação de seus filhos, possibilitaria um maior aproveitamento no aprendizado formal, oferecido no ambiente escolar, pois família e escola seriam corresponsáveis no processo educativo. Segundo Bourdieu (2007a) na escola evidencia-se a reprodução das estruturas sociais e a transferência de

capitais advindos da família, pois o legado econômico familiar se converte em capital cultural, diretamente relacionado ao desempenho dos alunos no ambiente escolar. Menslin (2015), ao tratar da educação adventista, indica que:

Aproveitar os lugares, eventos e o tempo disponível para ensinar verdades que os pais julguem importantes para seus filhos aprenderem, oportunizará um melhor rendimento e aproveitamento do ensino formal que os filhos receberão nos anos subsequentes à educação informal da família, como também prepara os filhos para as tomadas de decisão quanto aos valores e princípios espirituais para a vida adulta. (MENSLIN, 2015, p. 113).

White (1913/1975a) ainda orienta os pais, em seu livro **Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes**, sobre o momento formativo no qual se deve ter especial cuidado com a autoestima da criança, ensinando com brandura, em busca de demonstrar confiança na inteligência da mesma. A educação proposta por Ellen White dava ênfase a uma educação que formasse cidadãos aptos a servirem ao próximo e a Deus na sociedade.

White (1872/2009) faz algumas críticas a pais e ao sistema educacional mantido pelas gerações anteriores, afirmando que haviam sido destrutivos para a saúde, sobrecarregando a área intelectual, com horas ininterruptas nas quais os alunos permaneciam fechados em salas de aula mal ventiladas, sem espaço suficiente para a acomodação adequada, em condições prejudiciais a eles:

Crianças pequenas, cujos membros e músculos não são fortes e cujo cérebro ainda não se acha desenvolvido, têm sido mantidas em ambientes fechados, para dano seu. Muitas não têm senão escassa reserva com que começar a vida, e o confinamento na escola dia a dia torna-as nervosas e doentes. Seu corpo é impedido de crescer em virtude da exausta condição de seu sistema nervoso. E se a lâmpada da vida se apaga, os pais e os mestres não consideram haver tido qualquer influência direta em extinguir a centelha de vida. [...] Pais e professores, ao assumirem a responsabilidade de ensinar essas crianças, não sentem a obrigação diante de Deus de familiarizar-se com o organismo físico, para que possam cuidar do corpo de seus filhos e alunos de maneira a preservar a vida e a saúde. Milhares de crianças morrem em virtude da ignorância de pais e professores [...] Nada sabem da influência do corpo sobre a mente e da mente sobre o corpo. A mente, que liga o finito ao infinito, eles parecem não compreender. (WHITE, 1872/2009, p. 136).

Nesse trecho pode-se observar que a autora destaca questões a serem consideradas, que apesar de terem sido escritas em 1872, são preocupações tratadas pela neurociência no século XXI. White ressalta que se deve levar em conta

a exaustão do sistema nervoso e a influência da mente sobre o corpo, mais adiante ela destaca a importância do desenvolvimento ligado a atividades físicas, atualmente chamado desenvolvimento psicomotor, que auxilia na promoção do desenvolvimento cognitivo da pessoa. White (1872/2009) entende que caberia à educação promover a interação entre atividades físicas e mentais, destacando ser importante que “[...] uma parte do tempo diário deveria ter sido dedicada ao trabalho, de modo que as faculdades físicas e mentais pudessem ser exercitadas igualmente”. (WHITE, 1872/2009, p. 151). Ainda, orientava que os estudos realizados ao ar livre, aliados a exercícios físicos, fariam bem à saúde. Sobre as orientações de White, Mello (2019) destaca:

Portanto, para ela, os resultados de uma educação que sobrecarregue o cérebro somente com informações, não apenas causaria danos na mente, mas danos físicos e morais. Assim, tentou demonstrar a importância de um sistema de educação que cultivasse de forma equilibrada todos estes aspectos. Porém, ela enfatizou a importância de não ser negligenciada a cultura mental. (MELLO, 2019, p. 23)

Ela ainda destaca que até os dez anos a melhor sala de aula deveria ser ao ar livre, utilizando como livro de estudo, os tesouros da natureza e assim o aprendizado se tornaria mais agradável e atraente, impactando a memória, devendo-se adquirir educação sem sacrificar as saúdes física e mental. Segundo White (1972/2009) seria importante estimular a aquisição do conhecimento e dos hábitos de reflexão e pesquisa, por meio de uma educação que tornasse as pessoas úteis ao mundo. A autora também aponta o que entendia ser negligência por parte de muitos pais e professores, que dariam pouca atenção à constituição corporal da criança, a qual, se valorizada, contribuiria para a boa saúde física e mental. Nesse sentido, exemplifica como ponto negativo os alunos serem colocados em salas de aula sem ventilação e pouco espaçosas, bem como em bancos mal construídos, nos quais sentavam-se em posição incorreta.

Ellen White fez fortes críticas à educação que verificava em sua circunstância, afirmando que esta não desenvolvia a firmeza de caráter, pois o ensino das crianças se apresentava de modo superficial desde o berço. Escreveu que crianças quando mimadas estavam sendo prejudicadas em sua educação, deixando de aprender a ter domínio próprio e de exercitar a resistência para vencer as dificuldades. Dessa

forma, pais e professores não estariam ensinando a persistência, ferramenta que exaltava como muito útil para toda vida:

As crianças freqüentemente iniciam um serviço com entusiasmo, mas, encontrando dificuldade ou cansando-se dele, desejam mudar e empreender alguma coisa nova. E assim vão passando de uma coisa para outra, sem nada completar [...] Muitas crianças, por falta de palavras de encorajamento e de um pouco de ajuda em seus esforços, ficam desanimadas e mudam de uma coisa para outra. Este lamentável defeito as acompanha por toda a vida. Deixam de fazer com êxito tudo aquilo em que se empenham, porque não aprenderam a perseverar sob circunstâncias desalentadoras. Assim, a vida inteira de muitos se torna um fracasso, pois não tiveram uma disciplina correta quando eram pequenos. A educação recebida na infância e na juventude afeta toda a sua carreira na vida adulta [...]. (WHITE, 1872/2009, p. 148).

Conforme a autora aponta no trecho acima citado, boa parte do sucesso no que se faz, residiria na persistência em superar as dificuldades, com isto as crianças estariam perdendo a oportunidade de aprender a superar desafios e de adquirir persistência, habilidade fundamental na construção do caráter de qualquer ser humano. White mais adiante orienta os pais a não apoiar a ociosidade dos filhos, pois seria extremamente prejudicial deixá-los de ensinar deveres e responsabilidades, tão necessárias para um bom desenvolvimento, na construção de uma mente ativa que proporciona uma boa saúde mental:

Todas as faculdades da mente devem ser postas em uso e desenvolvidas, a fim de que os homens e as mulheres tenham mente bem equilibrada. [...] A educação da maioria dos jovens é um fracasso [...]. A mente humana precisa ter atividade. Se não estiver ativa na direção certa, estará ativa na direção errada. (WHITE, 1872/2009, p. 153).

Apontou ainda que o ideal em uma educação para os jovens seria aliar a aprendizagem manual e a intelectual, o que traria vantagens tanto para o conhecimento como para a saúde, destacou essa dicotomia quando afirmou:

Os que fazem unicamente trabalho manual labutam com freqüência em excesso, sem períodos de descanso, ao passo que a classe intelectual sobrecarrega o cérebro e sofre por falta do saudável vigor proporcionado pelo trabalho físico. Se a classe intelectual quisesse partilhar até certo ponto do fardo da classe operária, fortalecendo assim os músculos, a classe operária poderia fazer menos e dedicar uma parte de seu tempo à cultura mental e moral. Os que se ocupam em atividades sedentárias e literárias devem fazer exercício físico, mesmo que não necessitem trabalhar para viver. A saúde deve ser um incentivo suficiente para induzi-los a unir o

trabalho físico ao mental. A cultura moral, a intelectual e a física devem ser combinadas a fim de produzir homens e mulheres bem desenvolvidos e equilibrados. Alguns estão habilitados a realizar maior esforço intelectual que outros, ao passo que há pessoas inclinadas a amar e desfrutar o trabalho físico. Ambas essas classes devem procurar corrigir suas deficiências [...]. (WHITE, 1872/2009, p. 157).

Com isso, White ressaltou a importância de se equilibrar os aspectos intelectuais e físicos, em busca de uma educação de qualidade, que proporcionaria aos seres humanos o desenvolvimento completo, valorizando-se corpo e mente da mesma proporção, evitando-se a sobrecarga que pode ocasionar problemas de saúde:

A mente de homens pensantes trabalha arduamente. Com freqüência, eles usam suas faculdades mentais prodigamente, ao passo que há uma outra classe cujo mais elevado alvo na vida é o trabalho físico. Esta última classe não exercita a mente. Seus músculos são exercitados, enquanto o cérebro fica privado da força intelectual. Da mesma maneira a mente dos pensadores é trabalhada, enquanto o corpo lhes fica sem forças nem vigor por negligenciarem o exercício dos músculos. Os que se contentam em devotar a vida ao trabalho físico, e deixam que outros façam por eles a parte mental, enquanto simplesmente levam a cabo o que outros cérebros planejaram, terão força muscular, mas intelecto deficiente. Sua influência para o bem é pequena em comparação com o que poderiam fazer se usassem o cérebro como usam os músculos. Esta classe é vencida mais prontamente se atacada por enfermidade, visto que o organismo é vitalizado pela força elétrica do cérebro para resistir a doenças. Homens que têm boas faculdades físicas devem educar-se para pensar, bem como para agir, e não ficar na dependência de que outros sejam cérebro para eles (WHITE, 1872/2009, p. 158).

Portanto, a autora destaca que se nas escolas o trabalho fosse desenvolvido objetivando equilibrar as questões cognitivas e psicomotoras, os estudantes seriam capazes de executar com maior facilidade o trabalho mental, superando o ensino dirigido ao âmbito cognitivo de modo isolado. White (1872/2009) destaca que a ignorância não contribuiria para a humildade ou espiritualidade, e que as verdades divinas seriam mais bem apreciadas pelo cristão que empregasse seu intelecto. Com isso, fecha seu artigo dizendo que o grande objetivo da educação seria utilizar as habilidades dadas por Deus, cultivando e aperfeiçoando os talentos, sendo a educação uma ferramenta fundamental para disciplinar e desenvolver a mente, sendo úteis na promoção da glória de Deus.

As razões pelas quais o artigo de White (1872/2009), mesmo publicado e tendo alcance, não ter servido imediatamente de base para a educação adventista, embasou-se na não aceitação dos primeiros educadores adventistas, pelos conflitos

gerados por questões levantadas pela autora, que salientava a importância de uma educação formativa, que abandonasse os clássicos pagãos, gregos e latinos, que valorizasse o ensino da Bíblia como base para o desenvolvimento das faculdades mentais, sociais, espirituais e físicas, equilibrando a aprendizagem manual e intelectual proporcionalmente. Segundo Bourdieu (2007a) o conflito teológico gerado entre os especialistas, pela detenção da autoridade religiosa, gera uma contestação dessa autoridade, pois na lógica do funcionamento do campo religioso também há coerções internas, o que se analisado é causador de conflitos.

Segundo Mello (2019), para Ellen White a Bíblia poderia ser utilizada no componente curricular de várias matérias, tais como: Filosofia, História, Geografia, Literatura, Linguagem, Ciências e Matemática – pois lançaria luz sobre as disciplinas escolares. A seguir, pode-se observar uma proposta trazida por White a respeito do ensino de História, conforme expresso em seu livro **Educação** (1903/1977):

Quanto a nenhum outro estudo isto é mais verdade do que em relação ao de História. Considere-se este estudo do ponto de vista divino. Conforme muitas vezes é ensinada, a História é pouco mais do que um relatório sobre o surgimento e queda de reis, intrigas das cortes, vitórias e derrotas de exércitos, toda uma narrativa de ambição e avidez, engano, crueldade e mortandade. Ensinada desta maneira, seus resultados não poderão deixar de ser prejudiciais. As pungentes repetições de crimes e atrocidades, as monstruosidades, as crueldades que são descritas, plantam sementes que em muitas vidas produzirão fruto em uma messe de males. Muito melhor é aprender, à luz da profecia de Deus, as causas que determinam o surgimento e queda de reinos. Estudem os jovens estes relatos e vejam como a verdadeira prosperidade das nações tem estado relacionada com a aceitação dos princípios divinos. Estudem a história dos grandes movimentos reformadores e vejam quantas vezes estes princípios, posto que odiados e desprezados, e conduzidos os seus defensores à masmorra e ao cadafalso, têm triunfado mediante estes mesmos sacrifícios. Tal estudo proporcionará uma visão larga e compreensiva da vida. Auxiliará a mocidade a entender algo de suas relações e dependências, bem como quão maravilhosamente nos achamos ligados uns aos outros na grande fraternidade da sociedade e das nações e em que grande extensão representam a opressão e degradação de um membro uma perda para todos. (WHITE, 1903/1977, p. 238).

Para a autora a utilização da Bíblia com esse enfoque deveria ocorrer por meio de uma análise do contexto que ocasionou o surgimento e a queda de diferentes reinos, quais aspectos foram decisivos para a vitória ou para a derrota, e qual a relação do descrito com os princípios divinos. Aqui é necessário destacarmos algumas questões, como a diferença entre utilizar a Bíblia como fonte histórica e ler

a história a partir da Bíblia. Em nossa avaliação, Ellen White expressa em sua obra a proposição de que a história deveria ser lida a partir da Bíblia, em detrimento de se avaliar a Bíblia como um documento que contribuiria para a avaliação histórica. Conforme destaca Rosolen (2021), a utilização da Bíblia levanta posições antagônicas, pois há uma dicotomia entre maximalistas e minimalistas, sendo o primeiro grupo, conservador, que entende a Bíblia como ferramenta possível para a investigação historiográfica. Enquanto os minimalistas questionam e negam o valor documental da Bíblia, minimizando assim a dimensão histórica.

No que diz respeito à disciplina de Ciências, em seu livro **Conselhos a Pais, Professores e Estudantes** (1913/1975a), Ellen White registrou:

[...] o estudo da ciência não deve ser negligenciado. Precisam-se livros para isto, mas eles devem estar em harmonia com a Bíblia, porquanto esta é a norma. Livros desta natureza devem substituir muitos dos que andam atualmente nas mãos dos alunos. Deus é o autor da ciência. As pesquisas científicas abrem ao espírito vasto campo de idéias e informações, habilitando-nos a ver Deus em suas obras criadas. A ignorância pode tentar apoiar o cepticismo, apelando para a ciência; em vez de o sustentar, porém, a verdadeira ciência contribui com novas provas da sabedoria e do poder de Deus. Devidamente compreendidas, a ciência e a Palavra escrita concordam entre si, lançando luz uma sobre a outra. Juntas, conduzem-nos para Deus, ensinando-nos algo das sábias e benéficas leis por que Ele opera. Quando o aluno reconhece a Deus como fonte de todo o conhecimento, e o honra, sujeitando a mente e o caráter a serem modelados por Sua Palavra, pode reclamar a promessa: “Aos que Me honram honrarei.” 1 Samuel 2:30. (WHITE, 1913/1975a, p. 426).

É importante ressaltar que a filosofia educacional adventista se pauta em uma perspectiva criacionista sobre o princípio do universo, portanto White orienta que a disciplina de Ciências, seja estudada a partir de livros alinhados a essa concepção. Compreende-se a intenção da autora objetivando a conservação da visão criacionista, através da utilização de livros, porém é necessário compreender que os alunos precisariam ter conhecimento a respeito da visão evolucionista, até para que, conhecendo ambas as perspectivas sobre o princípio do universo, saibam defender a sua posição, com explicações que sejam fundamentadas, pois sem conhecimento sobre o posicionamento divergente do seu, não há como justificar a sua própria convicção. Vejamos mais algumas orientações de White, agora sobre a disciplina de Matemática:

No estudo dos números deve o trabalho ser prático. Que se ensine cada jovem e criança não simplesmente a resolver problemas Métodos de ensino imaginários, mas fazer com precisão as contas de seus próprios ganhos e gastos. Que aprendam o devido uso do dinheiro, usando-o. Quer seja suprido por seus pais, quer seja ganho por eles mesmos, aprendam os moços e as moças a escolher e comprar sua própria roupa, seus livros e outras coisas necessárias; e fazendo um registro de suas despesas aprenderão, como não o fariam de qualquer outra maneira, o valor e o uso do dinheiro. Este ensino auxiliá-los-á a distinguir a verdadeira economia da mesquinhez, de um lado, e do outro, da prodigalidade. Devidamente orientado, acoroçoará hábitos de liberalidade. Auxiliará o jovem a aprender a dar, não por um mero impulso do momento, ao serem suscitados os seus sentimentos, mas a dar regular e sistematicamente. Desta maneira todo estudo pode tornar-se um auxílio na solução do máximo dos problemas: a educação de homens e mulheres para melhor desempenho das responsabilidades da vida. (WHITE, 1903/1977, p. 239).

Acerca da Matemática a autora orienta que a disciplina seja trabalhada de forma prática, empregada a situações do dia a dia, auxiliando na solução de problemas reais. Evidentemente, a disciplina de matemática está muito para além das operações elementares, entretanto, demais conteúdos curriculares que envolvam raciocínio lógico-matemático, enquanto fatores de aprimoramento de habilidades, não são mencionados por White. Verifica-se que para cada uma das disciplinas White propõe uma orientação, visando dar um direcionamento educacional de modo alinhado aos princípios bíblicos.

Após a persistência de Ellen White em suas produções na área educacional progressivamente cresceu a aceitação de suas ideias, visto que desde 1872 concentrou esforços nas questões educacionais junto aos adventistas. Segundo Menslin (2015) ela escreveu diversos artigos que formaram a base da Educação Adventista, os quais foram agrupados em volume integrante dos **Testemunhos para a igreja** (1872/2009), fazendo parte da composição de nove volumes que trataram também de outros assuntos de interesse da denominação.

Na apresentação cronológica destes artigos [...] é possível notar que o período que antecedeu o avanço institucional da educação adventista – década de 1890 e início de 1900 – foi o período que White mais deixou suas mensagens relativas à educação adventista e suas bases filosóficas. (MENSLIN, 2015, p. 97).

Entre 1890 e 1900 foram conformadas ideias para a educação adventista como sistema educacional e instituição confessional, Menslin (2015) ressalta que as publicações de White durante esse período foram determinantes para que houvesse

a expansão do sistema educacional adventista, momento em que foram fundamentados os pressupostos filosóficos que impulsionaram a abertura de novas escolas. Segundo Schunemann (2009) essas escolas eram multisseriadas e paroquiais, e objetivavam manter as crianças adventistas livres do convívio com pessoas sem formação religiosa, assim como afastados dos ideais da perspectiva liberal, que em diversos aspectos divergia do pensamento adventista, exemplarmente reivindicando “[...] o direito do indivíduo forjar o seu próprio destino, livre de qualquer autoridade ou lei que limitasse o seu direito” (CORRÊA, 2005, p. 130). O que entra em conflito com a teologia adventista, a qual considera acima de tudo que todos estão sob lei de Deus, discordando da relativização da verdade, e das influências do ensino do darwinismo nas escolas.

Menslin (2015), baseado em informações extraídas dos Arquivos Estatísticos do Departamento de Educação da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, estabelece um comparativo cronológico entre os artigos educacionais publicados por Ellen White e número de escolas adventistas fundadas. O autor relaciona o aumento do número de escolas às referidas produções. Na década de 1870 White publicou 3 artigos sobre educação, e havia apenas 2 escolas adventistas nos Estados Unidos. Na década de 1880, a autora publicou 13 artigos, e o número de escolas aumentou de 2 para 24. Na década de 1890 os artigos de White sobre educação chegaram a 45, o que guarda correlação com um grande salto no número de escolas adventistas, que passaram de 24 para 274. Na década de 1900, White publicou 11 artigos, e o número de escolas aumentou para 465. Na década de 1910, White publicou mais 2 artigos e o número de escolas chegou a 680.

Percebe-se que os textos sobre educação de Ellen White impactaram o desenvolvimento do Sistema Educacional Adventista, pois alicerçaram sua filosofia, auxiliando a impulsionar a criação de escolas. Atualmente tais escritos estão concentrados em 6 volumes, nomeadamente nas seguintes produções: **Conselhos sobre Educação** (1889/1968); **Fundamentos da Educação Cristã** (1872/1974); **Educação** (1903/1977); **Conselhos a Pais, Professores e Estudantes** (1913/1975a); **Testemunhos para a Igreja. v. 3** (1872/2009); **Orientação da criança** (1900/1954). Os quais, em língua portuguesa, foram publicados pela Casa Publicadora Brasileira – CPB, editora pertencente à Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Os princípios filosóficos trazidos por Ellen White em seus escritos sobre educação, fundamentaram-se em uma abordagem bíblico cristã, na qual a educação seria apontada como tendo um papel restaurador. Em acordo com Menslin (2015), a fim de se compreender a abordagem bíblico cristã, faz-se necessário levar em conta quatro aspectos, a saber: a natureza do ser humano; o propósito de Deus ao criá-lo; a condição humana ao ter entrado em contato com o mal; e o plano de Deus. Nesse quadro, a educação seria instrumento para que o ser humano alcançasse seu propósito para a humanidade como um todo. Somente levando-se em conta essas questões, é possível entender a proposta filosófica assumida por White na educação adventista. Uma das bases dessa perspectiva é a concepção criacionista, na qual compreende-se que Deus criou o ser humano à sua imagem e semelhança, momento em que a natureza humana era perfeita, todavia, posteriormente quando o humano entrou em contato com o mal, tornou-se pecador e, conseqüentemente, passou à condição de imperfeição, o que teria diminuído sua capacidade física, mental e espiritual. Segundo White (1903/1977):

Enfraqueceu-se a capacidade física do homem e sua capacidade mental diminuiu; ofuscou-se-lhe a visão espiritual. Tornou-se sujeito à morte. Todavia, a raça humana não foi deixada sem esperança. Por infinito amor e misericórdia foi concebido o plano da salvação, concedendo-se um tempo de graça. Restaurar no homem a imagem de seu Autor, levá-lo de novo à perfeição em que fora criado, promover o desenvolvimento do corpo, espírito e alma para que se pudesse realizar o propósito divino da sua criação tal deveria ser a obra da redenção. Este é o objetivo da educação, o grande objetivo da vida. O amor, base da criação e redenção, é o fundamento da educação verdadeira. (WHITE, 1903/1977, p. 16).

Portanto, para Ellen White o objetivo da educação estaria entrelaçado à religião, efetivamente, sendo a religião o fundamento da educação. Segundo Bourdieu (2007a) a lógica utilizada pela igreja impõe e inculca uma mensagem, monopolizando o poder religioso que nesse caso pode ser transmitido também pela educação. Nesses termos, White propõe o desenvolvimento equilibrado das faculdades físicas, intelectuais e espirituais, buscando preparar o estudante para o serviço nesse mundo, e para serviço em um mundo vindouro.

Nossas idéias acerca da educação têm sido demasiadamente acanhadas. Há a necessidade de um escopo mais amplo, de um objetivo mais elevado. A verdadeira educação significa mais do que a prossecução de um certo

curso de estudos. Significa mais do que a preparação para a vida presente. Visa o ser todo, e todo o período da existência possível ao homem. [...] Todo o saber e desenvolvimento real têm sua fonte no conhecimento de Deus. Para onde quer que nos volvamos, seja para o mundo físico, intelectual ou espiritual; no que quer que contemplemos, afora a mancha do pecado, revela-se este conhecimento. Qualquer que seja o ramo de investigação a que procedamos com um sincero propósito de chegar à verdade, somos postos em contato com a Inteligência invisível e poderosa que opera em tudo e através de tudo. A mente humana é colocada em comunhão com a mente divina, o finito com o Infinito. O efeito de tal comunhão sobre o corpo, o espírito e a alma, está além de toda estimativa. (WHITE, 1903/1977, p. 13-14).

A importância do desenvolvimento cognitivo estaria atrelada à formação do caráter e à preparação para a vida, segundo White (1903/1977) uma educação verdadeira tem o papel de desenvolver as capacidades dos jovens tornando-os seres pensantes, não simplesmente reprodutores de ideias alheias. Portanto, a educação serviria para libertar os educandos estimulando um caráter equilibrado, e a busca pelo conhecimento seria o alvo, com a finalidade de servir melhor ao próximo. Na formação do caráter se buscaria restaurar a imagem de Cristo nos alunos, apoiando-se no tripé família, igreja e escola. White escreveu a respeito do caráter:

A maior necessidade do mundo é a de homens, que se não comprem nem se vendam; homens que no íntimo da alma sejam verdadeiros e honestos; homens que não temam chamar o pecado pelo seu nome exato; homens, cuja consciência seja tão fiel ao dever como a bússola é ao polo; homens que permaneçam firmes pelo que é reto, ainda que caiam os céus. Mas um caráter tal não é obra do acaso; nem se deve a favores e concessões especiais da providência. Um caráter nobre é o resultado da disciplina própria, da sujeição da natureza inferior pela superior a renúncia do eu para o serviço de amor a Deus e ao homem. Os jovens precisam ser impressionados com a verdade de que seus dotes não são deles próprios. Força, tempo, intelecto não são senão tesouros emprestados. Pertencem a Deus; e deve ser a decisão de todo jovem pô-los no mais elevado uso. O jovem é um ramo do qual Deus espera fruto; um mordomo cujo capital deve crescer; uma luz para iluminar as trevas do mundo (WHITE, 1903/1977, p. 57-58).

A autora ressalta que o caráter seria resultado da disciplina, e o intelecto seria o capital emprestado por Deus, devendo ser administrado para que aumentasse, aproveitando-se toda oportunidade para o aprendizado, de modo a preparar as faculdades mentais, físicas e morais a serviço de Deus e da sociedade.

Deus quer que estudemos enquanto nos acharmos neste mundo. Deve-se aproveitar toda ocasião de adquirir cultura. As faculdades precisam ser fortalecidas pelo exercício, a mente culta e ampliada por meio de esforçado estudo [...]. Quanto mais aplicadamente for cultivado o intelecto, tanto mais eficazmente poderá ele ser empregado no serviço de Deus, uma vez que seja posto sob a direção de Seu Espírito. Talentos usados, são talentos que se multiplicam. (WHITE, 1913/1975, p. 425-426).

Menslin (2015) traz alguns destaques apontados como conceitos-chave a respeito da compreensão de White sobre a educação, os quais permeiam a abordagem da teoria educacional adventista e nos ajudam a vislumbrar a educação pelo prisma da autora:

O resumo dos conceitos-chave da compreensão whiteana sobre a educação pode ser explicado da seguinte maneira: A educação baseada na cosmovisão bíblica está pautada em três pilares: (1) desenvolvimento cognitivo equilibrado, com o fim de ser útil não somente ao indivíduo que o adquire, mas útil à sociedade que se beneficia dos conhecimentos adquiridos pelos seres humanos individualmente, mas que tem por objetivo servir a Deus e a humanidade; (2) O desenvolvimento do caráter visando o serviço ao próximo e a Deus e (3) o preparo do ser humano para a tomada de decisão quanto à sua vida, no presente e no futuro, dentro da visão do conflito cósmico entre bem e o mal. Esses conceitos não são apenas essenciais para a educação, na visão de White, mas também para a própria vida. Portanto, devem permear qualquer abordagem da teoria educacional adventista. (MENSLIN, 2015, p. 108-109).

Portanto, para Ellen White a educação não seria fragmentada, na qual se desenvolveria apenas certos aspectos, mas sim objetivaria preparar os educandos de maneira ampla, visando aspectos intelectuais, físicos e espirituais, a serviço de Deus e do próximo dentro da sociedade.

3.2. Filosofia Educacional Adventista

Na obra **Pedagogia Adventista**, elaborada pela Confederação das Uniões Brasileiras da Igreja Adventista do Sétimo Dia, a Filosofia Educacional é apresentada nos termos da promoção do ensino contextualizado, numa proposta de educação fundamentada nas seguintes crenças: Deus é o Criador, conhecê-lo e compreender sua vontade é de crucial importância desde a infância na vida; O humano, é criado perfeito por Deus, sendo resultado da combinação do material com o espiritual, destinado a ser feliz à medida que se relaciona com Seu Criador e convive bem com seus semelhantes; Separado de Deus, o humano está sujeito à

degradação, sendo assim estabelecer a ligação com Deus é objetivo da vida; Criado o humano, com potenciais a desenvolver, chama-se Educação Cristã a obra que permite seu harmonioso desenvolvimento em comunhão com o Criador; Deus, o Criador, é também fonte de todo o conhecimento e se revela ao humano mediante a Bíblia Sagrada, Jesus Cristo e a natureza. (CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2019). Como podemos observar o foco em Deus é absolutamente central dentro dessa proposta educativa.

O documento **Pedagogia Adventista** (CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2019) ainda destaca que o processo educativo deve primar pelo incentivo da relação teoria e prática, objetivando atender as necessidades de aprendizagem, estimulando a criticidade e a criatividade, visando transformar conhecimentos e atitudes, a partir de soluções de problemas que remetem à realidade da vida. O processo educativo deveria, nesses termos, contribuir com o desenvolvimento espiritual, intelectual, físico, social, emocional e vocacional dos educandos, preparando-os para serem cidadãos competentes e comprometidos com a sociedade e com Deus.

Enquanto uma escola confessional, que se afirma como alicerçada nas bases do criacionismo, a instituição adventista compreende o início da vida como derivada de Deus, considerando-o como fonte de toda sabedoria, e nesse sentido, busca aplicar a Bíblia como referencial de conduta. A educação adventista considera que há preceitos morais explícitos na Bíblia, que, sendo seguidos, contribuem para que haja uma convivência harmônica com o próximo em sociedade. Destacam-se, nos parágrafos a seguir, algumas orientações capitais encontradas ao longo do documento **Pedagogia Adventista**:

Estimular a proteção e a conservação da natureza: esta proposta ressalta a responsabilidade de cada ser humano em cuidar e preservar a natureza, visto que seria fator fundamental para a subsistência da vida em nosso planeta, sendo dever do ser humano cuidar desse presente de Deus. Incentivar a utilização cognição na aquisição e construção do conhecimento em favor do bem comum: tomando-se para tanto, como ferramenta, as diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos. Promover aquisição de hábitos saudáveis: o que aponta para a necessidade do ser humano em adotar de hábitos saudáveis, para que haja a manutenção de uma boa saúde, garantindo assim uma boa qualidade de vida. Ampliar o desenvolvimento do

senso crítico, da criatividade, da pesquisa e do pensamento reflexivo: sem estes fatores não seria possível desenvolver uma educação de qualidade, pois a capacidade reflexiva é fundamental para que o ser humano possa ampliar ao máximo as suas capacidades, somente ao exercitá-la fortalece sua cognição, expandindo a compreensão, a criatividade e a aquisição do senso crítico. Ao analisarmos as questões trazidas pelo documento, o que podemos observar é que as orientações se assemelham às trazidas por outras instituições de modo geral, visto os Projetos Político Pedagógicos majoritariamente primarem pela formação em favor do desenvolvimento do espírito crítico e reflexivo.

Ainda, verificam-se como indicações da Confederação das Uniões Brasileiras da Igreja Adventista do Sétimo Dia, no documento **Pedagogia Adventista** (2009) – incentivar o desenvolvimento dos deveres práticos da vida, a sábia escolha profissional e a formação familiar, o serviço a Deus e da sociedade que visam formar o educando para que esteja apto a ampliar as habilidades adquiridas na escola, onde busca-se uma prática que contribua para seu o desenvolvimento, assim como visa subsidiar uma orientação de qualidade para as escolhas da vida, tanto na formação familiar quanto profissional. Promover a autonomia, de forma ancorada aos valores bíblico-cristãos: nessa proposta busca-se desenvolver a autonomia, sem que isso implique em renunciar aos princípios bíblicos a serem seguidos. Favorecer o desenvolvimento da autoestima: a proposta busca o desenvolvimento de um processo educativo que priorize a autoestima do educando, visto que auxilia no processo de aprendizagem. Resgatar nos relacionamentos interpessoais a prática de amar ao próximo e o estímulo a cultivar esses bons relacionamentos, algo apresentado como fundamental para o convívio em sociedade, a fim de se praticar o respeito e o convívio amoroso entre os humanos. Aqui podemos observar que o documento traz questões ligadas à área de estudo da psicologia que examina a capacidade humana de lidar com as próprias emoções, gerenciar as decisões tomadas frente aos desafios diários, desenvolvendo a empatia, estimulando relacionamentos interpessoais, em busca de desenvolver habilidades sociais.

De acordo como os **Referenciais Curriculares para o Ensino Fundamental da Educação Adventista** (2019), o currículo precisa ser direcionado às relações sociais, ao conhecimento, aos valores em busca da diversidade, assegurando que o processo de ensino e aprendizagem seja integral, em busca de garantir a harmonia

social e a restauração do ser humano, com uma metodologia de ensino, que tem base bíblica, com grande ênfase na tríplice relação entre família, escola e Deus.

Nesse sentido, é necessário destacar a influência da família na educação dos estudantes, algo que se reflete no desempenho escolar, diretamente vinculado à relação dos familiares com o acompanhamento dos estudos dos filhos. Segundo Bourdieu (2009), na socialização familiar a criança tem um acúmulo de capital cultural, que lhe serve como disposição para determinadas habilidades e comportamentos exigidos na educação formal, pois o *habitus* incorporado irá impactar diretamente seu desempenho escolar. A ênfase verificada nos **Referenciais Curriculares para o Ensino Fundamental da Educação Adventista** (2019), no que diz respeito à importância da família como parceira da escola na educação, pode ser interpretada a partir dessa perspectiva, pois dessa forma o aprendizado se consolidaria com maiores chances de sucesso.

A educação adventista, segundo as recomendações institucionais, deve se pautar no desenvolvimento de um currículo integral-restaurador, no qual se busca a valorização das produções culturais, da diversidade humana, bem fundamentadas nos princípios bíblicos, reconhecendo o ser humano em toda a sua complexidade e necessidade de obtenção de conhecimento de excelência, em busca de restauração à imagem de Deus. Portanto, os **Referenciais Curriculares** têm como objetivo promover a qualidade acadêmica e a cidadania responsável, equilibrando o contexto espiritual, intelectual, físico, social, emocional e vocacional dos educandos. O currículo considera como agências educativas a família, a igreja e a escola, explicitando relação direta com o conhecimento ligado às diretrizes necessárias para a prática pedagógica da educação adventista, ancorados nas orientações de White. Segundo Bourdieu (2007a) a igreja contribui e mantém o reforço simbólico, através da imposição e inculcação dos esquemas de pensamento e de ação, e no caso da educação adventista o currículo foi utilizado como ferramenta para esse fim.

Diante da perspectiva adventista, alinhada às proposições de Ellen White, o educador deve apresentar um posicionamento é um representante de Deus, um embaixador das verdades eternas, sendo necessário nesses termos que reflita sobre o papel que exerce na reconciliação do estudante com Deus. Segundo White (1903/1977), o educador atuaria como agente de transformação, equilibrado em suas ações, apresentando um perfil de busca contínua pelo desenvolvimento das

características que destacaremos nos parágrafos a seguir. De tal modo, o docente adventista deveria possuir/ser:

Imitador de Jesus: afirma-se que o educador deve agir com calma, bondade, paciência, simpatia, ternura, domínio próprio e humildade, pois para desempenhar esse papel é fundamental possuir tais características, contribuindo com o desenvolvimento de uma educação de qualidade, visto que se tem o entendimento de que sem tais traços o processo educativo dificilmente se consolidaria. Ao escrever sobre os professores Ellen White apontou para a necessidade de:

[...] estarem eles próprios debaixo da orientação do grande Professor, o qual declarou: “Aprende de Mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas”. Aprendendo então diariamente na escola de Cristo, podem educar as crianças e os jovens. Cultivando-se e dominando-se, sob a disciplina na escola de Cristo, entretendo viva ligação com o grande Mestre, terão conhecimento inteligente da religião prática; e, conservando a própria alma no amor de Deus, saberão exercer a graça da paciência e da suavidade cristã. A paciência, o amor, a longanimidade e a terna simpatia são postas em atividade. [...] Representam assim, aos estudantes sob sua instrução, o caráter de Jesus Cristo, em todos os tempos e ocasiões. Eles captam os brilhantes raios do Sol da Justiça e refletem esses preciosos raios sobre as crianças e os jovens a quem estão educando. (WHITE, 1872/1974, p. 268).

Senso da presença divina: é reconhecida a magnitude e os atributos divinos (onipotência, onisciência e onipresença), atuando-se em favor da comunhão com Deus através de oração e estudo de Sua Palavra. O professor deve se colocar como aprendiz de Cristo, cooperando com Ele na educação das pessoas. Para a efetivação de uma educação de qualidade é fundamental que o educador possua, além do conhecimento, a sabedoria, visto que precisa saber lidar com as mentes humanas:

Todo professor necessita de que Cristo habite em seu coração pela fé, e de possuir genuíno espírito de abnegação e sacrifício por amor a Cristo. O indivíduo pode ter suficiente educação e conhecimento nas ciências para lecionar; mas foi averiguado se ele possui tato e sabedoria para lidar com mentes humanas? Se os mestres não têm no coração o amor de Cristo, não se acham habilitados para serem postos em contato com crianças e para assumir as solenes responsabilidades colocadas sobre eles, de educar tais crianças e jovens. Eles mesmos carecem da educação e do preparo mais elevado e não sabem como lidar com mentes humanas. O espírito de seu próprio coração natural e insubordinado procura assumir o controle, e submeter o maleável intelecto e caráter das crianças a semelhante disciplina, equivale a deixar na mente cicatrizes e lesões que jamais se dissiparão. (WHITE, 1872/1974, p. 261).

Observa-se a partir dessa perspectiva, que o educador carrega grande responsabilidade no desempenho de suas funções, o que ultrapassaria a barreira de ter conhecimento, sendo necessário que possua em si a capacidade de ter empatia e respeito pelo educando, exercitando em si a presença divina. Conforme percebemos aqui o enfoque contempla os atributos ligados à religiosidade que deveriam ser manifestos pelo educador.

Sintonia com a proposta educacional adventista e com a sua filosofia: conhecendo e envolvendo-se com a filosofia e a proposta educacional, o professor deve observar e aplicar seus princípios formativos. Conforme White (1872/1974), orienta-se que os professores sejam sábios para desempenhar o trabalho nas escolas, capazes de sentir a responsabilidade de sensibilizar a mente dos alunos para a necessidade de conhecer a Cristo como um salvador pessoal. Portanto, a filosofia da escola estimula a comunhão dos professores com Deus, como algo essencial dentro do processo educativo. Como já citado a questão da religiosidade do educador é algo a princípio requerido dos funcionários, principalmente professores, os quais devem estar alinhados aos fundamentos da proposta educativa da instituição. **Relacionamento interpessoal positivo:** deve-se buscar estabelecer um bom relacionamento com o educando, uma salutar relação interpessoal na qual as palavras produzam um efeito calmante, sem hostilidade. Percebemos que o documento exalta essa característica de bom relacionamento interpessoal, entendida como fundamental para que haja civilidade. Destaca-se ainda o cuidado com a sua saúde física e mental, para que o professor desempenhe suas funções de maneira equilibrada. O desempenho do papel de educador exigiria o compromisso com o próximo e com Deus, sendo esses fatores fundamentais dentro da educação confessional, assim como ações pautadas pela amorosidade, acolhimento, responsabilidade e respeito às diferenças, objetivando o alcance metas para aprimoramento da qualidade da relação ensino-aprendizagem. Ellen White orienta o educador nesse sentido:

[...] conservai vosso próprio espírito sob a disciplina de Jesus Cristo; aprendereis então a ter compaixão e simpatia para com os que estiverem sob vossa influência. Não vos mostreis impacientes nem ásperos; pois, se essas crianças não precisassem educar-se, não necessitariam das vantagens da escola. Elas devem ser paciente, bondosa e amorosamente ajudadas ao subir a escada do progresso, subindo degrau após degrau na

obtenção de conhecimentos. É uma instrumentalidade que opera diariamente que deve ser posta em exercício, uma fé que atua pelo amor e purifica a alma do educador. (WHITE, 1872/1974, p. 262).

Portanto, a autora destaca aos educadores a necessidade de guiar-se pela influência de Jesus em suas ações educativas, permeadas por compaixão e simpatia, fundamentais para que os alunos possam progredir em seu aprendizado, pois sem isso o aprendizado dificilmente se efetivaria. Aqui pode-se verificar o que menciona Bourdieu (2007a), ao afirmar que a religião impõe princípios de estruturação do pensamento acerca do mundo, ao estabelecer um sistema de práticas, o que fica evidenciado nas orientações de Ellen White, com relação à postura requerida ao educador.

Equilíbrio emocional: recomenda-se que o professor desenvolva a capacidade de controlar os sentimentos e atitudes, demonstrando domínio próprio, a fim de influenciar positivamente as demais pessoas, visto que sabendo controlar suas emoções, saberá educar sabiamente crianças e jovens, portanto é necessário ao professor que saiba gerenciar seus sentimentos, de maneira que possa proceder com a paciência necessária para que se construa um aprendizado de qualidade, motivando os alunos a aprender. Nesse âmbito, registram-se alguns apontamentos feitos por White (1872/1974):

[...] porque se as crianças erram e se portam mal, é tanto mais necessário que as pessoas colocadas sobre elas como professores sejam capazes de ensiná-las por preceito e exemplo. Em caso algum devem perder o domínio próprio, manifestar impaciência e aspereza, e falta de simpatia e amor; pois essas crianças são a propriedade de Jesus Cristo, e os professores têm de ser muito cuidadosos e tementes a Deus no tocante ao espírito que acariciam e às palavras que proferem, pois as crianças captarão o espírito manifestado, quer seja bom ou mau. Isto é uma pesada e sagrada responsabilidade. Requerem-se professores que sejam ponderados, que tomem em consideração suas próprias debilidades, deficiências e pecados, e que não sejam despóticos nem desanimem as crianças e os jovens. (WHITE, 1872/1974, p 269).

Portanto, espera-se que os professores apresentem uma postura centrada, na qual consigam trabalhar suas emoções diante dos desafios de educar seres humanos, os ensinando de maneira que se tornem um referencial a ser seguido. Nesse trecho podemos perceber que se requer do professor equilíbrio emocional, visto que está lidando com a formação de seres humanos, portanto a autora destaca

seu entendimento de que para que consiga desempenhar seus deveres o professor precisa estar em equilíbrio, pois de posse de uma boa saúde mental, seria mais capaz de gerenciar suas emoções, algo essencial para um convívio social saudável, e conseqüentemente uma maior qualidade na relação educativa, inclusive convertendo-se em estímulo para o aprendizado nos alunos.

Profissionalismo e aperfeiçoamento constantes: o professor deve agir com profissionalismo, assumindo a responsabilidade social na tarefa de educar, permeada por ética, imparcialidade, empatia, pontualidade, responsabilidade, tato, diligência e compromisso. Devendo o educador buscar conhecimento, visando o contínuo aperfeiçoamento, agindo com competência, colaborando para atingir os propósitos educacionais. Em acordo com Ellen White:

Deus quer que os professores em nossas escolas sejam eficientes. Se tiverem avançada compreensão espiritual, perceberão que é importante não serem deficientes no conhecimento das ciências. A piedade e a experiência religiosa jazem à própria base da verdadeira educação. Que ninguém julgue, porém, que para tornar-se um educador não é essencial nada mais do que ser fervoroso em assuntos religiosos. Ao passo que os mestres precisam de piedade, necessitam também de um completo conhecimento das ciências. Isto não só fará com que se tornem cristãos bons e práticos, mas os habilitará a educar os jovens, e terão ao mesmo tempo sabedoria celestial para conduzi-los à fonte de água viva. O cristão visa atingir as mais altas consecuições com o intuito de beneficiar os outros. O conhecimento harmonicamente misturado com o caráter cristão, tornará a pessoa realmente uma luz no mundo [...] Deus não quer que nos satisfaçamos com mente preguiçosa, indisciplinada, pensamentos obtusos, e memória fraca. Quer que todo professor seja eficiente, não se contentando, apenas, com certa medida de êxito, mas compreendendo sua necessidade de constante diligência em adquirir conhecimento [...] A maioria contenta-se, porém, com um míngua conhecimento, poucas consecuições, satisfazendo-se simplesmente em ser aceitável. Deus não passa por alto os ignorantes; se estes, porém, estiverem ligados com Cristo, se forem santificados por meio da verdade, estarão sempre adquirindo conhecimento. Mediante o exercitarem todas as faculdades para glorificarem a Deus, terão aumentado poder para fazê-lo. (WHITE, 1872/1974 p.119-120).

Essa busca por aperfeiçoar-se é fundamental para a profissão de educador, pois conforme White, para educar é necessário adquirir conhecimento constantemente. Mesmo se o professor tiver sua espiritualidade bem desenvolvida, isso apenas não bastaria, pois para se chegar à distinção como educador seria necessário estar em constante desenvolvimento intelectual, trabalhando ao máximo suas faculdades mentais. A autora destaca o profissionalismo e o aperfeiçoamento

requeridos ao docente, nos termos de sua dedicação na aquisição de conhecimento, a fim de aprimorar suas habilidades.

Aceitação dos limites e possibilidades do educando: ao professor caberia estudar e obter conhecimento profundo da natureza humana, conhecendo e compreendendo as necessidades dos alunos. Espera-se do educador entender que cada aluno possui seus limites e potencialidades, os quais devem ser enxergados e respeitados, tendo em vista as peculiaridades de cada um. Nesses termos, considera-se o ritmo particular da criança, e valoriza-se a ideia de que o professor deve contribuir atuando em situações que possam estimular a efetiva aprendizagem.

Uma vez apresentadas as características desejáveis ao educador, passa-se agora ao seu par no processo educativo, apresentando-se o **perfil desejável ao aluno**, a partir das proposições iniciais de White (1913/1975) e de seus desdobramentos na **Pedagogia Adventista** (2009). Para Ellen White o estudante deveria ser visto como um ser único, criado à imagem e semelhança de Deus, que se desenvolve física, psíquica, social, afetiva e espiritualmente de maneira peculiar. Portanto, compreende-se que a concretização do currículo ocorre no contexto levando-se em conta a identidade e a diversidade, que dizem respeito à existência de sujeitos com gênero, etnia, história de vida e ritmos de aprendizagem distintos, aspectos extremamente relevantes dentro do currículo.

Por meio da ação educativa, objetiva-se promover o desenvolvimento integral do educando, conforme diretrizes constantes da obra **Pedagogia Adventista** (CONFEDERAÇÃO..., 2009), que detalha algumas orientações de Ellen White relativas ao que se deseja desenvolver no aluno por meio do processo educativo, conteúdos que passam a ser apresentados em sequência nos parágrafos a seguir:

Aceitação de Deus como Criador e Redentor: recomenda-se conhecer, amar, obedecer e desenvolver um relacionamento pessoal com Deus, permitindo que o Espírito Santo atue na vida. Segundo a visão de White, o ser humano precisa se reconciliar com Deus, e para isto é necessário entender e aceitar Deus como pai e redentor. **Caráter íntegro:** na construção de valores bíblico-cristãos, espera-se que o educando desenvolva tal caráter, contribuindo para o exercício de sua cidadania. White apregoava que o mundo necessita de pessoas que sejam verdadeiras e honestas, guiadas por uma boa consciência, que lhes sirva como bússola. (WHITE, 1903/1977). **Equilíbrio emocional:** deseja-se que o aluno seja

capaz de dominar suas emoções, atitudes e julgamentos, contendo seus impulsos e agindo com sabedoria em diferentes circunstâncias da vida.

Na instrução da juventude, deve explicar-se bem o efeito dos desvios aparentemente pequenos daquilo que é reto [...]. Estabeleça-se, cedo na vida, o hábito do domínio próprio. Que se impressionem os jovens com o pensamento de que devem ser senhores e não escravos. Deus os fez governadores do reino que há dentro deles, e devem exercer sua realeza ordenada pelo Céu. (WHITE, 1903/1977, p. 204).

Nessa perspectiva, busca-se que o educando seja ensinado a dominar suas emoções desde muito jovem, entendendo que é apto a gerenciar suas questões afetivas. A ideia de gerir a si mesmo é trazida pela autora nos termos do alcance do equilíbrio e da moderação, a fim de que se aprenda a focar naquilo que é essencial. Para White, não desenvolver a capacidade de refrear os instintos afetaria a si e ao próximo de modo negativo, efetivando-se como um fracasso da razão e do bom senso.

Espírito crítico e reflexivo: deve-se trabalhar em favor da capacidade de pensar e agir diante de variadas situações, em busca constante do conhecimento, suscitando o espírito de investigativo e desenvolvendo a capacidade de escolha e tomada de decisões com base nos princípios bíblico-cristãos. White ressalta que uma educação de qualidade ensina os alunos desenvolver o espírito reflexivo, pois assim desenvolveriam um pensamento autônomo capaz de guiar suas decisões, a partir dos princípios orientados por Deus, exercitando dessa forma o seu juízo de valor. (WHITE, 1903/1977).

Atitudes criativas e autônomas: foi recomendado por Ellen White que fossem desenvolvidas as capacidades de criar, de agir e de escolher responsabilmente. Estimulando-se atitudes autônomas, pois elas auxiliariam na promoção da criatividade e na elevação da autoestima dos estudantes, um dos suportes para que sejam capacitados a agir sociedade. Verifica-se que, de modo amplo, as instituições de ensino têm o papel desenvolver para a sociedade indivíduos com tais capacidades, com vistas a que atuem coletivamente para o bem comum.

Conhecimento, experiência e valorização das leis da saúde: os saberes relativos ao cuidado com o próprio corpo são valorizados como proposta,

incentivando os alunos adotar hábitos saudáveis para a melhoria da qualidade de vida, agindo responsabilmente com a própria saúde. Dentro da filosofia adventista estimula-se o cuidado preventivo em relação a saúde, pois uma vez que o ser humano é considerado templo do Espírito Santo, cada pessoa deve cuidar de sua saúde da melhor maneira possível. Destaca-se, nesse sentido, o fato de que uma má

Construção e manutenção de relacionamentos saudáveis: trata-se de aprimorar a habilidade de relacionar-se harmoniosamente com o próximo, favorecendo o espírito cooperativo. Cultivar bons relacionamentos era um aspecto destacado por White como fundamental no processo formativo, com vistas à promoção de uma boa qualidade de vida, ancorada na construção de relacionamentos humanos saudáveis.

Comprometimento e responsabilidade com o ambiente em que está inserido: destaca-se a importância de posicionamentos frente aos problemas sociais e ambientais, com ênfase na responsabilização pelos próprios atos, contribuindo para uma melhor qualidade de vida no planeta. Nesse sentido, parte-se da premissa de que o humano é um ser social, e caberia a todos assumir responsabilidades em favor da preservação do meio ambiente, efetivamente uma missão compartilhada para o cuidado do planeta.

Desprendimento de si e serviço ao próximo: o trabalho em favor de outros é recomendado, com atitudes de solidariedade e de respeito ao próximo, posicionando-se conscientemente, responsabilmente e colaborativamente, como cidadão atuante no mundo, tendo como objetivo primordial o preparo para a “cidadania celestial”. Para Ellen White preparar para o serviço ao próximo dentro da sociedade era um dos objetivos da educação, portanto o conhecimento teria como finalidade ser útil não somente ao indivíduo que o adquire, mas também à sociedade como um todo que dele se beneficiaria.

A educação conforme entendida por White deveria ser permeada pela influência moral e religiosa, e Cadwallader (2006) destaca algumas das orientações educacionais presentes na obra de White, que sintetizam os princípios relativos a seus escritos sobre educação. Em síntese, a verdadeira educação seria cristã e fundamentada em princípios bíblicos, devendo ser prática, cultural e acadêmica,

visando preparar o educando para ser útil à sociedade. As normas educativas devem estar livres da tradição e da educação secular. Portanto, caberia à igreja a tarefa de educar todos os seus adeptos. O currículo deve ser prático, preparando o indivíduo para a vida em sociedade, sendo baseado nas necessidades dos estudantes, e planejado levando-se em conta os objetivos apresentados por White, recomendados a todos os líderes educacionais da denominação. É recomendado que a denominação opere o seu próprio sistema educacional, com o objetivo de treinar missionários, pregadores, professores e obreiros. A educação cristã deveria ser mais elevada que a média. Os professores deveriam ter espírito missionário, estando bem preparados academicamente e serem cristãos praticantes. Ainda, para White, a saúde seria um fator fundamental no êxito do estudante, que deveria comprometer-se com os princípios de saúde. A Bíblia deve ser considerada o livro mais importante em todos os níveis educacionais, com a verdadeira educação primando pelo desenvolvimento integral dos aspectos físico, mental, moral, espiritual, emocional, social e religioso.

Conforme podemos observar, Cadwallader (2006) destaca vários princípios educacionais, que estão presentes nas obras educacionais de White, norteando a educação adventista e servindo de alicerce ao seu sistema educacional. Complementarmente, verifica-se que Stencel (2006) apontou que White contribuiu notavelmente para o estabelecimento de uma filosofia sólida, que fundamentou e consolidou o sistema educacional adventista, enfatizando três áreas, que são seus fundamentos básicos: o desenvolvimento do caráter, o treinamento religioso, e a preparação de servidores denominacionais – portanto, uma filosofia entrelaçada à religião, objetivando integrar fé e razão.

3.3. A influência das proposições educacionais de Ellen G. White nas escolas adventistas brasileiras

A educação adventista é a segunda maior rede de ensino particular do mundo, em acordo Carvalho e Carvalho (2012), presente em 165 países, possuindo 112 faculdades, 7804 escolas (da Educação Infantil ao Ensino Médio), com mais de 90 mil professores e 1,8 milhão de alunos. Destaca-se que a primeira escola adventista no Brasil, o Colégio Internacional, iniciou em 1896, há 126 anos, em

Curitiba, Paraná, sob a direção de Guilherme Stein Jr. A partir do qual, o trabalho educacional cresceu, dando origem a outras escolas que foram implantadas no país, formando a Rede de Educação Adventista. A **Proposta Pedagógica** (UNIÃO SUL BRASILEIRA, 2019) e os **Referenciais Curriculares para o Ensino Fundamental da Educação Adventista** (DIVISÃO SUL-AMERICANA, 2019) trazem alguns dados contemporâneos importantes, referentes ao Brasil, em 2019, a saber a existência de: 470 unidades escolares, com 12 mil professores e 206 mil alunos. Além dessas unidades, mantém-se também 15 colégios em regime de internato, deles 7 oferecem desde a Educação Básica à Pós-graduação.

Conforme apresentado no primeiro capítulo, constatamos que à medida que a denominação se expandia pelo Brasil, a preocupação com a educação fazia com que se ampliasse o número de instituições escolares adventistas, que traziam consigo objetivos de difundir a cultura protestante, pela via de métodos educacionais modernos. Nos locais onde se instalavam as missões, abriam-se escolas e colégios que empregavam metodologias inovadoras, as quais contrastavam com as iniciativas governamentais, pois em vários locais havia carência de estabelecimentos educacionais de qualidade e os setores liberais da sociedade brasileira, ansiavam por novidades que trouxessem avanços em relação à prática educativa. Segundo Stencel (2006), após a proclamação da República acelerou-se a vinda dos protestantes para o Brasil, o que facilitou a vinda dos adventistas, que transitavam em diversos setores da sociedade, entre os quais o setor educacional.

Com a inserção das escolas adventistas, a filosofia educacional de White ganhou progressivamente espaço no Brasil, caracterizando-se por seu ideário alicerçado na cosmovisão bíblico-cristã, contemplando os princípios de transformação, de redenção e de construção do conhecimento. A considerar os princípios educacionais orientados por Ellen White, cabe analisar a apropriação ocorrida historicamente pelas escolas adventistas brasileiras, pois o desenvolvimento da educação adventista no país conservou algumas características do modelo inicial, entretanto certas orientações foram deixadas para trás. Ao tratar dessa questão, Menslin (2015) apresenta aspectos relevantes sobre o assunto, aos quais intitulou: Permanências e rupturas do ideário educacional adventista no Brasil, que discutiremos a seguir, pois há orientações de White que permanecem muito importantes na educação adventista brasileira.

A identidade filosófica alicerçada na base bíblico-cristã e nos escritos de White, é efetivamente expressa nos materiais produzidos pela instituição. A Igreja Adventista sendo a mantenedora do setor educacional da denominação, e possuidora de uma editora própria no Brasil, a utiliza para a produção dos materiais didáticos empregados em suas escolas. Isso devido à necessidade de ter materiais que estejam em sintonia com a visão bíblica, com a filosofia adventista e com as orientações dos escritos de Ellen White. Dessa forma, percebe-se que conseguem obter um maior controle sobre as ideias difundidas através dos livros didáticos. Visto que uma das grandes críticas de White era em relação à utilização de livros didáticos nas escolas adventistas que contrastavam com a filosofia da escola, trazendo ensinamentos que iam contra os ensinamentos bíblicos.

Outro aspecto apontado Menslin (2015), em relação às orientações de White, é o da **valorização da família no processo educacional**. Algo que permanece ainda hoje dentro das escolas adventistas brasileiras, White (1913/1975a) destaca a fundamental atuação familiar no processo educativo, ressaltando que a primeira escola seria o ambiente familiar, no qual haveria a construção do caráter, onde os pais os seriam os primeiros professores, e a criança aprenderia lições importantíssimas para toda vida:

Em sua sabedoria o Senhor determinou que a família seja o maior dentre todos os fatores educativos. É no lar que a educação da criança deve iniciar-se. Ali está a sua primeira escola. Ali, tendo seus pais como instrutores, terá a criança de aprender as lições que a devem guiar por toda a vida – lições de respeito, obediência, reverência, domínio próprio. As influências educativas do lar são uma força decidida para o bem ou para o mal. São, em muitos sentidos, silenciosas e graduais, mas, sendo exercidas na direção devida, tornam-se fator de grande alcance em prol da verdade e justiça. (WHITE, 1913/1975a, p. 107).

A autora assevera que a educação inicia desde cedo no ambiente familiar, quando a criança ainda é um bebê, atribuindo a importância do ensino de virtudes para a construção do caráter, o que, segundo ela influenciaria no sucesso para a vida e no progresso do aprendizado no ambiente escolar.

O papel do educador no sistema educativo segundo Menslin (2015), ainda segue alicerçado na base bíblico-cristã, em conformidade com os escritos de White. Ao verificarmos o papel do professor dentro do processo educacional adventista em

nosso país, pode-se observar que conserva em suas prescrições elementos de harmonia com as proposições de Ellen White:

Os professores de nossas escolas têm pesada responsabilidade a enfrentar. Devem ser em suas palavras e caráter o que desejam que seus estudantes se tornem: homens e mulheres que temam a Deus e obrem a justiça [...] Não somente os educarão nas ciências, mas os ensinarão a ter independência moral, a trabalhar por Jesus, e a assumir encargos em Sua causa. Professores, que oportunidades são as vossas! Que privilégio está a vosso alcance, de modelardes a mente e o caráter dos jovens sob os vossos cuidados! Que alegria não será para vós encontrá-los em redor do grande trono branco, e saber que fizestes o que pudestes a fim de habilitá-los para a imortalidade! (WHITE, 1913/1975a, p. 48).

Ainda dentro da educação adventista o professor deve desempenhar o papel de não apenas ensinar valores e contribuir para aquisição do conhecimento, espera-se mais que isso, pois entende-se que a educação é um fator que pode ser utilizado no processo de restauração do ser humano, de religação dele com Deus. O que vem ao encontro de outros fundamentos, reforçados por White em suas publicações educacionais, que permanecem até hoje, sendo esses a intencionalidade no processo educacional, com o intuito de conservação da fé e a visão do ser humano de maneira integral.

Outras questões importantes são **o desenvolvimento do caráter acima do intelecto, e o serviço ao próximo e a Deus**, conforme destacados por Menslin (2015), ao avaliar as continuidades na tradição da educação adventista. Ambas propostas estão presentes como prescrições contemporâneas nas instituições escolares adventistas, o que é verificado em escolas brasileiras em virtude do privilégio dado ao trabalho com valores, como elementos estudados através dos conteúdos curriculares e extracurriculares, que incluem conceitos de religiosidade que visam tal transmissão.

Ainda, como ponto de continuidade a ser destacado na filosofia educacional adventista, Menslin (2015) apontou a **teoria criacionista como cosmovisão**, pois, o modelo educacional adventista se alicerça no relato bíblico da criação do mundo, descrito no livro de Gênesis e presente nas obras educacionais de White. O que é reforçado intencionalmente pela liderança educacional, através dos livros didáticos adventistas, que como princípio se baseiam e defendem o criacionismo.

Os princípios da pedagogia adventista dão conta que os escritos de Ellen White exercem, ainda atualmente, uma influência quase normativa para a filosofia da educação adventista, pois a sua posição inovadora para a época muitas vezes era conflituosa com seu grupo religioso, contrastando com a liderança da igreja, defendendo os princípios educacionais que afirmava ter recebido de Deus. (MELLO, 2019). É interessante ressaltar que o objetivo primeiro de White não era o de atrair alunos não adventistas para evangelizá-los:

No que concerne à educação, essa pesquisa não encontrou em White, nenhuma indicação de que a escola adventista tenha sido estruturada para ser uma agência evangelizadora (no modelo centrípeto como em Israel) para atrair alunos não adventistas, a fim de evangelizá-los. Porém, seria um lugar onde os filhos e filhas de adventistas deveriam ser preparados para os dois objetivos centrais da educação adventista, dentre os quais está o serviço ao próximo, que inclui não apenas a satisfação das necessidades ordinárias e comuns das pessoas, mas também de levar-lhes o conhecimento da salvação, como resultado de o próprio aluno ter conhecido a Cristo como salvador pessoal. (MELLO, 2019, p. 73).

A preocupação educacional adventista no Brasil, assim como nos Estados Unidos, a princípio visava o atendimento de um perfil discente de filhos dos membros da denominação, objetivando preparar missionários a serviço da igreja, embora isso não fosse uma condição para matriculá-los na escola, conforme nos aponta Menslin (2015). Possibilitou-se, com o passar do tempo, o atendimento a um público que não fazia parte do grupo religioso, o que, parcialmente, foi um dos fatores que levaram a algumas rupturas no ideário educacional idealizado por White, visto que houve a necessidade de adequação à clientela, que era em grande parte a responsável pela subsistência daquele sistema educacional. Nesse sentido, ao se analisar o processo de expansão educacional adventista no Brasil, percebe-se que o perfil discente se distanciou do idealizado a princípio, tendo progressivamente aumentado a cada dia o percentual de alunos não adventistas, chegando-se a 76% de alunos de outras raízes religiosas.

Embora a instituição estivesse preocupada com a diminuição do percentual de alunos adventistas em seu quadro discente, a expansão do número de escolas e o aumento do número de alunos demonstravam que para crescer era necessário ter recursos financeiros que gerassem meios de adquirir novas áreas e construir novos prédios. E esses recursos advinham da mensalidade dos alunos. Para que o processo de crescimento fosse viável foi necessário abrir as portas das escolas e colégios para os alunos

adventistas e não adventistas, tornando-a uma escola plural e heterogênea. (MENSLIN, 2015, p. 167).

Mesmo sendo uma escola confessional, o funcionamento dela não estaria centralizado nos alunos adventistas, visto que a grande maioria não pertenceria à denominação. Fato atribuído parcialmente pela escola ter diminuído o atendimento filantrópico, direcionado aos alunos adventistas que não podiam arcar com os custos das mensalidades, com isso ocorreu a diminuição desse número de estudantes, visto que não se contava mais com os projetos que financiavam o pagamento das mensalidades.

Ao tratar do Brasil, Menslin (2015) afirma que ocorreram rupturas em relação ao ideário educacional de White. O autor utiliza o termo no sentido de evidenciar a separação ou a quebra, ocasionada pela descontinuidade de alguns ideais educacionais primordialmente concebidos. São destacados por ele alguns pontos fundamentais, os quais apresentamos e discutimos nos próximos parágrafos.

O afastamento administrativo da igreja nas decisões escolares: a escola deixa de ser paroquial no início dos anos 1970, quando fazia parte das decisões administrativas. Quanto a essa questão trazida pelo autor, a princípio quando a rede educacional era menor, na maioria das vezes, a escola funcionava praticamente ao lado da igreja, mas à medida que o grupo educacional foi se expandindo, houve a separação nas questões administrativas, devido à proporção que tomou o sistema educacional adventista. Com isso a igreja passou a não participar diretamente das decisões escolares relativas à administração, entretanto quanto às questões filosóficas, devido a igreja ser mantenedora da escola, seguia influenciado fortemente as decisões.

A mudança no perfil dos gestores da escola: a administração escolar passa a considerar a administração empresarial. Essa questão apontada por Menslin (2015) é muito importante, ao se comparar o que ocorria nas escolas adventistas brasileiras, antes o comum era que a gestão da escola fosse feita por pastores da igreja, ou outros líderes da denominação. Muitos dos quais não tinham formação na área da gestão educacional, porém ainda assim a igreja preferia agir desta forma, do que entregar a administração da escola nas mãos de um gestor que não conhecesse a igreja. A considerar isso, a igreja passou a se preocupar com a

formação adequada, e a partir da década de 1970 o Departamento de Educação da União Sul Brasileira da IASD, começou a conceder bolsas de estudos, objetivando qualificar os gestores das escolas na área educacional:

Sobre a qualificação dos gestores, o Boletim de informações do departamento de educação UBS - Ano I - nº 2 de março/abril de 1974 revela que existia um plano de concessão de bolsas de estudos de graduação para professores que já trabalhavam na educação adventista e que poderiam atuar, em outras áreas inclusive a de gestão. (MENSLIN, 2015, p.156).

Outro fator que fez com que houvesse mudança no perfil foi o crescimento da Rede Educacional que ocasionou a falta de gestores para suprir a quantidade de escolas, com isso, os diretores que assumiam tinham formação educacional não adventista, o que os distanciava da filosofia da escola.

O distanciamento geográfico entre escola e igreja: a demanda por novas instalações, progressivamente distanciou a escola não apenas administrativamente, mas também geograficamente da igreja. Quando analisamos a questão do distanciamento geográfico, podemos perceber, por exemplo, na cidade de Ponta Grossa, no estado do Paraná, o Colégio Adventista, que funcionava desde 1952 ao lado da Igreja Adventista Central, porém com o aumento da demanda de alunos, houve a necessidade de instalação em um espaço mais amplo, o que tornou a escola mais atrativa e competitiva no ramo educacional. Em 2020 foi inaugurada uma nova sede para escola na cidade, distante geograficamente da igreja. A antiga escola atendia 434 alunos do ensino infantil ao nono ano do ensino fundamental. Já a nova tem capacidade para atender até 1.350 estudantes.

O novo perfil docente: as contratações de professores deixaram de ser incumbência da igreja, que absorvia os profissionais pertencentes à própria denominação. Devido à expansão do número das escolas e a falta de professores adventistas, abriu-se espaço para outros profissionais, flexibilizando-se a orientação primária de White, que recomendava o professor cristão adventista.

O novo perfil discente: os alunos adventistas passaram a ser minoria dentro das escolas que a princípio seriam destinadas a eles, alunos de outras matrizes religiosas tornou-se a maioria, que gradativamente foi aumentando, chegando a cerca de 76% dos estudantes, conforme apontado por Menslin (2015), que utilizou

como fonte o Boletim de Informações de Educação, do próprio departamento da instituição.

A escola com modelo empresarial: a rede educacional adventista passou a adotar o modelo empresarial, devido à necessidade de expansão, visando o resultado financeiro para ampliar e investir em outros projetos e aberturas de novas escolas.

Tais assinalamentos destacam que apesar do estabelecimento do ideário educacional adventista servir como estratégia de transmissão dos princípios religiosos vividos na comunidade, visando a proteção das influências da visão secular de mundo, a adequação e manutenção da escola dentro do mercado educacional privado ocasionou um distanciamento da proposta educacional de White. Por sua vez os fatores que conservaram as orientações educacionais de White dentro da educação adventista, estariam ligados à filosofia e à proposta pedagógica, fundamentados em seus escritos, que apresentavam inovações para a época, mas que não foram criados por ela:

Contudo é necessário frisar que os conceitos educacionais de White não eram inéditos, já que outras denominações defendiam os mesmos ideais educacionais alinhados através de uma perspectiva cristã de educação. O que se destaca na visão whiteana é a unidade de pensamento, pois os mesmos se mantiveram durante todo o período em que influenciou e orientou a construção desse ideário. (MENSLIN, 2015, p. 178).

Apesar de terem ocorrido mudanças ao longo dos anos na educação adventista, que buscaram torná-la competitiva dentro do mercado educacional, ocasionando abandono de alguns dos princípios educacionais orientados por White, concorda-se com Menslin (2015) ao dizer que a denominação cumpriu com a proposta inicial de Ellen White, que objetivava o preparo de jovens missionários e a conservação dos princípios religiosos denominacionais. Percebe-se, assim que na educação adventista houve elementos de conservação e manutenção das raízes filosóficas primárias entrelaçadas ao seu ideário educacional, mantendo-se os objetivos educacionais de White, especialmente os que visavam o desenvolvimento integral do indivíduo nos aspectos mental, moral (espiritual), físico e social, exaltando Deus como fonte de todo o conhecimento, com uma identidade filosófica baseada na visão bíblico-cristã. Isso dentro de um processo de ensino-

aprendizagem que busca estimular os educandos a serem autônomos, pensando e agindo com clareza de pensamento.

Segundo Schunemann (2009), parte considerável das grandes redes de ensino do Brasil é composta por escolas particulares confessionais, que exercem um papel importante na formação da mentalidade brasileira já há muitas décadas. Existe, inclusive, a presença da educação confessional “fundamentalista”, que pode ser definida como um movimento ou visão religiosa que reage contra a considerada cultura secular, buscando formar uma contracultura, caracterizada por oposição às práticas laicas. Schunemann (2009) diferencia uma escola confessional geral de uma confessional fundamentalista da seguinte forma:

As primeiras ensinam valores religiosos, mas envolvem-se também nas questões sociais, usam uma linguagem educacional comum e apresentam livremente os conteúdos propostos para a educação pública. As fundamentalistas, porém, não se restringem ao ensino de seus valores religiosos, mas, [...] passam todas as informações a partir de sua visão, mantendo um posicionamento distante e até contrário a vários aspectos sociais. Compreender essa diferença é fundamental, para perceber a singularidade da educação fundamentalista [...]. Quando a escola confessional fundamentalista se propõe a construir uma visão unitária e harmônica do saber, no qual a prioridade é a defesa de valores particulares e não a compreensão e aceitação da pluralidade de opiniões, surge um importante questionamento, de até que ponto essa educação tão particular entra em conflito com a visão geral [...] a natureza social da educação impõe um prejuízo àquele que tenta educar de forma particular os seus. A educação fundamentalista, tal como exemplificado neste estudo, pela proposta da educação adventista, se encaixa bem em uma forma particular de educação. A particularidade não está em ensinar suas crenças religiosas, mas forçar uma leitura de todos os conteúdos e só permitir práticas que possam reforçar na mente do educando a superioridade do pensamento adventista na compreensão do mundo. Ele pretende desenvolver sujeitos afinados com seus valores e que rejeitem a sociedade em geral, vendo-a apenas como um campo missionário. (SCHUNEMANN, 2009, p. 91).

Se por um lado as ideias educacionais de White repercutiram na educação trazendo avanços, por outro lado a rigidez dessas raízes filosóficas pode ser um fator que lhe seja prejudicial.

Conforme Silva (1988), a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) exerce um grande controle ideológico, maior do que as demais igrejas protestantes, que claramente é percebido em seu sistema educacional. Segundo Schunemann (2009), esse controle ganha evidência a considerar o fato da rede adventista de educação representar mais da metade das escolas protestantes no Brasil, e ser uma das mais

presentes no nível básico de educação, conservando o fundamentalismo, no qual exerce grande controle ideológico sobre a difusão da informação internamente, tanto na denominação como na educação. A filosofia adventista de educação baseia-se nos escritos de Ellen White e, na avaliação de Schunemann (2009), tais ideias poderiam estar sendo aplicadas sem levar em conta o contexto da época em que foram escritos, conforme salienta:

Como movimento fundamentalista, a IASD faz uma leitura literal da Bíblia e, também, dos escritos de Ellen White. Desta forma, pode-se afirmar que para muitos educadores adventistas a filosofia educacional consiste em uma coleção de regras e conselhos retirados dos escritos de Ellen White, quase sempre desconhecendo os problemas que ocorreram na época em que foram escritos. [...] Assim, podemos perceber que ocorre uma leitura descontextualizada e cada vez mais ideológica dos seus escritos. (SCHUNEMANN, 2009, p. 78).

Um exemplo que ilustra o emprego dos escritos de Ellen White de maneira descontextualizada pela educação adventista ocorre na disciplina de Ciências. Ao se ensinar exclusivamente a perspectiva criacionista, sobre o princípio do universo, deixa de lado a teoria evolucionista, a qual é efetivamente discutida nas demais redes educacionais. Dessa forma, estaria limitando o aluno a apenas uma perspectiva, o que os deixaria em desvantagem em relação aos demais, pois não saberiam defender seu posicionamento advindo da reflexão sobre o contraditório, ocasião que seria propícia para o enfrentamento das razões opostas à sua, buscando derrubar as perspectivas antagônicas e sustentar seu posicionamento. Conforme Schunemann (2009), a filosofia educacional adventista está vinculada diretamente aos interesses da Igreja, sendo bem perceptível a presença da ideologia religiosa, expresso no material didático utilizado nas escolas e no cotidiano escolar, marcado pela presença constante e marcante da religião. Como exemplo há uma programação em determinadas semanas no ano, consideradas especiais, sobre a Bíblia, sobre o Criacionismo e o Espírito de Profecia – este último, considera Ellen White como profetisa da igreja –, com o objetivo de divulgar os assuntos de interesse da IASD, como podemos verificar a seguir:

Há, além disso, uma grande presença de aulas de Ensino Religioso. O currículo das instituições analisadas oferece o mesmo número de aulas de Religião e de Língua Portuguesa. Várias escolas também reservam um tempo para as crianças fazerem o ano bíblico escolar em algum momento

das aulas, em especial nas séries iniciais. A presença de conteúdos religiosos não fica restrita apenas ao âmbito das aulas de religião. A análise do material didático demonstra o que significa na prática a ideia de integração fé ensino. Até a década de 1970, o único material didático preparado pela própria igreja era o de ensino religioso. Nessa época, o uso de livros didáticos não-adventistas passaram a ser percebidos como uma ameaça ao ensino adventista, principalmente pelas referências à Evolução e, também, porque havia histórias “ímorais” nos livros de ensino de língua portuguesa. (SCHUNEMANN, 2009, p. 84).

A partir das preocupações da igreja com os livros didáticos que estavam sendo utilizados na escola, tomou-se a decisão de que a própria denominação se responsabilizaria pela produção de todos esses materiais das áreas do ensino. Com isso, a Casa Publicadora Brasileira (CPB) foi incumbida da publicação destes livros didáticos, orientados pela filosofia adventista de educação. Segundo Carvalho e Carvalho (2012, p. 84): “A publicação de livros didáticos vem como resposta à necessidade de ter livros que sejam produzidos com a ênfase filosófica educacional adventista, bem como por tabela, deixar de fora livros que exaltassem o evolucionismo”. O que claramente demonstra a intenção de ensinar a doutrina adventista em todos os aspectos, em busca de fazer frente ao pensamento evolucionista. Schunemann (2009) também faz uma análise sobre a intencionalidade do livro didático na escola adventista: “O termo que se tem utilizado é formar uma ‘cosmovisão adventista’ ou ‘integração fé-ensino’. A análise desses livros didáticos propicia uma clara compreensão do papel de como é inculcada a mentalidade adventista nas crianças”. (SCHUNEMANN, 2009, p. 84).

Diante dessa perspectiva, nota-se várias intervenções que são feitas nos livros didáticos buscando reforçar a doutrina criacionista, durante os estudos dos seres vivos, o mesmo ocorrendo em outros livros, como quando se trata por exemplo das questões de higiene:

No livro da sétima série, na parte sobre higiene, é dito que Moisés recebeu os princípios de higiene de Deus e que as leis levíticas são princípios de higiene. A complexidade das leis levíticas é reduzida a uma interpretação moderna e adventista de que elas seriam leis de higiene e saúde. A importância dessa parte é demonstrar que a Bíblia foi revelada por Deus, pois ela anteciparia conhecimento que só hoje foi descoberto pela ciência. Na parte de saúde do mesmo livro, os autores se valem de citações de Ellen White para condenar a masturbação, na parte referente à sexualidade, como uma ameaça à saúde. Os livros didáticos de Ensino Religioso seguem um modelo totalmente dogmático no qual os conteúdos bíblicos são apresentados apenas na visão adventista. Em especial para ilustrar a

formação de uma visão bíblica associada a outras áreas do conhecimento [...]. (SCHUNEMANN, 2009, p. 86).

Concordamos parcialmente com o autor, pois isso ocorria de fato, mas após verificar os livros didáticos do 6º ano, de Lessa (2019) e de Silva (2019), utilizados no ano letivo de 2022, foi possível observar que ambos embora ainda tenham os fortes traços da sua filosofia, como princípios norteadores, reviram alguns posicionamentos, onde havia a grande rigidez citada por alguns autores neste trabalho, como a negação da cultura secular. Os livros anteriores limitavam o aluno apenas à perspectiva que concordava com sua filosofia. A política educacional adventista contemporânea busca expor em seus livros didáticos uma maior flexibilidade de currículo, no sentido de apresentar aos alunos outras visões que não apenas a sua, acerca do conhecimento que a ser adquirido. Percebe-se isso, inclusive, nos livros didáticos de História que apresentam as diversas culturas e crenças. Com isso, instrumentaliza-se os alunos para se posicionarem diante das situações que irão enfrentar, porém a escola não deixa de firmar a sua perspectiva como sendo a verdadeira, mesmo apresentando as outras visões.

Assim, ao trabalhar com o livro didático na visão adventista, o professor acaba por assumir o papel de enfatizar a posição da denominação, a defendendo ao abordar o tema, sob ponto de vista da igreja, o que consta como obrigação presente no **Código de Ética do Professor Adventista**, documento produzido pela IASD nos Estados Unidos em 1996 e divulgado nas escolas adventistas no Brasil desde 1997. Schunemann (2009) destaca nesse documento os seguintes itens que caberiam aos professores:

Procurar conduzir cada aluno, sob nossa influência, a Jesus Cristo, único Salvador e a Sua comunidade, a Igreja. (Artigo 2 b). Promover um discurso responsável de diversos pontos de vista, respeitando o direito do aluno de assumir sua própria posição e animando-o a escolher a perspectiva adventista. (Artigo 4b). Estes dois tópicos ilustram que o dever do professor adventista é conduzir os alunos filhos de pais adventistas ou não a se tornarem membros da IASD e a aceitar sua visão de mundo. (SCHUNEMANN, 2009, p. 87).

Conforme Schunemann (2009) apesar de se pregar o respeito à posição do aluno, o verdadeiro objetivo educacional adventista seria a aceitação dos valores da IASD, no qual o cotidiano escolar é fortemente marcado pela mentalidade adventista

em todas as atividades, buscando-se ensinar o conhecimento secular de modo a encaixá-lo no conceito adventista e conseqüentemente nas orientações filosóficas de Ellen White. Percebe-se que a educação adventista, sendo fundamentalista (SCHUNEMANN,2009), pretende difundir a sua visão de mundo dentro do cotidiano escolar, evidentemente que como um sistema educacional confessional tentará conservar as suas raízes filosóficas, que são alicerçadas na Bíblia e nos escritos de Ellen White.

Apesar de algumas reflexões críticas que foram levantadas e que contribuíram para as nossas discussões, é importante assinalar que White procurou promover uma educação focada no desenvolvimento do pensamento reflexivo dos estudantes em busca de torná-los pensadores e não apenas refletores do pensamento alheio em busca de produzir seres humanos fortes, que saibam pensar e agir, que tenham clareza de pensamento, e coragem em suas convicções, conforme a própria autora aponta em suas publicações na área educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ellen White foi uma das pioneiras e liderança da Igreja Adventista do Sétimo Dia – IASD, destacando-se na implantação dos princípios educacionais, expressos em suas produções escritas voltadas à educação, as quais serviram de base para a filosofia educacional adventista. Conforme discutimos, White inicialmente era integrante do movimento milerita, formado por membros de várias denominações religiosas liderados por Guilherme Miller, que congregou muitos discípulos, ao pregar que Cristo retornaria em 22 de outubro de 1844 para resgatar seus fiéis, o desapontamento ocorrido na data gerou uma cisão no movimento.

Esse foi um marco decisivo no início da trajetória de Ellen White como líder religiosa de expressão, que soube aproveitar a oportunidade, para colocar-se à frente de uma nova denominação que nascia da decepção milerita, a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Com apenas dezessete anos, ainda solteira, ela alegou ter recebido visões enviadas por Deus, nas quais era explicado o que havia ocorrido na decepção que tiveram. Soube organizar o descontentamento daquele grupo em torno de um objetivo comum, posicionando-se, devido a perceber a necessidade de organizar essa demanda, assumindo assim uma função de destaque. Despontava então, uma mulher, como uma liderança em um novo movimento religioso protestante, nos Estados Unidos do século XIX.

Compartilhar as visões que alegava ter recebido de Deus, auxiliou na superação da frustração que o seu grupo religioso havia sofrido, e o posicionamento assumido por White, como pretensa mensageira de Deus, trouxe legitimidade para seu discurso religioso, contribuindo para a sua aceitação como profetisa, aliviando assim o grupo de responsabilidades, visto que estariam sendo guiados por mensageira de Deus. Comportamento que, segundo Freud (1921/2011), pode ser explicado devido ao ser humano frequentemente, procurar ser conduzido por outrem a fim de mitigar seu mal-estar, numa dinâmica de projeção ligada às figuras e autoridade.

Após assumir seu posicionamento como profetisa da igreja, foi adquirindo em seu meio um capital simbólico e social, naquele campo religioso, pois levava aos seus, palavras de conforto e orientações que serviram de base para a filosofia da sua igreja e, posteriormente, para a filosofia educacional da denominação. Após

casada Tiago White, percebe-se que ele também passa a possuir capital social e simbólico, sendo ambos respeitados naquele campo religioso. Intensificando suas produções literárias, Ellen White destaca-se como uma das escritoras mais atuantes em seu meio, tendo escrito mais de 5.000 artigos e 49 livros – incluindo-se compilações de seus manuscritos, chegam a mais de 150 livros – com uma variedade de tópicos, quais sejam: religiosos, educacionais, da saúde, de relações sociais, de nutrição e administração, publicados em cerca de 150 idiomas. (CENTRO DE PESQUISAS WHITE, 2022).

Já detentora de um capital social significativo, White mantinha uma rede de relações duráveis, sendo considerada uma autoridade religiosa em seu meio, e ao longo de sua vida ocupou posições importantes, transitando em diversos campos sociais. Apesar de possuir capital cultural e simbólico, não possuía formação acadêmica, pois no contexto em que viveu, a formação acadêmica era de acesso restrito, especialmente em se tratando de mulheres.

No presente trabalho destacamos a sua trajetória, onde pudemos contemplar seus dados biográficos, como vida familiar, formação, inserção junto ao campo religioso, produção intelectual, capitais cultural, social e simbólico, o que nos possibilitou discutir como a autora exercia sua influência para mobilizar o grupo religioso em seu favor. O enfoque principal, visou analisar a produção educacional de Ellen White, com a seleção das obras pertinentes, examinando como suas proposições impactaram o modelo de ensino estabelecido na pedagogia adventista. Abordamos os princípios educacionais orientados pela autora, nos aprofundamos nos objetivos, no currículo, no perfil do educador e na proposta formativa para o aluno, o que nos possibilitou a compreensão sobre a repercussão e implementação da Educação Adventista, principalmente quanto à apropriação histórica ocorrida nas escolas adventistas no Brasil, pois os pressupostos filosóficos educacionais do sistema educacional adventista fundamentaram-se nos escritos de White.

A escritora realizava as suas publicações em áreas diversas, com muitos escritos sobre religião e sobre saúde por exemplo, mas ao se tratar de educação, demorou-se cerca de 30 anos para fazê-lo, iniciando com o artigo **A devida educação** (WHITE, 1872/2009), que integra o volume 3 da coletânea de livros chamados **Testemunhos da igreja** (1872/2009), e é considerado um dos documentos norteadores da educação adventista. Também se destacam na sua

produção educacional as obras **Conselhos sobre Educação** (1889/1968); **Fundamentos da Educação Cristã** (1872/1974); **Educação** (1903/1977); **Conselhos a Pais, Professores e Estudantes** (1913/1975a); **Orientação da criança** (1900/1954). As quais, em língua portuguesa, foram publicados pela Casa Publicadora Brasileira – CPB, editora pertencente à Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Esta dissertação examinou como as publicações de Ellen White sobre educação foram fundamento para a construção da rede de ensino adventista, impulsionando a criação de escolas, pois ela conseguiu apresentar e trazer propostas para a formulação da Educação Adventista, a qual praticamente inexistia antes da atenção e da atuação dela e de seu esposo Thiago White, para com a construção de um projeto de educação dos filhos dos membros da denominação. Ao desdobrar-se essa constatação, verifica-se que princípios filosóficos trazidos por White em seus escritos sobre educação, foram apropriados historicamente dentro das escolas adventistas no Brasil, conservando-se algumas características do modelo inicial, mas outras orientações foram abandonadas.

Dentre os princípios que foram apropriados e ainda permanecem temos a identidade filosófica alicerçada na base bíblico-cristã, na qual a educação tem um papel restaurador, priorizando aspectos como: a natureza do ser humano; o propósito de Deus ao criá-lo; a condição humana ao ter entrado em contato com o mal; e o plano de Deus. Esses aspectos são claramente percebidos, tendo forte presença dentro do sistema educacional da denominação. Outro aspecto apontado, presente nas orientações de White, é a valorização da família no processo educacional, claramente estimulado nas escolas adventistas brasileiras, o que é defendido por White (1913/1975a) como algo fundamental, pois seria um ambiente fundamental na construção do caráter. É ainda destacada a importância do papel do educador no sistema educativo que, na visão de White, deve não apenas ensinar valores e contribuir para aquisição do conhecimento, mas também utilizar a educação como fator de restauração do ser humano e religação desse com Deus, questão muito abordada por White em suas publicações educacionais e atualmente um dos pontos chave na filosofia educacional adventista.

Entre as orientações de White incorporadas pela escola da denominação no Brasil, estão o desenvolvimento do caráter acima do intelecto, assim como o serviço ao próximo e a Deus. Propostas reforçadas nessas instituições, por meio do trabalho

com valores em conteúdos curriculares e extracurriculares, de modo articulado a conceitos do campo religioso. Permanece também a teoria criacionista como cosmovisão no modelo educacional adventista, embasada no relato bíblico da criação do mundo, e reforçada como verdadeira, mas a teoria evolucionista também é trabalhada contemporaneamente, entretanto apresentada apenas com o intuito de mostrar outra visão, a qual nos termos adventistas seria equivocada. Percebe-se que nos princípios presentes no ensino adventista, os escritos de White exercem influência quase normativa, ainda atualmente. Vale retomar que à época de sua elaboração, as propostas de White tinham traços de inovação, fato que muitas vezes gerava conflitos com outros líderes da igreja, que dela discordavam.

No Brasil, conforme discutimos na parte final deste trabalho, alguns ideais educacionais primordialmente idealizados por White foram deixados de lado, tais como: o afastamento administrativo da igreja nas decisões escolares, pois à medida que a rede de escolas se expandiu, foram separadas as questões de gestão das questões educacionais. Então, a igreja deixou de participar das decisões escolares administrativas, mas não das questões filosóficas, pois nessas seguiu influenciando fortemente as decisões. Com isso, percebe-se que a orientação de Ellen White para que a igreja administrasse a escola, fora deixada de lado no país; efetivamente, a administração no estilo proposto por White ocorreu apenas no período em que a rede seguia o modelo de escola paroquial, posteriormente substituído. Essa ruptura em relação ao modelo inicial, ocasionou a mudança no perfil dos gestores da escola, que deixaram de ser geridas por pastores da igreja, ou outros líderes da denominacionais. Em face da falta de gestores capacitados para suas escolas, a partir da década de 1970, ocorreu por parte da igreja a concessão de bolsas de estudo, a fim de qualificar quadros adventistas para a função.

Verificou-se que o distanciamento geográfico entre escola e igreja foi ligado a demandas por novas instalações. Na cidade de Ponta Grossa-PR, por exemplo, isso é facilmente perceptível, pois o Colégio Adventista, que funcionava desde 1952 ao lado da Igreja Adventista Central, com o aumento da demanda, necessitou de novas instalações, para comportar um maior número de alunos em um espaço mais amplo e atrativo. As demandas contemporâneas também alcançaram as características indicadas no novo perfil docente, considerado pela rede de ensino como um todo, abrindo espaço para profissionais que muitas vezes não são adventistas,

flexibilizando-se assim a orientação primária de White, que recomendava o professor cristão adventista. O perfil discente também sofreu mudanças, pois a educação adventista a princípio tinha como público alvo os alunos ligados à denominação, que passaram a ser minoria dentro das escolas, enquanto os alunos de outras matrizes religiosas passaram a ser a maioria, cerca de 76% dos estudantes. Verificou-se, ainda, que a escola passou a adotar um modelo empresarial, devido à necessidade de expansão e retorno financeiro, para ampliar, investir em outros projetos e inaugurar novas escolas. Ainda, dentre os resultados da pesquisa, foi verificado que apesar do estabelecimento do ideário educacional adventista apresentar-se como estratégia de transmissão dos princípios religiosos daquele grupo, aspirando uma proteção das influências da visão secular de mundo, as adequações para que a escola se mantivesse dentro do mercado educacional privado, foram fatores de distanciamento da proposta educacional de White. Já os aspectos que mantiveram as orientações educacionais de White presentes na educação adventista, estão diretamente ligados à filosofia e à proposta pedagógica, fundamentados em seus escritos.

Houve muitas mudanças ao longo dos anos na educação adventista, alguns dos princípios educacionais orientados por White foram abandonados, entretanto a denominação cumpriu com a proposta inicial da autora, que ambicionava preparar jovens missionários, para auxiliar na conservação dos princípios religiosos denominacionais. Também a educação adventista conservou em si as raízes filosóficas primárias entrelaçadas ao seu ideário educacional, mantendo os objetivos educacionais de White, como os que buscam o desenvolvimento integral do indivíduo nos aspectos físico, mental, moral/espiritual e, baseada na visão bíblico-cristã, estabelecendo um processo de ensino-aprendizagem que busca estimular os educandos a terem autonomia. Percebe-se que a filosofia adventista da educação, com o intuito de evitar que as ideias White fossem aplicadas fora do contexto histórico, foi modificada em favor da adequação de alguns desses princípios, pois diante da pretensão de difundir a sua visão de mundo dentro do cotidiano escolar, adequar-se ao contexto contemporâneo brasileiro seria fundamental para a sobrevivência desse sistema educacional confessional, que prima pela conservação das suas raízes filosóficas, alicerçadas na Bíblia e nos escritos de Ellen White.

Numa avaliação ampla, entende-se que Ellen G. White foi uma intelectual que se propôs a sistematizar e fazer avançar os conhecimentos da Educação Adventista, para contribuir com as práticas educacionais, com o objetivo de entrelaçar educação à religião, propondo um desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e morais/espirituais, preparando o educando para o serviço nesse mundo e, conforme sua crença, no mundo vindouro. Atuou como um alicerce educativo, fundamentando as práticas em vários territórios, inclusive no Brasil, apresentou importantes premissas por meio de suas publicações na área educacional, as quais direcionaram a formação de uma Pedagogia Adventista, impactando assim o modelo de ensino de sua denominação. Contribuiu para o fortalecimento do grupo adventista, pois como uma das pioneiras e líder da Igreja Adventista do Sétimo Dia ajudou a formular a filosofia institucional.

Na medida em que Ellen White foi solidificando seu posicionamento dentro do campo religioso, conquistou um espaço privilegiado dentro da rede de poder no interior da igreja, sendo muito respeitada principalmente no campo educacional. Verifica-se que White foi uma intelectual que operou, especialmente, na fronteira do campo religioso com o educacional, ao formular ideias e proposições que tiveram um amplo alcance, impulsionando a fundação de muitos centros de saúde, centros educacionais e editoras adventistas. Por meio de seus estudos pessoais, de suas vivências religiosas e de sua produção escrita, edificou seus capitais cultural, social e simbólico, atuando como liderança na construção da base filosófica da igreja, e impulsionando também a construção da educação adventista, elemento que foi decisivo para a expansão da denominação como um todo.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, H. **History of the United States of America during the Administrations of Thomas Jefferson and James Madison**. New York: Library of America, 1891.
- ALVES, R. **Sentimentos, a Ciência do Existir**. Jacareí: Casa Publicadora Brasileira, 2021.
- ANDRADE, M. M. de. **Saldo Mais: um guia financeiro e prático**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.
- ANNUAL STATISTICAL REPORT. **Report of the General Conference of Seventh-day Adventists' Statistics, 2020 (v.2)**. Columbia Pike: Silver Spring, 2020.
- ATAIDES, D. A. A educação confessional face ao princípio da laicidade: uma análise da pedagogia adventista em Belo Horizonte. Belo Horizonte. 2011.114f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - UFMG/FAE, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2011.
- BELLOTTI, K. K. Alistando-se no invencível exército da página impressa – Cultura impressa adventista no Brasil no século XX. **Revista Topoi**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 48, p. 850-874, set./dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/2237-101X02204813> acesso me 25/04/2022.
- BÍBLIA. Bíblia Sagrada. Tradução Ecumênica da Bíblia. São Paulo: Loyola, 1995.
- BOURDIEU, P. **Campo intelectual e projeto criador**. In: POUILLON, J. (Org.). Problemas do estruturalismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. p. 105-145.
- BOURDIEU, P. A gênese dos conceitos de *habitus* e de campo. In: BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004a.
- BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004b.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191.
- BOURDIEU, P. **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva 2007a.
- BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007b.
- BOURDIEU, P. **Homo Academicus**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008a.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 9 ed. Campinas: Papyrus, 2008b.
- BOURDIEU, P. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2009.
- BORGES, M. **A Chegada do Adventismo ao Brasil**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000a.
- BORGES, M. **A mensagem – História do Adventismo e a sua chegada ao Brasil**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000b.

BORGES, M. **Vida e Saúde**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, ano 83, n. 11, nov. 2021.

BRASIL, Decreto Nº119-A, de 7 de janeiro de 1890. Diário Oficial da União. Prohibe a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em materia religiosa, consagra a plena liberdade de cultos, extingue o padroado e estabelece outras providencias. Rio de Janeiro, v. 1, p. 10, jan.1890.

CADWALLADER, E. M. **Filosofia Básica da Educação Adventista**. Engenheiro Coelho: Centro Universitário Adventista de São Paulo, 2006.

CAROLI, B. B. Abigail Adams. **Enciclopédia Britânica**, 18 de novembro de 2021. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Abigail-Adams>>. Acesso em: 31 maio 2022.

CANRIGTH, D. M. **Vida da Sra. E. G White Profeta Adventista do Sétimo Dia. Suas alegações falsas refutadas** New York: Jawbone Digital, 2013.

CARVALHO, F. de; CARVALHO D. de. A história da educação adventista no Brasil. **Acta Científica**, Engenheiro Coelho, v. 21, n. 1, p. 81-86, jan./abr. 2012.

CARVALHO, F. L. G. de. O ensino religioso no ensino superior da educação adventista: presença e impasses. São Paulo, 2012. 248 f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

CARVALHO, F. L. G. de. A educação adventista no Brasil: entre os fins do século XIX e início do XX. CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 11, 2013, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUC/PR, 2013.

CENTRO DE PESQUISAS WHITE. **Biografia de Ellen G. White**. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/>>. Acesso em: 28 mar. 2022.

CHARTIER, R. O mundo como representação. In: CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002. p. 61-79.

CORRÊA, M. E. L. O propósito dos adventistas: A transformação de uma ideologia religiosa em sistema educacional, sob a influência dos ideais liberais, e seu transplante para o Brasil, em Curitiba, em fins do século XIX e início do século XX. 2005. 153 f. **Dissertação** (Mestrado em educação) PUC/PR Curitiba 2005.

CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Pedagogia Adventista**. 2. ed. rev. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

CRES, E. P. N. Educação adventista: Entre relevâncias e possibilidades em um contexto plural. 2020. 193 f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Universidade de São Francisco, Itatiba, 2020.

DAMSTEEGT, P. G. **Foundations of the Seventh-day Adventist message and mission**. Grand Rapids: MichiganWilliam B. Eerdmans Publishing Company, 1977. Disponível em: <<https://m.egwwritings.org/en/book/949.2#10>>. Acesso em: 14 abr. 2022.

DARIUS, F. A.; PANCOTTE, R. P. Princípios educacionais em Ellen G. White. **Revista Kerygma**, v. 8, n. 1, p. 108–122, 2012. Disponível em: <<https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/121>>. Acesso em: 30 maio 2022.

DARIUS, F. A.; HOSOKAWA, E. Adventismo, o ideário liberal e a imprensa em São Paulo. In: TOMAZ, T.; FOLLIS, R. (Orgs.). **Os desafios da comunicação: temas e contextos do primeiro AdvetiCom**. Unaspres: Engenheiro Coelho, 2018. p. 305-333.

DE BENEDICTO, M.; BORGES, M. Um século de história. **Revista Adventista**, Tatuí, ano 101, n. 1, p. 8-13, jan. 2006.

DIVISÃO SUL-AMERICANA, Igreja Adventista do Sétimo Dia. **Referenciais Curriculares para o Ensino Fundamental da Educação Adventista**. Brasília: Casa Publicadora Brasileira, 2019.

DOUGLASS, H. **Mensageira do Senhor**: o ministério profético de Ellen G. White. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

DOSSE, F. **O Desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2022.

DOSSE, F. **La marcha de las ideas**: história de los intelectuales, história intelectual. Valencia: Universitat de Valencia, 2007.

FERREIRA, P. V.; SOUZA, R. M. de Q. Educação adventista: origem, desenvolvimento e expansão. **Revista Brasileira de História e Educação**, Maringá, v. 18, p. 1-17, 2018. DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhe.v18.2018.e001>.

FREUD, S. (1921). Psicologia das Massas e análise do Eu. In: FREUD, S. **Obras Completas, volume 15**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-113.

FONSECA, I. B. da. Análise dos escritos sobre educação de Ellen Gould White e a educação popular de Paulo Freire. 2015. 100 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana, 2015.

FRANÇA, G. Z. P. Educação Física Escolar: Reflexões e ações a partir da Filosofia Educacional Adventista. Piracicaba 2015. 84 f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba 2015.

FURTADO, K. W. K. Por uma teologia adventista dialógica: leitura das crenças fundamentais da 2020 Igreja Adventista do Sétimo Dia em perspectiva ecumênica e inter-religiosa. 2020. 370 f. **Tese** (Doutorado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020.

FURTADO, K. W. K. O surgimento interconfessional do movimento milerita e dos adventistas do sétimo dia **Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso. Caminhos do Diálogo**, PUC/PR, Curitiba, v. 7, p. 63-71, jan./dez. 2017.

GOMES, M. B.; SOUZA, S. de F.; LIMA, N. de. Raízes históricas, culturais e ideológicas do pensamento de Ellen G. White sobre romance ficcional e drama. **Revista ACTA Científica - Ciências Humanas**, São Paulo, v. 2, n. 11, p. 6-8, 2. sem. 2006.

GOMES, J. C. O. de B. Alguns princípios e propostas para o educador do século XXI à luz da obra de Ellen White, Paulo Freire e Edgard Morin. 2013. 107 f. **Dissertação**

(Mestrado em Educação) – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana, 2013.

GONÇALVES, S. Desafios de uma instituição confessional: Centro Universitário Adventista - UNASP. Piracicaba. 2009. 109 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2009.

GROSS, R. **Filosofia da Educação Cristã**: uma Abordagem Adventista. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

GROSS, R. A educação adventista no Brasil: Uma visão diacrônica. In: SUÁREZ, A. S. (Org.) **Manual do Educador: princípios para integrar a fé e o ensino-aprendizagem**. Engenheiro Coelho: Unaspress - Imprensa Universitária Adventista, 2015. p. 25-34.

HOBBSAWM, E. J. **A era das revoluções**: Europa 1789-1848. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

INTERSABERES, Editora (Org.). **Apontamentos sobre a história das igrejas cristãs e os livros proféticos da Bíblia**. Curitiba: InterSaberes, 2015.

KNIGHT, G. R. **Breve História dos Adventistas do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

KNIGHT, G. A dinâmica da expansão educacional: uma lição da História Adventista. In: TIMM, A. (org.). **A Educação Adventista no Brasil - Uma história de aventuras e milagres**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2004. p. 81-86.

KNIGHT, G. R. **Breve História dos Adventistas do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

LE BOULCH, J. **O desenvolvimento Psicomotor do nascimento até os 6 anos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

LECLERC, Gerard. **Sociologia dos intelectuais**. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

LESSA, R. Começo humilde. **Revista Adventista**, Tatuí, ano 101, n. 1, p. 2, jan. 2006.

LESSA, A. **Sistema Integrativo de Ensino. Ensino Fundamental. Arte. 6ºano. 1 ed.** São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2019.

LIMA, N. de. Os Movimentos Literários vistos de uma perspectiva cristã: uma abordagem no contexto do grande conflito. **Revista Escola Adventista**, Engenheiro Coelho, p. 32-36, 1. sem. 2002.

LINDHOLM, C. **Carisma êxtase e perda da identidade na veneração ao líder**. Rio de Janeiro: JZE, 1993.

LOBO, H. P. Abrindo Caminho. **Revista Adventista**, Santo André, ano 31, p. 3, fev. 1936.

LOYOLA, M. A. Campo Religioso. CATANI, Afrânio Mendes. (Org). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 93-95.

MACEDO, T. da C. B. Memória e religião: análise de aspectos discursivos do sistema educacional adventista no Brasil. 2018. 160 f. **Dissertação** (Mestrado em

Memória: Linguagem e Sociedade Instituição de Ensino) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2018.

MARTINS, E. B. Educação como obra missionária: A educação como instrumento de difusão da filosofia adventista. 2008, 108f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências da Religião) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP. 2008.

MAXWELL, M. **História do Adventismo**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1982.

MENDES, Alfredo P. A história dos nossos livros. **Revista Adventista**, Santo André, ano 45, n. 7, p. 4-8, jul. 1950.

MEDEIROS, A. Seitas, líder e identidade? Discutindo o Adventismo. **Revista Internacional d'Humanitats**, Barcelona, v. 44, p.79-90, set./dez. 2018.

MEDEIROS, A. Religiões e (des)caminhos: a Igreja Adventista do 7º dia. **Revista Internacional d'Humanitats**, Barcelona, v. 43, p.105-120, mai./ ago. 2018b.

MEDEIROS, A. Mileristas e Adventistas: o embrião histórico do Adventismo do Sétimo Dia. **International Studies on Law and Education**, Porto, 2019, v. 33, p. 107-118, set./dez. 2019.

MEDEIROS, A. Os escritos de Ellen Gould White Manipulação mental, controle comportamental e veneração do líder. 2019. 233 f. **Tese** (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2019.

MELO, W. G. Parâmetros da educação nos escritos de Ellen G. White implicações para o currículo e para a educação adventista na atualidade. 2019. 97 f. **Dissertação** (Mestrado em Teologia) – Faculdade EST, São Leopoldo, 2019.

MENDONÇA, A. G; VELASQUES FILHO, P. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990.

MENDONÇA, A. G. **O Celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: ASTE, 1995.

MENDONÇA, A. G. Protestantismo no Brasil: um caso de religião e cultura. **Revista USP**, São Paulo, n. 74, p.160-173, 2007. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.23169036.v0i74p160-173>.

MENSLIN, D. **Educação adventista 120 anos**: das escolas paroquiais a uma rede de ensino permanências e rupturas de um ideário educacional. Curitiba: DVK, 2015.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2015.

MUNHOZ, H. R. da. **Fragmentos da história intelectual**: entre questionamentos e perspectivas. Campinas: Papyrus, 2002.

MUNHOZ, J. N. A educação adventista por Ellen White. **Revista Relegens Thréskeia Estudos e Pesquisa em Religião**, v. 2, p.156-164, 2013.

NISTO CREMOS: as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tradução GRELLMANN, H. L. (Trad.). Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

PESQUISAS, Centro de. **Vida e obra de Ellen G. White**. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/>>. Acesso em: 28 mar. 2022.

REDE Adventista de Hospitais. **Somos um sistema de saúde com mais de 100 anos de atuação e mais de 700 unidades espalhadas pelo mundo**. Disponível em: <<http://hospitaisadventistas.com.br/#>>. Acesso em: 07 jul. 2022.

ROSOLEN, N. A bíblia é um documento histórico? **Uninter**. 17 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.uninter.com/noticias/a-biblia-e-um-documento-historico>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

SALES, G. G. P. A Faculdade Adventista de Educação – FAED (1973-1999): O Curso de Pedagogia e sua contribuição para a formação de professores no Brasil. 416f. 2019. **Tese** (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, São Paulo, 2019.

SALES, G. G. P. O protagonismo de Ellen G. White no Projeto Educacional Cristão Adventista no Brasil. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba, v. 20, n. 64, p. 462-479, jan./mar. 2020

SCHWARZ, R. W.; GREENLEAF, F. **Portadores de luz: História da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2009.

SCHEFFEL, R. M. A importância da imprensa. **Revista Adventista**, Tatuí, ano 101, n. 1, p. 16-17, jan. 2006.

SILVA, E. P. Governo Eclesiástico: a burocracia representativa da IASD. 1988. 234 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de São Paulo. São Paulo, 1988.

SILVA, H. R. da. O intelectual no campo cultural francês: do Caso Dreyfus aos tempos atuais. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 21, n. 34, p. 395- 413, jul. 2005.

SILVA, M. Penetração da Educação Adventista no Brasil. **Navegando Pela História da Educação Brasileira**. HISTEDBR, p. 20-35, 2005.

SILVA, F. A da. **Sistema Integrativo de Ensino. Ensino Fundamental Educação Adventista. Língua Português, História Geografia, Ciências, matemática. 6º ano**. 1 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2019.

SILVA, R. **Evidências**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2020.

SILVEIRA, L. G. G. Bourdieu e o papel de legitimação social do discurso filosófico sobre a autonomia da arte. 2015. 240 f. **Tese** (Doutorado em Filosofia Letras e Ciências Humanas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SIRINELLI, J. F. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. (Org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-269.

SKALINSKI JUNIOR, O.; TOLEDO, C. de A. A. de. A imprensa periódica como fonte para a História da Educação: Teoria e Método. **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, n. 48, p. 255-268, dez. 2012.

SOUZA, T. S. de; KANO, D.; SELLA, L. F.; ANDRADE, M. M. de. **Fique leve**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

SOUZA, J.; QUEIROZ, M.; ÍRAIDES, T. **Acordes**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

SORRILHA, M. Abigail Adams e o Papel das Mulheres na Revolução Americana. **Deviante - online**. Abr. 2021 Disponível em: <<https://www.deviante.com.br/noticias/abigail-adams-e-o-papel-das-mulheres-na-revolucao-americana/>> Acesso em: 02 jul. 2022.

STENCEL. R. A Essência da Integração Fé e Ensino. **Revista da Escola Adventista**. Engenheiro Coelho. v. 3,

STENCEL. R. História da Educação Superior Adventista: Brasil, 1969-1999. 325f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo, 2006.

SCHUNEMANN, H. E. S. O tempo do fim: uma história social da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil. 354 f. 2002. **Tese** (Doutorado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, São Paulo, 2002.

SCHUNEMANN, H. E. S. A Educação Confessional Fundamentalista no Brasil Atual: Uma análise do sistema escolar da IASD. **Revista Estudos da Religião. PUC/SP**, São Paulo, p. 71-97, set. 2009.

SCHUNEMANN, H. E. S A inserção do Adventismo no Brasil através da comunidade alemã. **Revista de Estudos da Religião- PUC/São Paulo**, v. 1 p. 27-40, 2003

SCHUNEMANN, H. E. S. O desenvolvimento das Escolas Paroquiais Adventistas no Brasil. **Revista Comunicações**. Editora UNIMEP/ São Paulo, SP. v. 12, p.89-103,2005.

SCHUNEMANN, H. E. S. A Análise a Formação de uma Ideologia Religiosa: O Caso da Igreja Adventista do Sétimo Dia. **Revista Estudos em Religião**. São Bernardo do Campo, São Paulo, v. 25, p. 83-98, jul./dez. 2003.

TEIXEIRA, A. **Educação no Brasil**. São Paulo: Cia. Editora Nacional 1969.

TEIXEIRA, C. F. A teologia do compromisso no pensamento de Ellen G. White: Uma perspectiva da liberdade cristã. 2012. 454 f. **Tese** (Doutorado em Ciências da Religião) Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012.

TIMM, A. R. **O santuário e as três mensagens angélicas**: fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas. São Paulo: Imprensa Universitária Adventista, 1998.

UNIÃO SUL BRASILEIRA, Igreja Adventista do Sétimo Dia. **Proposta Pedagógica**.Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2019.

VIEIRA, R. C. de. **A época e a obra pioneira de Guilherme Stein Jr**: um ensaio sobre as origens. Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 2015.

VIEIRA, C. E. Intelligentsia e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 8, n. 16, jan./abr. 2008.

WHITE, E. G. (1872). A devida educação. In: WHITE. E. G. **Testemunhos para a igreja**. v. 3. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009. p. 87-110.

WHITE, E. G. (1900). **Orientação da criança**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1954.

WHITE, E. G. (1872). **Fundamentos da Educação Cristã**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1974.

WHITE, E. G. (1889) **Conselhos sobre Educação**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1968.

WHITE, E. G. (1913). **Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1975a.

WHITE, E. G. (1903). **Educação**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1977.

WHITE, E. G. **Conselhos para a igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007a.

WHITE, E. G. **Obreiros evangélicos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007b.

WHITE, E. G. **Conselhos sobre saúde**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007c.

WHITE, Centro de pesquisas. **Biografia de Ellen G. White**. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/>>. Acesso em: 28 mar. 2022.

ZUCKOWSKI, J. Reforma de saúde - História e relevância teológica no movimento adventista. **Revista Parousia**, Engenheiro Coelho, v. 2, 2. sem., p. 95-111, 2010.